

**As Necrópoles alto-medievais do Concelho de Cascais
(Séculos VI e VII)**

Catarina Barradas Meira

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Versão revista após provas públicas

Setembro, 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Doutora Catarina Tente

Aos meus pais

À memória da minha avó Maria

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação representa a conclusão de um capítulo na minha vida e o início de outros. A sua realização é fruto da minha dedicação, do meu trabalho árduo e da minha vontade de ser bem-sucedida, mas é também o resultado do apoio daqueles que dispensaram tempo e sabedoria, ao longo de toda a investigação, e a quem devo um perpétuo obrigado.

Em primeiro lugar, um eterno agradecimento à minha orientadora, a Professora Dr.^a Catarina Tente, que dispensou todo o tempo e toda a paciência para me acompanhar neste desafio. Por todos os conselhos e pelas constantes palavras de encorajamento. Um obrigado por me abrir as portas à Arqueologia Medieval e pelas oportunidades que me tem dado de trabalhar e de aprender a seu lado.

Ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do seu Diretor, Dr. António Carvalho, e da Dr.^a Luísa Guerreiro, que me possibilitaram o acesso aos espólios arqueológicos em reserva.

Aos Drs. Severino Rodrigues e Susana Pombal, pelo acesso aos materiais conservados nas Reservas de Arqueologia do Museu Condes de Castro Guimarães e pelas informações que me prestaram sobre os sítios arqueológicos em questão.

À antropóloga Raquel Granja agradeço a incansável ajuda e o contributo imprescindível que deu a esta investigação, para a qual colaborou excepcionalmente no estudo dos restos humanos e na redação da metodologia antropológica.

À Sílvia Casimiro, pela disponibilidade em ajudar, especialmente naquela primeira abordagem aos ossos.

À Raquel Sousa, à Ana Marta Anastácio, à Ana Filipa Ferreira, à Bé dos Santos, à Olímpia Meirinho, ao Pedro Silva, à Catarina Ferreira e ao José Pedro Anastácio pelo apoio incondicional que me deram nesta fase. São amigos que guardarei para sempre no coração.

Aos meus pais, Joaquim e Rosária, que me ensinaram que o importante é fazermos aquilo que gostamos independentemente de quaisquer circunstâncias e que tudo é alcançável com o esforço do nosso próprio trabalho. À minha avó Francisca

agradeço todo o orgulho que tem em mim e todas as vezes que nos auxiliou quando necessitamos.

As Necrópoles alto-medievais do Concelho de Cascais

(Séculos VI e VII)

Catarina Barradas Meira

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia; Alta Idade Média; sepulturas

RESUMO

A presente dissertação teve como finalidade estudar os testemunhos arqueológicos respeitantes às práticas funerárias levadas a cabo no atual concelho de Cascais durante os séculos VI e VII.

As necrópoles em estudo são sítios bem conhecidos pelos investigadores, uma vez que a descoberta de algumas é precoce, datando de finais do século XIX. Com este trabalho, pretendeu-se introduzir uma série de componentes que a investigação privilegia atualmente, sobretudo no que respeita às vivências nos espaços rurais entre o fim do Império Romano e o domínio muçulmano na Península Ibérica.

A investigação desenvolvida baseou-se no estudo preliminar das coleções osteológicas de quatro das cinco necrópoles, bem como na prospeção e no levantamento arqueológicos. O inventário antropológico teve como objetivo apurar o número mínimo de indivíduos por necrópole e por sepultura e fazer uma caracterização básica do sexo e da idade dos inumados. A prospeção assentou na análise das fontes bibliográficas sobre os sítios. Os trabalhos de campo desenvolveram-se no sentido de apurar o estado de conservação dos vestígios, na eventual identificação de outros novos e no conseqüente levantamento gráfico e fotográfico dos mesmos. Foi igualmente examinado o espólio cerâmico e metálico recolhido aquando da escavação das necrópoles, de modo obter uma visão abrangente sobre os rituais funerários e a estabelecer cronologias mais precisas.

Embora se trate de um estudo limitado devido à inexistência de um registo mais rigoroso dos vestígios, foi possível tirar algumas conclusões e constatar alguns padrões. Os resultados possibilitaram apontar um conjunto de condições que se repetem nos locais onde estes cemitérios se implantam, percebendo dinâmicas em relação a fatores de carácter natural e de carácter antrópico. Também se apurou que existiriam diferentes formas de organizar os espaços funerários e que estes seriam constituídos por sepulturas muito diversas do ponto de vista construtivo. Além disso, começa-se a desvelar as razões para a reutilização de sepulturas para vários enterramentos e a entender a forma como as comunidades rurais conduziam os rituais funerários, ainda muito enraizados numa antiga matriz pagã.

The Early Medieval necropolis of the Municipality of Cascais

(VIth and VIIth centuries)

Catarina Barradas Meira

KEYWORDS: Archaeology; Early Medieval Ages; graves

ABSTRACT

The present dissertation had the intent to study the archaeological evidences concerning the funerary practices carried out in the municipality of Cascais during the sixth and seventh centuries.

The necropolis that were studied are well-known sites by the investigators, as the discovery of some of them is very early, dating from the late nineteenth century. This work intended to introduce a variety of aspects that are considered by current research, especially in what regards life in rural areas between the end of the Roman Empire and the Muslim occupation.

This research was based in the preliminary study of the osteological collections of four of the necropolis, as well as in survey and field record. The anthropological inventory aimed the minimum number of individuals' estimation per cemetery and per grave, along with a basic sexual and age characterization of the buried skeletons. Survey was based on the analysis of bibliographic sources on the sites. Fieldwork was conducted in order to determine the conservation status of the archaeological remains, to ascertain the identification of new ones and to proceed with its graphic and photographic record. It was also examined the ceramic and the metallic artefacts recovered in the necropolis' excavations, with the intention of providing a wider perspective over mortuary rituals and establishing more accurate chronologies.

Even though the study has restrictions due to the inexistence of a more rigorous record of the evidences, it was possible to make some conclusions and to find some patterns. The results allowed us to point out a series of repetitive elements in the areas where the necropolis are allocated, understanding their link with the natural and the cultural environment. It was also possible to verify the existence of varied ways of funerary space management. Those spaces were consisted of very different kinds of graves in regarding their construction. Besides, the motivations beneath the reutilization of tombs for a number of consecutive burials are starting to be unveil, as well as how the rural communities still led their funerary ceremonies in a deep-rooted pagan way.

ÍNDICE

I. Introdução	1
1.1. Apresentação e organização do conteúdo	3
1.2. Objetivos.....	4
1.3. Enquadramento geográfico e caracterização biofísica.....	6
1.4. O Estado da Arte – a investigação arqueológica nas necrópoles de Cascais.....	9
II. Metodologia	17
2.1. Antropologia: Idade à morte, Determinação do sexo e Número Mínimo de Indivíduos 19	
2.2. Análise do espólio funerário	22
2.2.1. Cerâmica	23
2.2.2. Metais	27
2.3. Trabalho de campo: a prospeção e o registo.....	28
III. As Necrópoles	31
3.1. Alcoitão.....	33
3.1.1. O Espólio	41
3.1.1.1. Cerâmico	41
3.1.1.2. Metálico	43
3.1.2. Interpretação.....	43
3.2. Casais Velhos.....	47
3.2.1. O Espólio	54
3.2.1.1. Cerâmico	56
3.2.1.2. Metálico	57
3.2.2. Interpretação	62
3.3. Abuxarda.....	65
3.3.1. O Espólio	68
3.3.1.1. Cerâmico.....	69
3.3.1.2. Metálico	69
3.3.1.3. Outros	78
3.3.2. Interpretação	80
3.4. Murches.....	83
3.4.1. O Espólio	87

3.4.1.1. Cerâmico.....	87
3.4.2. Interpretação.....	88
3.5. Grutas do Poço Velho	93
3.5.1. O Espólio	97
3.5.1.1. Metálico.....	97
3.5.2. Interpretação.....	97

IV. Para uma reconstituição do mundo funerário alto-medieval no concelho de Cascais:

resultados e discussão.....	103
4.1. Implantação geográfica das necrópoles	105
4.2. Organização interna do espaço sepulcral	107
4.3. Arquitetura funerária	110
4.3.1. Sepulturas de lajes.....	112
4.3.2. Sepulturas em fossa.....	114
4.4. Paleodemografia	115
4.5. Os espólios funerários	120
4.6. O ritual funerário.....	126

Conclusão.....	131
-----------------------	------------

Bibliografia.....	139
--------------------------	------------

Anexos

Anexo I: Documentação cartográfica introdutória

Anexo II: Documentação cartográfica, gráfica e fotográfica das necrópoles e dos seus espólios

II. 1 Alcoitão

II. 2 Casais Velhos

II. 3 Abuxarda

II. 4 Murches

II. 5 Grutas do Poço Velho

I. Introdução

1.1. Apresentação e organização do conteúdo

A presente dissertação, intitulada *As Necrópoles Alto-Medievais do Concelho de Cascais*, tem como objeto de estudo as práticas funerárias no atual concelho de Cascais (Lisboa) entre os séculos VI e VII, período comumente integrado na Alta Idade Média.

A Arqueologia percorre agora os primeiros passos no sentido de melhor explicar as manifestações funerárias da Alta Idade Média e os estudos apresentam-nos a clara noção de que as sepulturas são verdadeiros espelhos dos modos como as comunidades humanas encaravam a morte e da forma como as suas crenças espirituais e/ou religiosas condicionavam os espaços onde depositavam os restos mortais dos que lhes eram próximos. Assim como são importantes testemunhos do mundo dos mortos, os espaços cemiteriais são também reflexo do mundo dos vivos. Não se pode descartar o papel que desempenham nos sistemas de interação social, nem nas estratégias de ocupação territorial.

O trabalho encontra-se estruturado em cinco partes distintas. A primeira corresponde a este capítulo introdutório que tem como finalidade expor o estado atual do conhecimento acerca dos testemunhos funerários alto-medievais no território português, bem como o ponto de situação da investigação no concelho de Cascais. A partir desse enquadramento são enunciados os objetivos que se pretendem alcançar com este trabalho científico.

O segundo capítulo constitui uma explicação aos métodos de trabalho utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, nomeadamente no que concerne à definição de critérios para a atribuição de um *Número Mínimo de Indivíduos* (NMI) no inventário osteológico e de parâmetros orientadores na análise do espólio arqueológico – cerâmico e metálico. Também integram este capítulo as metodologias adotadas durante os trabalhos de prospeção.

O Capítulo III representa a base desta dissertação: trata-se da catalogação de testemunhos referentes ao mundo funerário da Alta Idade Média nas necrópoles de Alcoitão, Abuxarda, Murches, no sítio de Casais Velhos e nas Grutas do Poço Velho (Anexo I: 3), abordando a investigação arqueológica, o tipo de evidências que se puseram a descoberto e os dados recolhidos através do estudo da cerâmica, dos metais

e das ossadas de cada sítio. Neste capítulo não serão incluídas a necrópole da *villa* romana de Miroiço, uma vez que o espólio ainda se encontra na posse da Associação Cultural de Cascais para ser estudado pelos responsáveis da escavação, nem a necrópole de Talaíde, por se situar já nos limites do concelho. As sepulturas escavadas na rocha são um tipo de estrutura que ainda não foi identificada no âmbito geográfico em estudo e, por esse motivo, também não integrarão esta investigação.

O quarto capítulo aborda o significado de todas as realidades que foram tidas em conta neste estudo, procurando dar uma visão integradora de todos os testemunhos arqueológicos dentro do contexto geográfico em questão. Nesse sentido, este capítulo encontra-se subdividido em seis subpontos, onde são discutidos e refletidos vários elementos que permitirão esclarecer e, sobretudo, clarificar os contornos culturais e cronológicos ainda pouco nítidos deste tema, com o intuito de promover o diálogo sobre a topografia cristã, a disposição dos sepulcros nos espaços funerários, os rituais implícitos e a arquitetura da morte.

O Capítulo V corresponde a uma apreciação final do trabalho e ao momento em que são elaborados comentários que estimulem o desenvolvimento de metodologias e de linhas de investigação inovadoras, de forma a trazer alguma luz a uma temática tão lúgubre.

Por fim, no que aos anexos concerne, optou-se por fazer uma divisão. O Anexo I diz respeito à documentação cartográfica introdutória, que incluiu a localização do concelho na Península Ibérica e em Portugal, a divisão administrativa municipal e a projeção cartográfica dos sítios arqueológicos em estudo na Carta Militar de Portugal (CMP). O Anexo II apresenta para cada uma das necrópoles um excerto da CMP e do *Google Earth*, bem como documentação gráfica e fotográfica dos espólios funerários e das sepulturas escavadas.

1.2. Objetivos

Assim, deseja-se compreender as razões da implantação geográfica em relação a espaços de habitat, a cursos de água, a áreas de captação de recursos, a antigas vias e caminhos e a sítios de cronologia romana que desempenharam uma importante fonte

de obtenção de materiais de construção. Pretende-se igualmente ressaltar outros aspetos relevantes das suas localizações, como o tipo de solo que ocupam e se se tratam de ocupações em vales ou sítios em altura.

Torna-se igualmente imprescindível analisar rigorosamente os recintos funerários, nomeadamente no que concerne à sua organização interna, avaliando a possibilidade de ter havido ou não um planeamento prévio na disposição das sepulturas, mesmo que tal apenas se reflita na orientação dos sepulcros. No âmbito da arquitetura funerária tentar-se-á perceber o tamanho real da diversidade tipológica das sepulturas, demonstrando que determinado modelo arquitetónico pode ter inúmeras variantes.

É finalidade deste trabalho averiguar a possibilidade de existirem áreas de inumação diferenciada a determinados indivíduos, sejam crianças, mulheres ou pessoas que se fizeram acompanhar por espólios. Uma vez que os espólios são os únicos elementos datantes deste tipo de contextos, afigura-se necessária a análise da cerâmica e dos objetos metálicos que foram sendo reunidos no âmbito de recolhas aleatórias e de escavações. De modo a cumprir este objetivo e de descodificar um pouco mais o universo dos rituais funerários e das relações sociais inerentes, torna-se crucial entender os motivos para a presença e para a ausência de espólios no interior das sepulturas e as razões para a utilização de sepulcros para mais do que um enterramento.

Parte fulcral desta investigação será a de apurar o atual estado de conservação dos sítios e dos vestígios conhecidos.

O debate acerca do universo funerário da Alta Idade Média já não é novo no seio da comunidade científica e tem sido conduzido por inúmeros investigadores a nível europeu. As problemáticas que o assunto comporta impelem cada vez mais para a elaboração de modelos explicativos que tentem solucionar as suas dificuldades, seguindo nomeadamente vias de interpretação que o relacionem a estratégias de povoamento rural.

Não se prevê fácil o caminho que aqui se tentará traçar. Mesmo a associação de estratégias de povoamento rural a manifestações funerárias torna-se difícil tendo em conta a escassez de fontes históricas para o período que integra os séculos VI e VII, a impercetibilidade de alguns contextos habitacionais e a ausência de restos osteológicos

ou de materiais no interior das sepulturas, originada por espoliações e/ou pela acidez dos solos e dos afloramentos rochosos que não permitem a sua conservação.

O concelho de Cascais não foge às contrariedades anteriormente enunciadas que o tema suscita. Além da carência e dos problemas das próprias realidades arqueológicas, que dificultam o surgimento de novas linhas de investigação, em Cascais debate-se com a dispersão do conhecimento acerca do concelho: este estudo é dificultado pela falta de ensaios científicos sobre a matéria – seja pelas necrópoles, seja pela Alta Idade Média - e pela clara preferência dos investigadores pelos contextos romanos.

1.3. Enquadramento geográfico e caracterização biofísica

O concelho de Cascais fica situado a sudoeste da Península de Lisboa, num dos pontos mais ocidentais da Península Ibérica (Anexo I: 1 e 2). Ocupa uma superfície de 97,4 km², que se estende no eixo Oeste-Este, e encontra-se limitado a Norte pela Serra de Sintra, a Sul e a Oeste pelo Oceano Atlântico e a Este pelo concelho de Oeiras. Antes da reforma administrativa nacional de 2013, o concelho dividia-se em seis freguesias: Cascais, Estoril, Alcabideche, São Domingos de Rana, Parede e Carcavelos¹.

Geomorfologicamente, o território cascalense é modelado pela Serra de Sintra e pelo encaixe originado pela rede hidrográfica. O ponto mais elevado situa-se no Norte do município a 465 metros de altitude, a partir do qual o relevo vai diminuindo em declives suaves. À medida que nos afastamos da linha de costa, a altitude a que se encontram determinadas localidades tende a aumentar: algumas localidades, nomeadamente Murches, Alcabideche, Bicesse, Trajouce e Talaíde, encontram-se acima dos 100 metros de altitude (DGPU/DPDM, 2013, p. 111). O relevo é por norma pouco acidentado, uma vez que 49% da superfície tem um declive inferior a 5%; as exceções correspondem à área da Serra de Sintra e ao entalhe gerado pelas linhas de água, do

¹ A reforma administrativa que afetou as freguesias a nível nacional ditou que o concelho de Cascais ficasse confinado a apenas 4 subdivisões: Cascais e Estoril, Alcabideche, São Domingos de Rana, Carcavelos e Parede. De modo a melhor localizar os sítios arqueológicos mencionados, irá prevalecer a subdivisão territorial ante-2013.

qual se destacam os declives nas ribeiras da Foz do Guincho, das Vinhas, da Penha Longa, de Caparide e Ribeira da Laje (DGPU/DPDM, 2013, p. 111).

O território de Cascais é caracterizado por numerosos cursos de água de pequeno comprimento, cujo escoamento se desenvolve de Norte-Sul na costa sul e de Este-Oeste na costa oeste (DGPU/DPDM, 2013, p. 109). Muitas das linhas de água, de regime perene, nascem no maciço da Serra de Sintra e são geradores de vales (DGPU/DPDM, 2013, p. 111).

Do ponto de vista geológico, o território do concelho é fundamentalmente marcado pelo maciço eruptivo de Sintra. Na parte mais ocidental do concelho, os afloramentos que se registam nas formações de Maceira, Rodízio, Cresmina, Cabo Raso e Guincho revelam rochas sedimentares - calcários, arenitos, margas e pelitos -, as quais foram resultado da acumulação de sedimentos em meio marinho ainda durante o Cretácico Inferior (140 milhões de anos). A plataforma de Cascais foi moldada por formações mais recentes, datadas do Mesozóico e do Cenozóico, que se caracterizam por um declive suave para Sul a partir da Serra de Sintra e que em alguns pontos se encontram cobertas por areias depositadas através da ação do oceano e do vento, cuja acumulação deu origem a dunas e a areias de praias (DGPU/DPDM, 2013, p. 101). Esta plataforma é igualmente definida por vales encaixados de cursos de água, onde assentam aluviões, situação bem representada pela ribeira das Vinhas e pela ribeira da Foz do Guincho. A parte mais oriental do território cascalense, inserida no Complexo Vulcânico de Lisboa (85 milhões de anos), ditou a representatividade de basaltos na zona do Cabeço do Mouro, do Alto de Bicesse e de Pau Gordo, mas também de granitos, gabros, dioritos e sienitos, originados pela ascensão de magma à superfície. A nascente do concelho, numa faixa que se estende desde o Forte de São Julião da Barra até Sassoeiros, registam-se, além de aluviões, outras formações do Miocénico (20 milhões de anos) (DGPU/DPDM, 2013, p. 101).

No que aos solos concerne, o concelho de Cascais tem pouca representatividade nos solos de Classe A, B e C caracterizados pela sua excelente, boa e moderada aptidão agrícola respetivamente. Os solos de classe A são solos que contêm calcários, margas, arenitos, dolomitos e depósitos descontínuos de aluviões e encontram-se sobretudo nos vales das principais linhas de água, nomeadamente nos vales das ribeiras de

Manique/Caparide, de Bicesse, da Amoreira, das Marianas e de Sassoeiros. A aptidão agrícola destes locais está também sujeita à baixa altitude do relevo (entre 0 e 50 metros), aos leves declives (inferiores a 5%), à boa exposição solar e à abundância de água (DGPU/DPDM, 2013, p. 119). Os solos de classe B, localizados nos leitos de cheia da Ribeira da Foz do Guincho e da Ribeira das Vinhas, são marcados por uma relativa pedregosidade e por secura associada à baixa capacidade de água aproveitável (DGPU/DPDM, 2013, p. 120). Os solos de classe C apresentam limitações acentuadas e apenas podem comportar uma atividade agrícola pouco intensiva; exemplo disso são os terrenos da Biscaia, na Figueira do Guincho e na área florestal da Serra de Sintra (DGPU/DPDM, 2013, p. 121). Nos solos de classe D constatam-se condições muito desfavoráveis à prática agrícola, especialmente por se tratarem de solos argiluvitados; observam-se em zonas de falésia e de ventos fortes, fatores adversos ao crescimento de vegetação e que se verificam no Sistema Dunar Guincho-Cresmina (DGPU/DPDM, 2013, p. 122). Por fim, os solos de classe E, com grande expressão no Parque Natural Sintra-Cascais, caracterizam-se pela sua reduzida aptidão agrícola devido à esmagadora presença de afloramentos rochosos (DGPU/DPDM, 2013, p. 123).

A vegetação do território em estudo apresenta uma grande diversidade que varia geograficamente. A norte, na área que corresponde ao Parque Natural Sintra-Cascais e onde predomina a maior parte das espécies vegetais, abundam os matos com sabinas-das-praias (*Juniperus turbinata*) e carrascos (*Quercus coccifera*) e os pinhais com sobreiro (*Quercus suber*) e o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) (DGPU/DPDM, 2013, pp. 139-140).

Relativamente ao clima, as condições que o definem posicionam-no como sendo do tipo temperado mediterrânico. Dada a sua proximidade com o mar, esta região beneficia de temperaturas amenas que rondam em média os 21,7 °C durante o Verão e os 12,0 °C durante o Inverno (DGPU/DPDM, 2013, p. 106). A intensidade do vento é geralmente fraca na maior parte do ano, registando-se as rajadas mais fortes junto às praias do Guincho e da Guia e diminuindo quando se progride para o interior; os ventos mais fracos observam-se nas localidades de Tires e Trajouce (DGPU/DPDM, 2013, p. 103). Janeiro apresenta-se como o mês mais chuvoso e mais húmido com uma

precipitação média de 109 mm e, por oposição, Agosto é o mês em que menos chove (0,1 mm) (DGPU/DPDM, 2013, p. 104).

1.4. O Estado da Arte – a investigação arqueológica nas necrópoles de Cascais

O início da arqueologia alto-medieval e os estudos acerca das sepulturas e das necrópoles compreendidas entre os séculos V e VIII remontam aos finais do século XIX em Portugal. As primeiras linhas de investigação tiveram quase exclusivamente como base os espólios que se encontravam no interior das sepulturas e especialmente aquilo que os relacionava, de forma direta ou indireta, à sua essência étnica. Quando começaram a surgir as primeiras necrópoles, os investigadores viam nesses testemunhos a presença de povos invasores que tinham trazido consigo uma nova cultura (consubstanciada nos bens materiais) inerente à sua origem germânica. Tal postura teórica estava naturalmente enformada nas ideias histórico-culturalistas que defendiam que a cultura material seria um indicador de etnicidade. Assim supunha-se que um determinado grupo humano partilhava características comuns para se distinguir de outros grupos forâneos, nomeadamente no que respeita à sua proveniência, aos bens materiais e até mesmo à sua fisionomia (diga-se “eticidade biológica”) (QUIRÓS CASTILLO e VIGIL-ESCALERA, 2011, p. 159).

As primeiras décadas do século XX foram determinantes para a formação de uma subcategoria da Arqueologia histórica – o que os autores denominaram “*teoria visigoda*” (QUIRÓS CASTILLO e VIGIL-ESCALERA, 2011, pp. 160-161) -, que teve o seu expoente máximo na Alemanha e nos ideais de Gustaf Kossina. Os estudos sobre os “cemitérios visigóticos” fundamentavam-se sobretudo na documentação escrita e no aumento substancial das intervenções arqueológicas nessas necrópoles (HALSALL, 2011, p. 18). Nos anos 30, o paradigma étnico-cultural tornou-se totalmente hegemónico em Espanha devido aos trabalhos de Julio Martínez Santa-Olalla, muito influenciado pela abordagem do Nacionalismo alemão e pela emergência do Fascismo espanhol. Santa-Olalla ficou responsável pela análise estilístico-formal de espólios funerários ligados especialmente à indumentária, isto porque na sua linha de pensamento e na dos restantes histórico-culturalistas o vestuário era uma forma de diferenciação étnica, ao

qual se juntava as armas e os rituais de enterramento, onde se integram as necrópoles com sepulturas alinhadas – os *Reihengräberfelder* de acordo com a literatura alemã (TEJERIZO GARCÍA, 2011, pp. 32-33). É igualmente a ele, e às suas classificações tipológicas, que se deve a atribuição cronológica destas necrópoles num intervalo de tempo que compreende os finais do século V e os finais do século VI (TEJERIZO GARCÍA, 2011, p. 32).

Ainda em Espanha, no contexto de pós-Segunda Guerra Mundial, Pedro de Palol introduziu um novo conceito que relevava o substrato romano no posterior Reino Visigodo e o papel do Cristianismo e da influência bizantina nos espólios funerários – o “Hispanorromanismo”. A partir deste momento começaram a usar-se termos como Arqueologia “Paleocristã” ou “Hispanovisigoda” numa tentativa de conceptualizar a ideia de duas culturas que se fundiram após a sua confissão ao Cristianismo, especialmente a partir do ano de 587 com a conversão de Recaredo (TEJERIZO GARCÍA, 2012). A cultura e a etnia continuavam a moldar as materialidades da Alta Idade Média, ainda que se deixasse de falar em matriz germânica e se passasse a reforçar uma cristã.

No nosso país, estas temáticas manifestaram-se no pioneirismo dos trabalhos arqueológicos de Francisco Paula e Oliveira na década de 1880 em Cascais; de Estácio da Veiga no Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), na necrópole do Rossio do Carmo (Mértola) e na necrópole da Achada de S. Sebastião em 1876 (Mértola); e de Manuel Heleno nas necrópoles de Silveirona em 1934 (Estremoz). Não menos importantes as publicações de José Leite de Vasconcellos – *As Religiões da Lusitânia* (1913) – e de Vergílio Correia – «*A Arte Visigótica*» (1928) -, as quais teciam algumas considerações sobre peças arquitetónicas, achados epigráficos, numismáticos e adereços de adorno pessoal.

O eco das propostas científicas do pós-Segunda Guerra fez-se sentir nos trabalhos que Fernando Russell Cortez e D. Fernando de Almeida publicaram - «*Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal. Séculos V a VII (alguns elementos para sua cronologia)*» (1950) e «*A Arte Visigótica em Portugal*» (1962), respetivamente. Apesar de persistir a primazia dos estudos crono-tipológicos, os anos 50 e 60 do século XX ficaram marcados pelos primeiros inventários de achados e de estações arqueológicas de época visigoda então conhecidas no território português.

A década de 1980 em Portugal foi determinante para o desenvolvimento da arqueologia da Alta Idade Média e para a evolução das linhas metodológicas aplicadas aos contextos funerários deste período. Os principais avanços foram propiciados pela identificação de sepulturas de cronologia alto-medieval em *villae* romanas e em edifícios de culto atribuíveis ao Cristianismo primitivo, dos quais se exaltam as escavações realizadas pelo Campo Arqueológico de Mértola nas necrópoles do Rossio do Carmo (TORRES e MACÍAS, 1993) e da Achada de São Sebastião (LOPES, 2003), ambas em Mértola, e por Justino Maciel e H. Coutinho na basílica do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) (MACIEL, 1996; COUTINHO, 2005). A partir deste momento outros aspetos relativos ao mundo funerário foram tidos em consideração: os preceitos arquitetónicos das sepulturas, a organização interna das necrópoles e a presença de elementos epigráficos, escultóricos e decorativos.

O desenvolvimento da arqueologia preventiva e o aumento exponencial de intervenções com um carácter de emergência possibilitaram a introdução uma série de inovações metodológicas de carácter prático e teórico que impactaram qualitativamente o registo arqueológico. Dessas aportações há que sublinhar a escavação em extensas áreas, que permitiram a descoberta de contextos inéditos, nomeadamente de espaços de habitat e de necrópoles de grandes dimensões, e o papel que os estudos bioantropológicos desempenham no momento de apresentar teorias sobre os rituais funerários e a constante reutilização de sepulcros. É igualmente consensual que a aplicação de métodos de datação absoluta se torna cada vez mais imprescindível para afunilar cronologias e para colmatar as limitações que os estudos crono-tipológicos apresentam. Data de 1995 a primeira datação por Radiocarbono utilizada para um contexto funerário em Portugal, apresentada por João Luís Cardoso e Guilherme Cardoso aquando da escavação da necrópole de Talaíde, em Cascais (CARDOSO e CARDOSO, 1995).

A história da investigação sobre as necrópoles alto-medievais não teria a importância que tem se dela não tivesse resultado qualquer conhecimento científico. A partir da investigação que se desenvolveu, a única certeza é que o mundo das práticas funerárias revela-se através da Arqueologia como um fenómeno muito heterogéneo, o qual se manifestou quer nas tipologias de necrópoles, quer nos tipos de sepulturas.

Puderam definir-se os vários tipos de estruturas de inumação: sepulturas em fossa, abertas diretamente no solo; sepulturas de lajes (ou “em caixa”, ou “em cista”), estruturadas por blocos de pedra; sepulturas escavadas na rocha; e sarcófagos elaborados em monólitos de pedra. Embora os testemunhos sejam pautados por uma diversidade significativa, todos eles são estudados com o mesmo grau de relevância para o período cronológico em estudo, uma vez que podem coexistir num mesmo espaço cemiterial.

Não será feito um estado da questão, nem uma investigação relativamente às sepulturas escavadas na rocha, já que este tipo de estrutura ainda não foi identificada no âmbito geográfico e cronológico em estudo.

A diferença mais visível entre as sepulturas em fossa e as sepulturas de lajes é a existência ou a inexistência da delimitação do sepulcro através de esteios de pedra. No entanto, essa variabilidade tipológica não passa somente pela definição exterior do contentor funerário. A diversidade arquitetónica que se regista neste tipo de contextos resulta igualmente da preparação dos fundos das sepulturas; das soluções que garantem a estabilidade das paredes dos sepulcros, nomeadamente os materiais construtivos e as argamassas; a presença de tampas de cobertura; ou até o revestimento das paredes das sepulturas.

Os contextos funerários são também inúmeros: esta variedade tipológica de sepulcros pode ser encontrada em necrópoles de antigas *villae* romanas, em necrópoles urbanas, em necrópoles rurais e mais raramente em gruta (TENTE e CARVALHO, 2015), apresentando por sua vez dimensões - isto é, número de sepulturas - muito variadas. As sepulturas podem aparecer com ou sem uma organização espacial coerente, fenómeno esse que pode ser desencadeado por um maior ou menor planeamento prévio.

**

Afirmou Afonso do Paço que Francisco Paula e Oliveira foi o primeiro a fazer referência a objetos arqueológicos de “influência germânica” existentes em Cascais (PAÇO, 1960, p. 7) numa Comunicação da Comissão dos Trabalhos Geológicos em 1888,

após ter percorrido todo o concelho e ter anotado todas as evidências com que se deparava. No artigo *“Antiquités Préhistoriques et Romaines des environs de Cascaes”* integrante dessa comunicação, Paula e Oliveira enumerou um conjunto de sítios integrados cronologicamente desde a Pré-História à ocupação romana. Foi ele o responsável pela identificação de três cemitérios de grande dimensão em Alcabideche, os quais classificou como romanos – os cemitérios de Alcoitão, da Abuxarda e de Murches (OLIVEIRA, 1888-1892). Em Alcoitão relatou ter encontrado 34 sepulturas de lajes, alinhadas em filas no sentido Norte-Sul e orientadas a Nascente, disposição que observou também na Abuxarda (mas neste último sem referir o número de sepulturas). Notou igualmente nos dois cemitérios o reaproveitamento dos túmulos que acumulavam dois ou mais indivíduos, havendo em Alcoitão um sepulcro que continha cinco (OLIVEIRA, 1888-1892, pp. 6-7).

Baseado nos estudos tipológicos de Julio Martínez Santa-Olalla, Afonso do Paço não hesitou em atribuir às pulseiras, aos anéis de bronze, às fivelas de cinturão e a uma vasilha de barro exumados dessas necrópoles a “influência germânica” (PAÇO, 1960, p. 13), sendo as fivelas os únicos testemunhos passíveis de atestar uma cronologia. Sobre uma fivela encontrada nas Grutas do Poço Velho (Cascais) por Carlos Ribeiro em 1876 já esse autor se tinha pronunciado, em 1947, num estudo de homenagem a Santa-Olalla (PAÇO e FIGUEIREDO, 1947): fundamentando-se em *Esquema de la Arqueología Visigoda* de Santa-Olalla, Afonso do Paço e Fausto de Figueiredo integraram essa placa na tipologia bizantina; no entanto, não se provando que as necrópoles existentes em Cascais fossem bizantinas, essa fivela seria um indício de redes comerciais e não de domínio político (PAÇO e FIGUEIREDO, 1947, p. 20).

Na década de 40, A. do Paço e F. de Figueiredo iniciaram os trabalhos arqueológicos na estação dos Casais Velhos, situada na Areia (Guincho), dos quais resultou o artigo *Vestígios romanos de los «Casais Velhos»* apresentado no I Congresso Nacional de Arqueologia em Almería, em 1949. Aí deram conta de um conjunto de sepulturas orientadas no sentido Este-Oeste que constituíam dois locais de enterramento distintos, um à direita e outro à esquerda do complexo termal (PAÇO e FIGUEIREDO, 1950, p. 310). O complexo termal e industrial dos Casais Velhos continuou a ser alvo de intervenções nos finais dos anos 60 por parte de Octávio da Veiga Ferreira

e de António Castello Branco: foi identificado um terceiro local de enterramento, mas o total do número de sepulturas ficou por apurar, apenas referindo um “*cemitério de grande dimensão com sepulturas para ricos e para pobres*” (BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 17).

A década de 70 foi determinante para a Arqueologia em Cascais: em 1972, Guilherme Cardoso iniciou trabalhos de prospeção e de levantamento por todo o concelho que culminaram na Carta Arqueológica de Cascais (CARDOSO, 1991). Fruto dessa procura por vestígios arqueológicos, escavou com João Luís Cardoso em 1975 a necrópole de Talaíde (São Domingos de Rana), onde foram identificadas 29 sepulturas de inumação: tratou-se de um exemplo pioneiro em Portugal no estudo deste tipo de evidências, nomeadamente no que respeita à apresentação de datações por Radiocarbono. Ainda assim, estas datações carecem de revisão, já que proporcionaram um intervalo de tempo muito alargado, que se estende do século III ao século IX d.C. (CARDOSO e CARDOSO, 1995, p. 413), resultado de questões inerentes à fiabilidade de datações por AMS (*Accelerator Mass Spectrometry*).

Mais recentemente, em 1999, Guilherme Cardoso e José d’Encarnação intervencionaram a *villa* romana de Miroiço (São Domingos de Rana), onde se puseram a descoberto 32 sepulturas de inumação, estendendo a utilização desta necrópole desde o século IV ao VII d.C. (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 1999, p. 37). O estudo da necrópole ainda está por fazer, visto que o espólio continua na posse dos responsáveis pela escavação e, por isso, não foi integrada neste trabalho.

II. Metodologia

2.1. Antropologia: Idade à morte, Determinação do sexo e Número Mínimo de Indivíduos

Com a ajuda da antropóloga Raquel Granja foi levado a cabo um estudo preliminar das coleções osteológicas das necrópoles de Alcoitão, Abuxarda e Muches, depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, e de Casais Velhos no Museu Condes Castro Guimarães, uma vez que isso constituiria uma parte significativa desta investigação. Tratam-se de ossadas provenientes de recolhas científicas antigas e que permaneciam até à data deste estudo intocáveis e por examinar. Exceção feita à coleção da necrópole de Alcoitão que foi analisada parcialmente por M. B. Barbosa Soeiro e por A. M. Viana Fernandes, e cujo estudo resultou na publicação «*O índice cnémico nas tíbias humanas das estações romanas da Alcoutão e Fonte do Padre Pedro*» em 1933 e, ainda, por Maria Augusta Rocha, o qual culminou em «*Características de uma população romana (?) de Cascais*» em 1970. O primeiro estudo concerniu a análise da secção da diáfise de duas tíbias, uma direita e uma esquerda, de modo a apurar a relação entre o diâmetro transversal e o diâmetro sagital: constatou-se, através da utilização de três propostas da escola de Antropologia francesa, que havia uma tendência para se apresentarem achatadas no sentido transversal ao nível do buraco nutritivo e com a espessura igual à largura ao nível do meio da diáfise (SOEIRO e BARBOSA, 1933, pp. 229 e 231). O trabalho de Maria Augusta Rocha passou pelo estudo de 26 crânios e 19 mandíbulas masculinas e 23 crânios e 12 mandíbulas femininas que se encontravam na posse do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra: pôde-se apurar que as faces eram mais altas nos homens do que nas mulheres, que as órbitas eram de tamanho médio, tendendo para altas, os narizes eram estreitos e os palatos eram geralmente largos (ROCHA, 1970, p. 161). Quando comparados com os restos osteológicos de outras necrópoles romanas - Tarragona, Ampúrias (Gerona), Lluchmayor (Malhorca) e Silveirona (Estremoz) -, estes resultados não eram estatisticamente diferentes (ROCHA, 1970, pp. 163-166).

Pretendeu-se com o atual estudo preliminar apurar o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) por necrópole e por sepultura, de modo a perceber as dinâmicas de deposição funerária, nomeadamente a frequência da reutilização dos sepulcros e a consequente seleção e disposição dos vários indivíduos dentro de uma sepultura. As

várias necrópoles estudadas apresentam registos de depósito diferentes: para aquelas em que se conhecem as sepulturas de proveniência dos esqueletos foram deixados de parte os ossos para os quais não havia indicação de sepultura; para aquelas em que não se conhece a sepultura de origem, foram tidas em conta todas as peças esqueléticas, mas apenas se apresentará a porção anatómica que determinou o NMI. Tal opção tem que ver com a morosidade do processo e com a própria essência da presente dissertação, cujo objetivo é principalmente arqueológico mas que não deixou de valorizar a componente antropológica. Assim, note-se que o NMI corresponderá a um valor numérico aproximado. Podem ser vários os motivos que justifiquem algumas coleções osteológicas não terem sepulturas atribuídas: 1) perda do registo escrito; 2) confusão na transferência do espólio do Museu dos Serviços Geológicos ou do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra para o Museu Nacional de Arqueologia (apenas no caso da necrópole de Alcoitão); 3) podem tratar-se de restos de ossários; 4) as ossadas podem ter sido recolhidas de forma indiscriminada; 5) as sepulturas já não conservariam restos humanos. Se porventura a causa tenha sido a perda do registo, apenas um estudo antropológico mais detalhado poderá apurar se algum osso pertenceria a uma das sepulturas conhecidas, através da análise das porções anatómicas em falta.

Para a estimativa do NMI foi utilizado um método proposto por Herrmann *et all.* (1990) para os ossos longos, considerando as adaptações de Silva (1993; 2002) que tem em conta a lateralidade e o estado de maturação para a estimativa do NMI de restos ósseos pertencentes a indivíduos imaturos. Sempre que possível efetuou-se um cruzamento com as frequências das restantes peças esqueléticas (crânios, coxais, mãos, pés e dentes), tendo em conta a dimensão relativa e o estado de maturação.

Quando se tratou da idade à morte, foram postos de parte os termos “adulto” e “não-adulto”, uma vez que exaltam a posição social dos indivíduos dentro da sua comunidade. Assim, foram utilizados os conceitos “maturo” e “imaturo” como forma de relevar a essência biológica dos indivíduos.

A estimativa da idade à morte foi efetuada através do grau de fusão das epífises (Tabela 1), do comprimento das diáfises (SCHEUER & BLACK, 2000; CARDOSO, 2008a; CARDOSO, 2008b; SCHAEFER *et all.*, 2009) e da erupção (UBELAKER, 1979) e calcificação

dentárias (SMITH, 1991). Sempre que possível, deu-se preferência aos resultados obtidos com os dentes, uma vez que os ossos são mais suscetíveis a pressões negativas no decurso do seu desenvolvimento e crescimento do que os dentes durante a erupção e calcificação dentárias, o que faz com que a idade obtida mediante este último indicador seja mais próxima da idade cronológica e a dos ossos da idade biológica (SCHEUER & BLACK, 2000). Frequentemente também se alegou a dimensão relativa para determinar a maturidade do osso na ausência de indicadores etários mais precisos. A presença de patologia degenerativa articular também foi utilizada, já que indicia uma idade superior a 40 anos (WALDRON, 2009).

TABELA 1 - ESTIMATIVA DA IDADE À MORTE (EM ANOS) ATRAVÉS DA FUSÃO EPIFISIÁRIA (CARDOSO, 2008a)

Osso	Sexo	Não fundida	Parcialmente fundida	Fundida
Clavícula	Masculino		19-25	
	Feminino		17-27	

Aferir o sexo dos indivíduos em estudo foi outra preocupação desta investigação. Visto que é depois da puberdade que o dimorfismo sexual é mais significativo, não foi realizada a diagnose para os indivíduos imaturos. No caso dos maturos, o osso que melhor caracteriza do ponto de vista morfológico as diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino é o coxal (com uma fiabilidade de 95%). Para distinguir o sexo dos indivíduos maturos através deste osso utilizou-se o método de Bruzek (2002), os métodos reunidos por Buikstra e Ubelaker (1994) e as recomendações de Ferembach *et all.* (1979).

A escassa presença de coxais nas coleções levou a que se adotassem os indicadores sexuais dos crânios (BUIKSTRA e UBELAKER, 1994), ainda que menos dimórficos que o coxal.

Outros ossos do esqueleto apendicular podem contribuir, em termos métricos, para a diagnose sexual, embora com uma fiabilidade mais reduzida que a do coxal. Para isso, aplicaram-se os pontos de cisão² apontados por Wasterlain (2000) para os úmeros,

² Com percentagens de acertos corretos nas coleções de esqueletos identificados superiores a 80%.

os fêmures e as tíbias, e os determinados por Silva (1995) para os calcâneos e os astrágalos (Tabela 2).

TABELA 2 - MEDIDAS VALORIZADAS PARA A DIAGNOSE SEXUAL

Osso	Wasterlain (2000)	Silva (1995)
Úmero	Diâmetro vertical da cabeça Diâmetro transversal da cabeça Largura epicondiliana	
Rádio	Comprimento máximo	
Fémur	Diâmetro vertical da cabeça Diâmetro transversal da cabeça	
Tíbia	Diâmetro transversal ao nível do buraco nutritivo Diâmetro ântero-posterior ao nível do buraco nutritivo	
Astrágalo		Comprimento máximo
Calcâneo		Comprimento máximo

Não se pode secundarizar o fato de os dados métricos e não-métricos terem como base populações mais recentes – p.e. CARDOSO, 2008a; CARDOSO, 2008b: coleção de esqueletos identificados de Lisboa -, pelo que comparações têm de ser levadas com a devida cautela. Determinadas características físicas podem variar de população para população, entre sexos e entre faixas etárias.

No decorrer da análise do espólio osteológico deu-se grande importância aos restos que se encontravam ainda em conexão anatómica. Não raras vezes foram observados ossos que podiam indicar uma deposição primária – o que corresponde ao último momento de utilização da sepultura e cujo cadáver não sofreu quaisquer remoções ou alterações posteriores – ou uma redução – a escolha selecionada de alguns ossos do cadáver anterior e arrumação ordenada em relação ao novo ocupante (CONTRERAS MARTÍNEZ, 2006, p. 277).

2.2. Análise do espólio funerário

Esta dissertação englobou igualmente o estudo dos materiais arqueológicos exumados nas necrópoles de Alcoitão, Abuxarda, Murches, Casais Velhos e da placa de cinturão proveniente das Grutas do Poço Velho. A cultura material destes sítios passa essencialmente por um conjunto reduzido de recipientes cerâmicos e de objetos metálicos.

2.2.1. Cerâmica

Para a análise da cerâmica foram considerados critérios observados macroscopicamente, de modo a poder elaborar uma caracterização das produções cerâmicas com base em tecnologia, matérias-primas, análise formal e análise decorativa, considerando os princípios e métodos de análise definidos por Clive Orton, Paul Tyers e Alan Vince (1993). A caracterização de cada peça é apresentada no ‘*Capítulo III – As Necrópoles*’ e cada uma tem-lhe associado um número de catálogo atribuído pela signatária, sendo essa designação as duas primeiras iniciais da necrópole em estudo (AL – Alcoitão; AB – Abuxarda; MU – Murches; CV – Casais Velhos; PV – Poço Velho) e um número por peça (p.e. AL.1, AL.2, AL.3, MU.1, CV.1, CV.2 ...).

As peças cujo registo gráfico ainda não se encontra publicado foram desenhadas e posteriormente tratadas através do *software* informático *CorelDraw Graphic Suite*, o qual permite proceder à manipulação segura das suas escalas. Para o caso dos materiais que já se encontram divulgados graficamente, foram utilizados os desenhos e as fotografias dos autores de mérito. Todo o registo gráfico foi remetido para anexo, encontrando-se organizado segundo as respetivas necrópoles de proveniência.

2.1.1.1. Critérios de classificação cerâmica

a) Identificação e conservação

Número de Catálogo

Necrópole e sepultura de proveniência

- Alcoitão (AL)
- Abuxarda (AB)
- Murches (MU)
- Casais Velhos (CV)
- Poço Velho (PV)

Estado de conservação

- Inteira
- Fraturada
- Fragmento

b) Fabrico e utilização

Tipo de fabrico

- Manual
- A torno
- Misto

Cozedura

- Oxidante
- Redutora
- Oxidante-redutora
- Redutora-oxidante

Acabamento da superfície

- Alisada
- Brunida
- Aguada

Marcas de fogo

Marcas de uso

c) Descrição da pasta

Cor (segundo *Munsell Soil Color Chart*, 1994)

Textura

- Homogénea

- Xistosa
- Granular
- Arenosa

Consistência

- Compacta
- Média
- Friável

Elementos Não-Plásticos (ENP)

Tipo

- Micas
- Quartzos
- Feldspatos
- Calcários
- Xistos

Densidade

- Fraca (1 - 15%)
- Média (15 - 30%)
- Abundante (> 30%)

d) Morfologia da peça

Forma

- Aberta
- Fechada

Tipo de peça

- Jarro

Bordo

Morfologia

- Direito
- Redondo
- Em bisel

Orientação

- Para o exterior
- Para o interior
- Direito

Corpo

- Globular
- Troncocónico
- Elíptico/Piriforme

Base

- Plana
- Côncava
- Em disco

Asa

Tipo

- Em fita
- Rolo

Secção

- Retangular
- Trapezoidal
- Circular

Orientação

- Vertical em relação à peça
- Horizontal em relação à peça

Dimensões (em milímetros)

AM – Altura máxima

DM – Diâmetro máximo

DB – Diâmetro da boca

DC – Diâmetro do colo

DBa – Diâmetro da base

E – Espessura média

Peso (em gramas)

e) Decoração

Técnica

- Incisões
- Caneluras

Localização

- Superfície externa do bordo
- Superfície externa do colo
- Superfície externa do corpo

2.2.2. Metais

Os materiais metálicos revelaram-se, como esperado, como o conjunto de peças mais numeroso. O seu estudo passou também pela análise macroscópica de cada

indivíduo, constando nesse conjunto adereços de adorno pessoal – anéis, brincos, braceletes e apliques –, indumentária – fivelas e placas de cinturão –, moedas e outros objetos que melhor nos ajudem a compreender a ritualização dos enterramentos. A caracterização de cada peça é apresentada no ‘*Capítulo III – As Necrópoles*’ e cada uma tem-lhe associado um número de catálogo atribuído pela signatária, sendo essa designação as duas primeiras iniciais da necrópole em estudo (AL – Alcoitão; AB – Abuxarda; MU – Murches; CV – Casais Velhos; PV – Poço Velho) e um número por peça (p.e. AL.1, AL.2, AL.3, MU.1, CV.1, CV.2 ...).

De referir que uma grande parte do espólio metálico foi estudado por Andreia Arezes em 2010 para o cumprimento da sua dissertação de Mestrado em Arqueologia (Cf. *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII)*). Serão tidas em conta as suas considerações no que respeita aos atributos decorativos das peças e serão apresentados as fotografias e os desenhos daquelas que integraram o estudo dessa autora. Além dos elementos incluídos no trabalho de investigação mencionado, serão apresentadas outras peças com funções diferenciadas, nomeadamente os referidos por Guilherme Sarmiento em 2012 na sua dissertação de Mestrado (Cf. *O Povoamento Tardo-Romano na Localidade de Casais Velhos, Areia*), que além de integrarem peças de adorno pessoal e de vestuário, incluem moedas e pregos de ferro.

Os critérios de classificação dos metais corresponderam essencialmente à sua função, caracterização física e atributos métricos. Dessa forma, esta análise não irá conter elementos cuja funcionalidade original é imprecisa.

2.3. Trabalho de campo: a prospeção e o registo

Pretendia-se com os trabalhos de prospeção no terreno levar a cabo o levantamento gráfico das sepulturas preservadas, mediante metodologia arqueológica. Procurava-se essencialmente fazer o desenho da planta, executado à escala 1:20 e tratado posteriormente através do software informático *CorelDraw Graphic Suite*. Decidiu-se não repetir os desenhos para os casos em que já tinha sido efetuado pelos arqueólogos intervenientes na escavação desses sítios arqueológicos. Ora, apenas se conservaram três sepulturas, uma em Alcoitão e duas em Casais Velhos. A sepultura de

Alcoitão encontrava-se já desenhada por ocasião da intervenção arqueológica de 2001. Para a sepultura de Casais Velhos, por outro lado, não existe qualquer registo gráfico, contudo apercebemo-nos da impossibilidade de o executar pelo facto de estar invadida por vegetação e de algumas lajes ainda estarem cobertas por terra. Assim, procedeu-se exclusivamente ao seu registo fotográfico e à obtenção da medida de comprimento.

Procurou-se com os trabalhos de prospeção proceder-se ao posicionamento georreferenciado. Quando se verificou uma ocorrência, seja a realocização das necrópoles, ou a identificação de materiais arqueológicos à superfície, foi tirada uma coordenada central por cada sítio arqueológico através do programa *Google Earth*.

III. As Necrópoles

3.1. Alcoitão

Topónimos: Alcoitão; Alto da Peça; Monte da Peça

Freguesia: Alcabideche

Altitude: 121 metros

CMP n.º 430

Entrada da CAC (1991): 38 – Necrópole de Alcoitão

Coordenadas: 38º 43'50.14" N / 9º 23'53.20" O

Bibliografia: OLIVEIRA, 1888-1892; SOEIRO e BARBOSA, 1933; PAÇO, 1960; ROCHA, 1970; CARDOSO, 1991; CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001; AREZES, 2010

A necrópole de Alcoitão situa-se na freguesia de Alcabideche, entre o Centro de Reabilitação de Alcoitão e a autoestrada Cascais-Lisboa. O sítio da necrópole localiza-se numa elevação (121 m de altitude) que dista cerca de seis metros da Estrada Nacional 6-8, ocupando uma área de 2400 m² (Anexo II: figs. 1 e 2). A mesma situa-se a 257 m Noroeste da Ribeira da Cadaveira e a 712 m Este da Ribeira da Amoreira e implanta-se em solos litólicos³ de classe C e em solos calcários de classe E. Geologicamente o local onde se implanta esta necrópole define-se por uma formação de regatão, arenitos, pelitos e dolomitos e por filões e massas de traquibasalto. Além disso é de notar que a sua área de proteção arqueológica, estabelecida pelo decreto n.º 67/97 de 31 de Dezembro, é afetada uma envolvente bastante urbanizada e por vários eixos viários.

As sepulturas que constituem a necrópole foram divulgadas pela primeira vez em 1888-1892 por Francisco Paula e Oliveira, membro dos Serviços Geológicos de Portugal⁴, durante uma Comunicação na Comissão dos Trabalhos Geológicos intitulada «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*». Esta resultava de uma campanha de exploração arqueológica que o seu autor havia feito por todo o concelho na procura

³ Solos litólicos são solos pouco evoluídos, formados a partir de rochas não calcárias, com pequena espessura e pobres quimicamente, o que advém das rochas que lhe deram origem. Têm baixo teor em matéria orgânica e possuem permeabilidade rápida. Por norma, têm uma vocação florestal (DPGU/DPDM, 2013, p. 117).

⁴ No Tomo II das Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal (1888-1892) é mencionado que Francisco Paula e Oliveira era capitão de artilharia e entrou ao serviço da Comissão Geológica em 1886, ocupando-se de estudos relativos à Antropologia e à Arqueologia pré-histórica. «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*» foi uma memória incompleta publicada depois da sua morte.

de vestígios arqueológicos. F. Paula e Oliveira refere então a existência de um cemitério composto por 34 sepulturas, dez das quais ainda se encontravam cobertas e estruturadas por lajes horizontais e verticais. As mesmas dispunham-se em sete filas no sentido Norte-Sul, como ilustra o único esboço conhecido da necrópole (OLIVEIRA, 1888-1892, pl. I: fig. 1) (Imagem A). Mencionava ainda que todas as sepulturas apresentavam uma orientação aproximada Este-Oeste e que, em termos métricos, tinham de profundidade entre 30 cm e 60 cm, de largura entre 60 cm a 90 cm e de comprimento entre 1,80 m a 2,20 m. Entre as sepulturas destacou uma em particular devido ao facto de possuir, segundo o autor, 3 metros de comprimento. Destacou igualmente uma ou duas sepulturas por possuírem apenas cerca de 1 m de comprimento, o que se aliava ao facto de conterem esqueletos de crianças (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6).

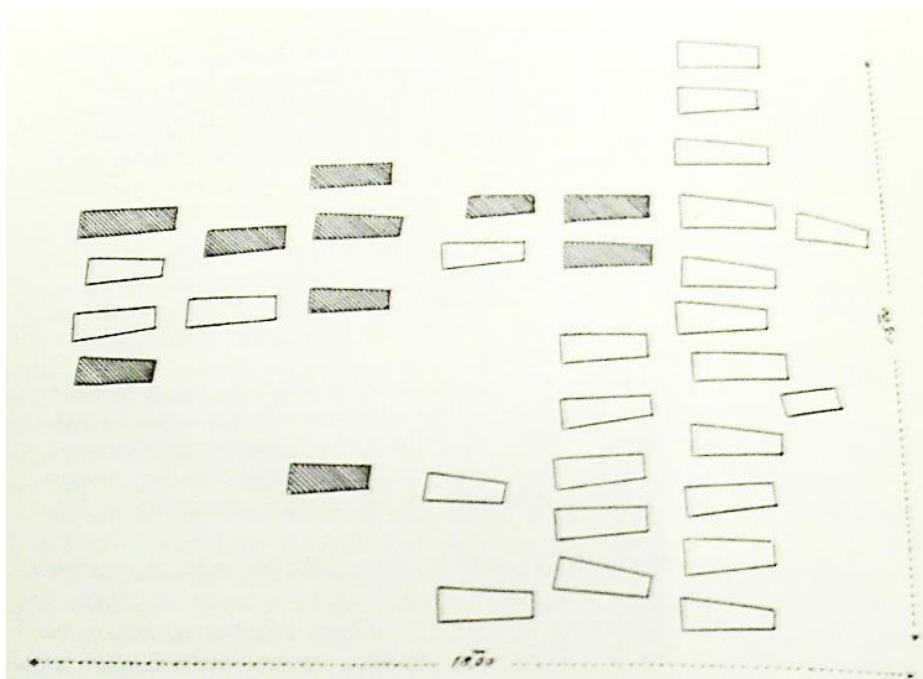


Imagem A - Planta da necrópole de Alcoitão. A negro, as sepulturas que ainda mantinham lajes de cobertura (OLIVEIRA, 1888-1892, pl. I: fig. 1)

Do ponto de vista arquitetónico, todos os sepulcros estavam estruturados por duas lajes verticais dispostas em cada um dos lados, e por mais uma colocada aos pés e outra à cabeceira. Nas sepulturas que se encontravam ainda com tampa, a mesma era constituída por duas ou três lajes calcárias. Essas lajes não eram afeiçoadas. Por vezes,

tal como registado por Francisco Paula e Oliveira, recorreu-se à utilização de argamassa feita de cal e tijolo esmagado para selar os intervalos entre as lajes.

A escavação da necrópole por parte deste autor veio revelar um espólio osteológico muito significativo e bem conservado. Foi ainda exumado algum espólio funerário, bastante mais escasso, composto por adornos pessoais (anéis e fivelas) e jarros de cerâmica (em número de 2). Este espólio foi considerado por Afonso do Paço como sendo uma marca cultural de povos germânicos invasores (PAÇO, 1960). Todas peças deste conjunto foram encontradas em sepulturas diferentes (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6-7).

A partir da publicação de F. Paula e Oliveira é perceptível que a reutilização de sepulturas estava já generalizada. Aliás durante toda a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média é uma característica comum à maioria dos cemitérios de inumação. Sobre este fenómeno o autor teoriza acerca dos laços de parentesco que podiam unir os vários indivíduos depositos dentro da mesma sepultura (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7). Regra geral, as sepulturas continham mais do que um esqueleto, normalmente dois ou três, tendo-se observado um caso em que estavam inumados 5 indivíduos. Refere ainda este autor que os esqueletos se encontravam na sua maioria completos. Os indivíduos em deposição primária estavam deitados sobre as costas, em decúbito dorsal, com a face virada para cima, para o céu, e a orientação da sepultura a Este proporcionava uma posição ao defunto que poderia, no Dia do Juízo Final, avistar Deus quando se levantasse a Este. Os braços estavam estendidos ao longo do corpo ou, alternativamente, as mãos pousavam sob a bacia.

Para além dos esqueletos escavados que se encontravam em deposição primária, o escavador descreveu ainda os diversos ossários existentes nas várias sepulturas, cuja prática é característica do ritual do reaproveitamento dos sepulcros. Em Alcoitão, F. Paula e Oliveira terá observado duas soluções distintas para a arrumação dos ossários: podiam estar posicionados na parte inferior das sepulturas (na área dos pés), sem que se tenha observado uma disposição lógica dos mesmos, ou podiam ter sofrido uma seleção prévia, uma vez que alguns crânios foram poupados e colocados nos intervalos dos fémures dos esqueletos deitados, sendo as restantes peças esqueléticas removidas para o exterior da sepultura (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7).

Em 2001, no âmbito da construção da Via Longitudinal Norte (Troço Nó das Fugas/Quinta de S. Martinho), uma equipa orientada por Lurdes Trindade, com a colaboração de José d' Encarnação e Guilherme Cardoso, realizou sondagens na área de proteção a Poente e a Norte. Em sequência foi descoberta uma sepultura na zona Poente, o que obrigou à decapagem integral dessa área e à identificação de mais duas sepulturas. Foi ainda possível relocalizar uma outra – a Sepultura A -, escavada por F. Paula e Oliveira, encontrando-se já vazia (Anexo II: figs. 11 e 12). Esta apresentava-se orientada Este-Oeste, sendo igualmente estruturada por lajes. Já não tinha cobertura e faltava-lhe parte dos esteios do lado Norte e dos pés. Os que se conservavam eram todos em calcário local (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001).

No que respeita às novas sepulturas descobertas, uma era de tipo cista – Sepultura 1 – composta por duas lajes de cobertura. Encontrava-se orientada Este-Oeste e por cima da tampa foram identificados dois crânios: um de um indivíduo jovem e outro de um adulto, e mais alguns ossos muito fragmentados. Os esteios que compunham a caixa da sepultura, de calcário local, encontravam-se colocados em cutelo. No interior desta sepultura estava deposto um indivíduo em decúbito dorsal, virado a Nascente (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001). Já as Sepulturas 2 e 3, viradas a Este, eram do tipo fossa, não dispoñdo de material pétreo a delimitá-las e não eram providas de lajes de cobertura. Cada uma continha um indivíduo em decúbito dorsal, estando os ossos em muito mau estado de conservação (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001) (Anexo II: figs. 3-10). O espólio identificado era unicamente osteológico, não havendo nenhum espólio funerário a registar.

Os trabalhos de prospeção realizados no âmbito da presente investigação tiveram como finalidade apurar o estado de conservação das sepulturas já escavadas, atentar mais algumas particularidades arquitetónicas das mesmas e eventualmente proceder ao reconhecimento de novos vestígios. Foi possível relocalizar a Sepultura A: este sepulcro de lajes, de tipologia retangular, não apresenta indícios de antropomorfismo, confirmando-se o facto de já não conservar os esteios na zona dos pés, nem a tampa de cobertura e de estar orientado Este-Oeste (Anexo II: fig. 13). Tem 1,95 m de comprimento da cabeceira ao último esteio preservado. Em seu redor constatou-se a existência de grandes blocos de pedra que poderiam ter pertencido a

outras sepulturas. Os mesmos podem ainda resultar do desmantelamento consequente da escavação de F. Paula e Oliveira. Esses blocos, por vezes com 1 m de comprimento, surgem à superfície, uns mais soterrados do que outros, e têm uma orientação consonante com a Sepultura A (Anexo II: figs. 14 e 15). É ainda de destacar que se observa *in loco* alguns fragmentos de materiais de construção, especialmente telha (Anexo II: fig. 16).

Não se pode deixar de enumerar uma série de dificuldades que surgiram no estudo desta necrópole. Em primeiro lugar, a investigação fica comprometida pela falta de um registo gráfico rigoroso e pela ausência de determinadas informações que a arqueologia dos cemitérios alto-medievais privilegia atualmente. O único registo gráfico deste sítio é apresentado por F. Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1888-1892, pl. I: fig. 1) (Imagem A). Trata-se de um esboço muito simples, cujo objetivo é ilustrar a disposição das sepulturas e apontar aquelas que ainda conservavam as tampas de cobertura. A análise desse esboço não permite tirar elações pormenorizadas acerca da arrumação dos indivíduos e dos ossários no interior das sepulturas, ou acerca da disposição dos espólios funerários em relação aos esqueletos. Não são raras as vezes em que os objetos de indumentária e de adorno pessoal aparecem ainda *in situ* (brincos junto ao crânio, placas de cinturão na zona da bacia, anéis ainda nas falanges de origem, entre outros exemplos).

Outra dificuldade adveio da tentativa de análise sepultura-a-sepultura, recorrendo ao estudo dos materiais osteológicos depositados atualmente no Museu Nacional de Arqueologia (MNA). Tal análise possibilitou ter a perceção de que não há coincidência entre o número de sepulturas relatadas por F. Paula e Oliveira na sua publicação (OLIVEIRA, 1888-1892) e o número de sepulturas registadas nas caixas que contêm os ossos exumados na escavação do século XIX.

F. Paula e Oliveira descreve ter descoberto um total de 34 sepulturas nesta necrópole (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6). Por razões que se desconhecem, ou por ausência de restos humanos em algumas sepulturas que o autor não assinalou, o Museu Nacional de Arqueologia conserva espólios osteológicos atribuíveis a apenas 28 sepulturas. Curiosamente uma delas está indicada como a N.º 47. Verificou-se ainda que as

sepulturas 1, 16, 17, 19, 22, 30 e 31 não tinham qualquer espólio osteológico associado, uma vez que não estavam registradas nas caixas.

Assim, após o estudo antropológico preliminar, que contou com o contributo da antropóloga Raquel Granja, verifica-se que há uma discrepância entre o que foi publicado (OLIVEIRA, 1888-1892; PAÇO, 1960; CARDOSO, 1991) ou integrado em relatórios (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001) e a informação coletada nas coleções osteológicas depositadas no MNA. A discrepância pode ser resumida da seguinte forma:

- Número de sepulturas descritas em publicação e relatórios: 34 (identificadas em 1888) + 3 (identificadas em 2001) = total de 37 sepulturas
- Número de sepulturas com restos humanos: 28 (referenciados no MNA como provenientes das escavações realizadas em 1888) + 3 (identificados como exumados nas escavações de 2001) = 31 sepulturas

Há assim, portanto, um desfasamento de seis sepulturas e um número imprevisível de indivíduos.

Apesar de quaisquer contradições que possam surgir no que respeita ao número de sepulturas com conservação óssea que tenham existido, o inventário osteológico realizado permitiu apurar um NMI de 74 indivíduos. Este número resulta da adição entre os indivíduos provenientes das sepulturas descobertas em 1888 - 69 indivíduos (depositados no MNA) - e os esqueletos exumados nas escavações de 2001 - 5 indivíduos. Para além destes, no MNA estão ainda depositados mais 10 crânios sem qualquer indicação de sepultura, o que elevaria em 10 indivíduos o número referenciado. Todavia, por não se ter a certeza da sua proveniência, os mesmos não foram considerados neste estudo.

Apresentam-se de seguida os resultados do estudo preliminar antropológico realizado sobre a coleção osteológica da necrópole de Alcoitão (Tabela 3). O mesmo foi realizado para efeitos de reconhecimento do NMI, mas, sempre que possível, identificou-se o sexo e a idade à morte. Tal informação é essencial para o estudo arqueológico da necrópole, mas é claramente insuficiente para um estudo antropológico. A informação de cariz antropológica cingiu-se assim aos dados básicos necessários para uma correta análise arqueológica e histórica nesta necrópole.

Para a definição do NMI exumados durante as escavações de 1888 recorreu-se ao método proposto por Herrmann *et all.* (1990) para os ossos longos e considerando as adaptações de Silva (1993; 2002) que tem em conta a lateralidade e o estado de maturação dos ossos de indivíduos imaturos. Para além disso, cruzou-se as frequências de outras peças esqueléticas (crânios, coxais, mãos, pés e dentes), tendo em conta a dimensão relativa e o estado de maturação. Procedeu-se, tal como indicado, a uma caracterização básica da idade e sexo dos indivíduos enterrados nesta necrópole. Este estudo foi levado a cabo no Museu Nacional de Arqueologia, local de depósito da referida coleção e contou, como já mencionado anteriormente, com a ajuda da antropóloga Raquel Granja.

Os dados respeitantes às sepulturas e aos esqueletos descobertos nas escavações realizadas em 2001 a propósito da construção da Via Longitudinal Norte e que se apresentam também seguidamente (Tabela 4) foram obtidos exclusivamente dos relatórios de escavação entregues ao Instituto Português de Arqueologia (IPA). Do mesmo consta a análise antropológica preliminar efetuada pelo antropólogo Luís Lopes durante os trabalhos arqueológicos. Por não constarem em tal trabalho as informações relativas à diagnose sexual e etária desses esqueletos, esses dados não podem ser incluídos. Não foi possível aceder ao material osteológico da intervenção de 2001, porque, conforme informação de Guilherme Cardoso, o mesmo ainda está na posse do antropólogo Luís Lopes para o seu estudo e a consequente publicação.

TABELA 3 – RESULTADOS DO ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS SEPULTURAS DE ALCOITÃO DESCOBERTAS EM 1888

Sepultura	Indivíduos		Número Mínimo de Indivíduos (NMI)
	Sexo	Idade à Morte	
2	Indeterminado	Maturo	3
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo	
3	Indeterminado	Maturo (Mais de 40 anos)	2
	Não observável	Imaturo	
4	Feminino	Maturo	3
	Masculino	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 7/8 anos)	
5	Masculino	Maturo	1
6	Não observável	Imaturo (Cerca de 7/8 anos)	2 ⁵
	Indeterminado	Maturo	

⁵ Considerou-se como sepultura infantil, uma vez que o indivíduo maturo apenas se faz representar através de uma falange direita proximal que pode ser proveniente da terra de enchimento.

7	Masculino	Maturo	3
	Feminino	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 6/7 anos)	
8	Masculino	Maturo	3
	Masculino	Maturo	
	Não observável	Imaturo	
9	Não observável	Imaturo	4
	Não observável	Imaturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 7/8 anos)	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 4 anos)	
10	Masculino	Maturo	2
	Feminino	Maturo	
11	Feminino	Maturo	1
12	Não observável	Imaturo (Cerca de 4 anos)	3
	Não observável	Imaturo (Mais de 15 anos)	
	Não observável	Imaturo (No máximo 19 anos)	
13	Não observável	Imaturo (Cerca de 3/4 anos)	2
	Não observável	Imaturo (Cerca de 9 anos)	
14	Feminino	Maturo	2
	Indeterminado	Maturo	
15	Indeterminado	Maturo	5
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 5/6 anos)	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 8 anos)	
	Não observável	Imaturo	
18	Não observável	Imaturo (Pelo menos 15 anos)	1
20	Masculino	Maturo	2
	Indeterminado	Maturo	
21	Feminino	Maturo	4
	Masculino	Maturo	
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Mais de 5 anos)	
23	Masculino	Maturo	3
	Não observável	Imaturo	
	Não observável	Imaturo	
24	Feminino	Maturo	3
	Feminino	Maturo	
	Masculino	Maturo	
25	Feminino	Maturo	2
	Masculino	Maturo	
26	Feminino	Maturo	1
27	Masculino	Maturo	3
	Feminino	Maturo	
	Não observável	Imaturo (Cerca de 12 anos)	
28	Masculino	Maturo	2
	Feminino	Maturo	
29	Masculino	Maturo	1
32	Masculino	Maturo	6
	Masculino	Maturo	
	Feminino	Maturo	
	Feminino	Maturo	
	Indeterminado	Maturo	
	Não observável	Imaturo	
33	Indeterminado	?	1 ⁶

⁶ A diagnose sexual deste indivíduo através do crânio é difícil, já que apresenta uma mastoide característica do sexo feminino e um occipital próprio do sexo masculino. Também a diagnose etária se revela complicada: por um lado, a dimensão do crânio parece a de um indivíduo maturo; mas por outro, a sua espessura aparenta ser a de um indivíduo imaturo.

34	Não observável	Imaturo (Cerca de 6/7 anos)	2
	Não observável	Imaturo	
47	Masculino	Maturo	2
	Não observável	Imaturo (No máximo 18 anos)	
			TOTAL: 69 indivíduos

TABELA 4 - ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS SEPULTURAS DE ALCOITÃO DESCOBERTAS EM 2001 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)

Sepultura	Indivíduos		Número Mínimo de Indivíduos (NMI)
	Sexo	Idade à Morte	
1	?	Maturo?	3
	?	Maturo?	
	Não observável	Imaturo	
2	?	Maturo?	1
3	?	Maturo?	1
			TOTAL: 5 indivíduos

3.1.1. O Espólio

À semelhança de inúmeras necrópoles de cronologia análoga, também nesta a maior parte das sepulturas não dispunham de espólio funerário no seu interior. Ainda assim, foi possível analisar três peças – dois jarros cerâmicos e um anel de bronze proveniente desta necrópole e depositado no MNA.

Do conjunto apenas o jarro *AL. 2* se encontra associado a uma sepultura – a Sepultura 2 -, informação foi apenas proporcionada pelo registo do Museu Nacional de Arqueologia, uma vez que F. Paula e Oliveira não lhe faz menção em «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*» (OLIVEIRA, 1888-1892).

3.1.1.1. Cerâmico

AL. 1 – Jarro (Anexo II: figs. 17 e 18)

Forma fechada, composta por corpo globular e um colo hiperboloide. É impossível determinar a morfologia do bordo por estar fraturada nesta parte. O arranque da asa, em fita, é de secção trapezoidal, orientada verticalmente em relação à peça e fixada na parte superior do corpo. Apresenta uma base em disco.

Exibe duas incisões paralelas na superfície externa do bojo, logo abaixo do colo.

O mesmo foi fabricado a torno e cozido em ambiente oxidante.

A pasta apresenta uma consistência média e textura homogênea. Tem uma concentração fraca de ENP, observando-se macroscopicamente micas, quartzos e elementos feldspáticos.

Tanto as superfícies e as fraturas são de cor laranja (5YR 7/8).

Não são visíveis marcas de fogo, nem de utilização.

Atributos métricos: Altura máxima – 164 mm; Diâmetro máximo – 100 mm; Diâmetro da boca – s/d; Diâmetro do colo – 42 mm; Diâmetro da base – 46 mm; Espessura média – 3,5 mm

Peso: 229,4 g.

Notas: Desconhece-se a sepultura de proveniência, mas segundo F. Paula e Oliveira foi encontrado aos pés de um indivíduo (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7).

AL. 2 – Jarro (Anexo II: figs. 19 e 20)

Forma fechada de corpo piriforme. É impossível apurar a morfologia do bordo, uma vez que se encontra fraturado a essa altura. O arranque da asa é de secção circular, orientada verticalmente em relação à peça e fixada na parte superior do corpo. Apresenta uma base côncava.

O fabrico foi realizado a torno e a peça foi cozida em ambiente oxidante.

A pasta tem uma compacidade média e textura arenosa. Apresenta uma densidade abundante de ENP, sendo possível observar macroscopicamente micas, quartzos, feldspato e calcário.

Tanto as superfícies como as fraturas têm cor castanha avermelhada (5YR 6/6).

Não são visíveis marcas de fogo, nem de utilização.

Atributos métricos: Altura máxima – 118 mm; Diâmetro máximo – 69 mm; Diâmetro da boca – s/d; Diâmetro do colo – 30 mm; Diâmetro da base – 44 mm; Espessura média – 4 mm

Peso: 212,7 g.

Notas: Proveniente da Sepultura 2.

3.1.1.2. Metálico

AL. 3 – Anel (Anexo II: figs. 21-23)

Peça em bronze, fundida a molde, de aro plano convexo.

A mesa apresenta uma moldura lisa definida por um sulco inciso ao longo de todo o contorno. No campo central estão traçados cinco ‘SSS’ paralelos entre si, elaborados através de incisão.

O aro também se encontra decorado com três linhas incisas que formam um elemento triangular. O vértice de cada linha termina num círculo impresso e puncionamento concêntrico.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 10): Diâmetro do aro – 25,35 mm x 23,88 mm; Diâmetro da mesa - 14,68 mm x 10,39 mm; Espessura média - 2,62 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

3.1.2. Interpretação

A necrópole de Alcoitão é um cemitério composto por sepulturas de inumação, cujos indivíduos eram depositos com escassos ou nenhum espólio funerário, o que é uma característica comum no mundo funerário alto-medieval. Em Alcoitão, apenas foram recolhidos dois jarros cerâmicos, que derivam das formas fechadas de cerâmica comum para conter e servir líquidos, e um anel de bronze decorado datado do século VI-VII d.C. Outra particularidade observada, que também é comum às demais necrópoles da mesma cronologia, foi a da reutilização quase sistemática das sepulturas para mais do que um enterramento, originando a formação de ossários resultantes de inumações anteriores. Estes podiam ou não obedecer a uma seleção prévia, mas denota-se a prática de arrumar os ossos das inumações anteriores antes de se depositar uma nova inumação (Tabela 5). No conjunto das escavações aqui realizadas (1888 e 2001) ter-se-á apurado um total de 37 sepulturas; no entanto, há restos humanos atribuídos a apenas 31, desconhecendo-se o que terá ocorrido com os restos osteológicos de 6 sepulturas, ou se as mesmas não teriam ossos conservados. Não obstante, é de supor que o NMI

obtido através do estudo antropológico da coleção desta necrópole – 74 indivíduos – será certamente inferior ao número real de inumações realizadas em Alcoitão.

TABELA 5 - ALCOITÃO. INDIVÍDUOS POR SEPULTURA

Indivíduos por sepultura	Sepulturas escavadas em 1888	Sepulturas escavadas em 2001	Número de sepulturas (%)
1 indivíduo	5; 11; 18; 26; 29; 33	2; 3	8/31 (25,8%)
2 indivíduos	3; 6; 10; 13; 14; 20; 25; 28; 34; 47		10/31 (32,3%)
3 indivíduos	2; 4; 7; 8; 12; 23; 24; 27	1	9/31 (29,0%)
4 indivíduos	9; 21		2/31 (6,5%)
5 indivíduos	15		1/31 (3,2%)
6 indivíduos	32		1/31 (3,2%)
Sem restos humanos	1; 16; 17; 19; 22; 30; 31		7/37 (18,92%)

É possível que grande parte das sepulturas de Alcoitão fossem estruturadas por esteios laterais e nas extremidades, ou que, pelo menos, fossem cobertas por um número variável de lajes calcárias, normalmente não afeiçoadas. A utilização de argamassas para selar os intervalos entre as lajes foi igualmente identificada. O princípio de orientar invariavelmente todas as sepulturas Este-Oeste relaciona-se com a crença numa vida *post-mortem*: no Dia do Juízo Final, os defuntos erguer-se-iam virados para Nascente onde seriam recebidos pela luz de Deus.

Os dados que nos chegaram não possibilitam a que se possa realizar uma análise da organização interna do espaço cemiterial, pois o único registo possível é o esboço de F. Paula e Oliveira que indicia apenas uma disposição das sepulturas de forma paralela entre si, formando filas. Nesse sentido, há uma clara intenção de organização da necrópole e, subjacente a isso, depreende-se que haveria quem (o poder local ou um conjunto de comunidades) a define-se.

O perfil demográfico que o estudo elementar de Antropologia que foi efetuado permitiu o reconhecimento de 45 indivíduos maduros, entre os quais 17 do sexo masculino, 14 do sexo feminino e 15 de sexo indeterminado. A estes acresce a identificação de 28 indivíduos imaturos e de 1 cuja idade e sexo não foi possível

determinar. Seis sepulturas (6, 9, 12, 13, 18 e 34) podem ser consideradas como exclusivamente infantis por conterem apenas esqueletos de indivíduos imaturos. À exceção deste conjunto, verificou-se que uma mesma sepultura poderia ser usada por homens, mulheres e crianças, o que leva a crer que não havia uma intencionalidade em diferenciar os indivíduos no que respeita ao sexo ou à idade. Desconhece-se a relação que os indivíduos inumados poderiam ter entre si, não sendo possível aferir laços de parentesco sem que sejam efetuadas análises de ADN.

O tipo de necrópole, a sua composição demográfica e localização geográfica sugerem que a mesma estaria relacionada com uma pequena comunidade rural. Os trabalhos de prospeção realizados permitiram observar a existência na superfície do terreno de telha, o que pode indicar a presença, nas proximidades, de locais de habitação. As estruturas habitacionais alto-medievais aliavam técnicas de construção com materiais mais duradouros (como a telha e a pedra) a outros perecíveis (madeiras e entramados vegetais) cuja identificação é mais difícil ao olho do prospetor, mas que não implica a sua inexistência. Também é conhecida, para contextos deste período, a proximidade a áreas habitadas, exploradas agrariamente e os locais funerários respetivos (MARTÍN VISO, 2012; QUIRÓS CASTILLO, 2013; VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2007).

Os dados fornecidos pela *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais* (CARDOSO, 1991) e pela plataforma *online* 'Portal do Arqueólogo'⁷ indicam que, nas proximidades deste espaço cemiterial está referenciado um outro sítio arqueológico denominado de Casal do Goilão (CNS 11258) que, aparentemente, seria um espaço habitacional de carácter rural. Todavia, a informação disponível não habilita a que se infira a sua dimensão e demais características. Aquando da realização da Carta Arqueológica, Guilherme Cardoso observou a presença de fragmentos de *imbrices* e de cerâmica comum provenientes de um casal agrícola, os quais atribuiu ao período tardo-romano (CARDOSO, 1991, p. 42). No entanto, em 2001, na sequência da construção do Lanço Estádio Nacional/Cascais – Nó de Carcavelos/Nó de Alcabideche da A5, as prospeções

⁷ Veja-se 'Portal do Arqueólogo': Casal do Goilão <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=54410> [Consultado a 21/5/2015]

sistemáticas realizadas na área do traçado notaram a total destruição do sítio arqueológico, originado pela construção do estaleiro de obra da construção da A5, sem que tenha havido trabalhos de minimização prévios.

3.2. Casais Velhos

Topónimos: Casais Velhos

Freguesia: Cascais

Altitude: 66 metros

CMP n.º 429

Entrada da CAC (1991): 58 – Casais Velhos

Coordenadas: 38º 43'34.05" N / 9º 27'50.75" O

Bibliografia: FIGUEREDO e PAÇO, 1950; BRANCO e FERREIRA, 1971; CARDOSO, 1991; AREZES, 2010; GONÇALVES, 2011; SARMENTO, 2012

Posicionada numa das zonas mais ocidentais do concelho, a estação arqueológica de Casais Velhos é tida como um complexo termal e industrial fortificado cuja ocupação mais intensa data do Baixo Império, entre os séculos II/III e IV d.C. O sítio fica localizado na Rua de São Rafael, na localidade da Areia, numa situação topográfica privilegiada em relação ao areal do Guincho (Anexo II: figs. 24 e 25). Situado a 66 m de altitude, numa colina sobranceira ao vale que se abre em direção ao Oceano Atlântico, o complexo beneficia de uma posição estratégica que permite visualizar e controlar o tráfego marítimo que se havia processado na Praia do Guincho, bem como o acesso ao interior do território.

O complexo fortificado de Casais Velhos encontra-se igualmente nas proximidades de uma rede hidrográfica relativamente densa, vendo o acesso à água facilitado pela imediação da Nascente do Selão, que abastecia o povoado através de um aqueduto. É também delimitado a Norte pela Ribeira da Foz do Guincho, a 878 m; a Sudeste pela Ribeira dos Mochos, a 1083 m; e a Oeste pelo Oceano Atlântico a 1090 m. Geologicamente, fica implantado em solos litólicos de classe D que se definem por formações de regatão, arenitos, pelitos e dolomitos. A vegetação é maioritariamente constituída por carrascais.

Na década de 1940, Afonso do Paço e Fausto de Figueiredo iniciaram os trabalhos arqueológicos na estação dos Casais Velhos, dos quais resultou o artigo intitulado *Vestígios romanos de los «Casais Velhos»* apresentado no I Congresso Nacional de

Arqueologia em Almería, em 1950. Aí deram conta da existência de uma estrutura termal provida de *hipocaustum*, de *frigidarium*, de *tepidarium* e de *praefurnium*, de configuração semicircular, que eram acompanhados de um grande tanque retangular – uma *natatio* - revestido a *opus signinum* (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 309). A Norte deste conjunto, registaram também a presença de outros dois edifícios: um terá tido um pequeno tanque retangular e outro possuía cubas retangulares de cantos arredondados em *opus signinum* abaixo do nível do solo (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 308) que terão sido utilizados para a tinturaria de tecidos e para curtumes.

A estes investigadores deve-se a descoberta de um conjunto de sepulturas fora da fortificação, orientadas no sentido Este-Oeste, que constituíam dois locais de enterramento distintos, um situado à direita e outro à esquerda do complexo termal (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 310). As descrições acerca do número de sepulturas não são conclusivas, nem são esclarecedoras no que respeita a determinados pormenores no domínio da própria arquitetura. As sepulturas do lado oriental são descritas como tendo uma construção mais cuidada, conhecendo-se com maior precisão um sepulcro que tinha sido construído com quatro esteios retangulares dispostos a cada lado e dois nas extremidades; estaria coberto por grandes lajes, uma das quais, colocada a meio e que estava dotada de duas cavidades oculares na parte superior (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 310). Uma particularidade interessante, que foi assinalada pelos autores, é que o fundo da mesma sepultura se encontrava forrado com “*grossos ladrilhos*” (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 310). Por outro lado, as sepulturas do lado ocidental já se encontravam desprovidas de tampas de cobertura e algumas apenas tinham parte das lajes de pedra que as estruturavam. Além disso, referem ainda a existência de uma outra realidade dentro deste conjunto de construção mais pobre - as sepulturas em fossa -, que apenas são descritas como estando desguarnecidas de qualquer “*proteção*” (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 311).

As carências descritivas ao nível dos atributos métricos das sepulturas, da sua organização dentro das duas zonas de enterramento, da utilização de argamassas ou do reaproveitamento de blocos pétreos do sítio romano contíguo, são suplantadas pela minúcia da informação relativa à localização dos espólios no interior das sepulturas. Uma delas, situada no grupo oriental, continha numa extremidade três crânios e uma

vasilha de barro decorada com um motivo ondulado e, na outra extremidade, um crânio, uma lucerna e duas lanças de ferro. No interior de uma outra sepultura foi encontrado um brinco circular em bronze, aberto e provido de botão na extremidade, que se encontrava junto ao crânio de um indivíduo do sexo feminino (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, pp. 310). A adicionar ao espólio já mencionado, foram ainda recolhidos diversos fragmentos de botões, outro brinco, uma agulha, um broche zoomórfico em cobre, um cabo em osso, um vaso de fundo plano, outra vasilha sem decoração e vários fragmentos de bordos (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 310-311).

A partir do artigo de A. do Paço e de F. de Figueiredo, percebe-se que a reutilização de sepulturas para albergar enterramentos sucessivos era uma prática comum também neste sítio. Essa realidade não é expressa diretamente, mas é subentendida através do relato da presença de vários crânios dentro de uma mesma sepultura e por expressões como “*amálgama de ossos*” (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 310) que podem indicar a existência de ossários. Fica-se igualmente a saber que, no conjunto funerário do lado ocidental, existiam algumas sepulturas infantis que ladeavam as de indivíduos de idade adulta (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, p. 311).

Novas intervenções foram realizadas em finais dos anos 60 por parte de Octávio da Veiga Ferreira e de António Castello Branco com o propósito de desentulhar, reconstruir e consolidar as estruturas anteriormente descobertas e que estavam, então, votadas ao abandono. O artigo *Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)*, publicado pelos dois investigadores em 1971, informa que no decurso das campanhas de limpeza e de conservação foi identificado, a Norte, um troço da muralha que circundava o complexo e que se desenvolvia de Este para Oeste, a par de um torreão a Este do edifício de aquecimento das águas termais (BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 73). A Poente da mesma estrutura, Veiga Ferreira e Castello Branco levaram a cabo uma sondagem perto de uma pedra que se encontrava cravada em cutelo no solo. A descoberta de uma nova sepultura escavada no calcário marcaria a identificação do terceiro local de enterramento fora das muralhas do povoado (BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 74).

Uma perspetiva geral dos autores dá conta que a necrópole de Casais Velhos estender-se-ia desde o torreão, situado a Este, até ao extremo Oeste da fortificação

(BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 74). Mas à semelhança do que se passou nas escavações dos anos 40, o número de sepulturas então descobertas ficou igualmente por apurar. Há a menção a um *“cemitério de grande dimensão com sepulturas para ricos e para pobres”* (BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 83). Esta interpretação foi feita com base no pressuposto do cuidado dado à construção da sepultura e na presença, ou não, de espólio. Tal é perfeitamente explícito no seguinte apontamento: *“Parece-nos estar em presença da cova dum pobre diabo, talvez um escravo, pois nem um objecto o acompanhou na última morada.”* (BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 74).

Poucos dados são obtidos acerca da estruturação das várias sepulturas identificadas, mas desta vez sabe-se que, no que respeita ao ritual funerário, o indivíduo que ocupava a sepultura descoberta na sondagem realizada a Poente das estruturas termais estava em decúbito dorsal e virado a Nascente (BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 74).

No mesmo artigo é enumerado um conjunto de materiais provenientes de antigas escavações e que, à data da intervenção de Castello Branco e Veiga Ferreira, se encontravam em depósito no Museu Condes de Castro Guimarães (MCCG). Além dos espólios anteriormente elencados por A. do Paço e F. de Figueiredo (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950), integram a lista uma urna cinerária de barro vermelho, uma tampa de urna e outros fragmentos similares (BRANCO e FERREIRA, 1971, p. 75), os quais podem indicar a prática da incineração do mesmo local⁸.

À semelhança dos sítios apresentados anteriormente, as dificuldades de interpretação do espaço cemiterial de Casais Velhos prendem-se com a falta de um registo gráfico rigoroso e com as deficientes informações sobre os locais de proveniência dos restos humanos e dos espólios funerários.

Apesar das condicionantes do registo gráfico, este sítio é aquele que detém os desenhos mais fidedignos e que ajudam a situar algumas sepulturas e os núcleos de

⁸ Segundo o que se pode ler na dissertação de mestrado de Alexandre Marques Gonçalves (2011), a descontinuidade entre os vários locais de enterramento em Casais Velhos pode corresponder a áreas de necrópole distintas, mas sem que seja possível afirmar que a prática dos rituais de inumação e de incineração tenha sido processada na mesma época (GONÇALVES, 2011, p. 53).

enterramento referidos. É o caso de uma planta de 1973, onde estão esquematizadas um total de 8 sepulturas distribuídas pelas três áreas de enterramento: 2 sepulturas no núcleo A (o mais ocidental); 3 sepulturas no núcleo B; e 3 sepulturas no núcleo C (o mais oriental)⁹ (Imagem B). Data de 1987 um levantamento gráfico do povoado fortificado elaborado por Guilherme Cardoso e José d'Encarnação e no qual se encontram assinaladas apenas as sepulturas que ainda se conservavam. Considera-se esta planta aquela que, para efeitos de localização dos sepulcros, melhor representa os vestígios que ainda se encontram *in situ*. Segundo informação do arqueólogo Severino Rodrigues, a posição das sepulturas em relação ao recinto fortificado é a mais fidedigna. Além disso, a representação das três sepulturas foi feita tendo em conta a sua própria construção, observando-se duas sepulturas de lajes, que têm a particularidade de serem geminadas na zona dos pés, e uma sepultura em fossa. Nesta planta, os sepulcros encontram-se dispostos paralelamente e orientados no eixo Este-Oeste (Imagem C). Esta informação está de acordo com a planta de 1973, que indica que estas 3 sepulturas constituem o núcleo de enterramento mais oriental.

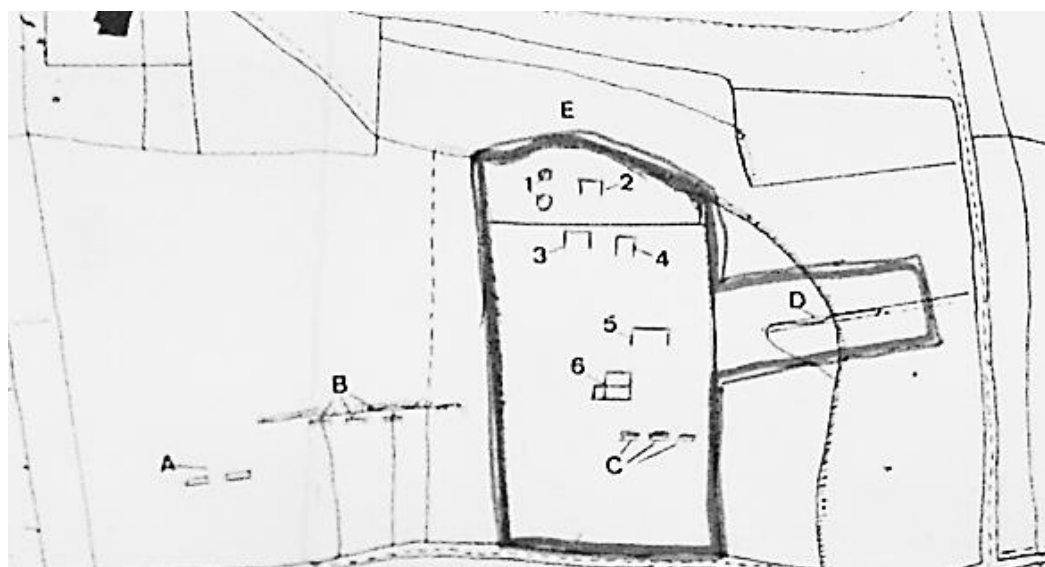


Imagem B - Planta de 1973 da estação arqueológica de Casais Velhos, à escala 1:2.000. A, B e C correspondem aos três núcleos de enterramento (Arquivo da Biblioteca de Arqueologia da DGPC)

⁹ Esta planta, de 1973, não se encontra patente em qualquer publicação. A mesma foi observada nos processos relativos à estação arqueológica dos Casais Velhos, disponíveis para consulta na Biblioteca de Arqueologia da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), Palácio Nacional da Ajuda (Lisboa).



Imagem C - Planta de 1987. Núcleo oriental da necrópole de Casais Velhos (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 1987)

O trabalho de campo realizado no âmbito da presente dissertação possibilitou a realocização das duas sepulturas de lajes geminadas. Encontram-se orientadas Este-Oeste, são de tipologia retangular e nenhuma delas apresenta indícios de antropomorfismo. A sepultura mais a Este já não possui as lajes na zona dos pés (Anexo II: figs. 26 e 27). Toda a estrutura tem 4,30 m de comprimento da cabeceira ao último esteio preservado, sendo-nos impossível apurar o comprimento de cada um dos sepulcros por já não conservarem o esteio medial que os separava. Junto à cabeceira e a algumas das lajes laterais, na parte externa, são visíveis covas de violação. Não foi possível proceder ao levantamento gráfico das sepulturas, já que se encontram tomadas por vegetação e parcialmente cobertas por terras. Toda a envolvente se encontra densamente florestada e profusamente carregada de blocos de pedra soltos. A informação oral indica que o sítio arqueológico terá sido frequente e precocemente despojado de pedra para a construção das habitações que o rodeiam e esses blocos soltos podem pertencer ao desmantelamento das estruturas arqueológicas. Estes obstáculos dificultam uma real perceção da distribuição das várias estruturas e vestígios arqueológicos dos Casais Velhos e são impedimentos à identificação de novos testemunhos ou à realocização dos já conhecidos. Ainda assim, não se pode negar o potencial arqueológico que o sítio revela, uma vez que são visíveis à superfície inúmeros

materiais cerâmicos, nomeadamente telha e fragmentos de bordos e bojos de cerâmica comum.

Outra dificuldade que advém do pormenor do registo é o desconhecimento acerca da arrumação das deposições primárias e dos eventuais ossários existentes no interior das sepulturas. Desconhece-se também a disposição dos espólios funerários em relação às próprias inumações. Este tipo de informação condiciona a própria leitura do espaço cemiterial, que o estudo antropológico dos restos humanos não consegue descortinar. As ossadas que compõem a coleção de Casais Velhos, depositadas no MCCG, não têm indicação de sepultura, pelo que não é possível averiguar a densidade de enterramentos por sepultura e se há, ou não, diferenciação etária e/ou sexual dos inumados por estrutura. Além disso, só alguns objetos se podem associar a um dos núcleos de enterramento – o núcleo oriental –, pois não há indicações precisas da sepultura onde estariam depositados.

Os restos humanos analisados encontravam-se depositados, ou segundo a data da sua recolha em escavação, ou sem qualquer informação. Para melhor compreensão do conjunto decidiu-se organizar da seguinte forma:

- *Conjunto A* – ossos cuja data de recolha se desconhece;
- *Conjunto B* – ossos recolhidos na campanha arqueológica de 1971;
- *Conjunto C* – “Esqueleto n.º 4”

O NMI foi reconhecido através do método proposto por Hermann *et all.* (1990) para os ossos longos, considerando também as adaptações de Silva (1993; 2002) que tem em conta a lateralidade e o estado de maturação dos ossos de indivíduos imaturos. Cruzou-se igualmente as frequências de outras peças esqueléticas (crânios, coxais, mãos, pés e dentes), respeitando a dimensão relativa e o estado de maturação. Uma vez que se desconhece as sepulturas de proveniência da maior parte dos restos humanos, apenas foi possível fazer a caracterização sexual e etária de um dos indivíduos inumados nesta necrópole. Trata-se do único que se encontrava individualizado e mais completo, que estava designado por “Esqueleto n.º 4” e que corresponde ao nosso Conjunto C.

Tal informação é essencial para o estudo arqueológico da necrópole, mas é claramente insuficiente para um estudo antropológico. A informação de cariz

antropológica cingiu-se assim aos dados básicos necessários para uma correta análise arqueológica e histórica desta necrópole. O estudo preliminar das ossadas conservadas no MCCG, em Cascais, apurou um NMI de 29 indivíduos (Tabela 6).

TABELA 6 - RESULTADOS DO ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS SEPULTURAS DE CASAIS VELHOS

Conjunto	Indivíduos	Sexo	Idade biológica	Indicadores etários	Indicadores sexuais
A	14	Indeterminado	Maturos	Pela dimensão relativa e pela fusão total das epífises de 1 ^{as} falanges proximais do pé direito	-
A	8	Não observável	Imaturos	Pelas fases de desenvolvimento das coroas e das raízes de 2 ^{as} molares superiores deciduais esquerdos (FDI 65), todos eles soltos das mandíbulas de origem	-
B	3	Indeterminado	Maturos	Pela dimensão relativa e pela fusão total das epífises de 4 ^{as} metacárpicos esquerdos	-
B	3	Não observável	Imaturos	Pela diferença que apresentam os processos de fusão das epífises de dois 2 ^{as} metacárpicos direitos e um esquerdo	-
C	1	Feminino	Maturo	Pela dimensão relativa de uma clavícula direita, dois fémures (esquerdo e direito), de duas tíbias (esquerda e direita) e uma vértebra torácica	- Porção de coxal com chanfradura aparentemente feminina - Diâmetro vertical da cabeça do fémur direito (38 mm) - Diâmetro transversal da cabeça dos fémures (direito: 39 mm; esquerdo: 41 mm) - Diâmetro ao nível do buraco nutritivo da tibia direita (22 mm) - Diâmetro ântero-posterior da tibia direita (27,4 mm)

3.2.1. O Espólio

Do espólio da necrópole de Casais Velhos, o MCCG conserva um conjunto de peças muito variado, situação que deriva da utilização do espaço funerário desde o Baixo Império até à Alta Idade Média.

Dos objetos cerâmicos fazem parte uma lucerna, dois jarros e uma taça, além dos materiais arqueológicos metálicos que são numericamente superiores: dois apliques zoomórficos, dois brincos, um anel, um bracelete, uma fivela, fragmentos de botões/apliques de cinturão, uma agulha, quatro pregos, duas lanças e um cabo de espelho em marfim.

Alguns dos objetos recolhidos pertencem claramente aos momentos iniciais da utilização da necrópole, ainda durante os séculos III/IV d.C.. De modo a cumprir o estudo das práticas funerárias entre os séculos VI e VII d.C. em Casais Velhos, fez-se uma escolha deliberada acerca dos materiais que melhor representam esse âmbito cronológico, descartando-se:

- As 15 moedas romanas, uma vez que foram datadas dos reinados dos imperadores Filipe, o Árabe (244-249 d.C.), Constantino (307-337 d.C.), Constante (337-350 d.C.), Constâncio II (337-361 d.C.), Valentiniano I (364-375 d.C.), Valentiniano II (375-392 d.C.), Teodósio (379-395 d.C.) e Máximo (383-388 d.C.);

- O cabo de espelho em marfim para o qual não existem paralelos em sepulturas de cronologia alto-medieval. Encontra-se incompleto na zona de arranque do espelho, estando decorado por sulcos, elaborados através de excisão, dispostos paralelamente entre si e na horizontal. Toda a superfície apresenta um acabamento polido;

- Os fragmentos de botões ou de apliques de cinturão em bronze, pela incerteza da sua funcionalidade. Tratam-se de pequenos objetos em bronze, de tipologia escutiforme, decorados apenas com uma espinha dorsal em relevo disposta na vertical. Todos os exemplares mostram um entalhe em cada uma das partes laterais, dependendo da sua condição de conservação;

- As duas pontas de lança em ferro, visto que segundo a Base de Dados do MCCG foram encontradas na mesma sepultura que a lucerna e a bilha;

- A lucerna, por corresponder ao tipo Deneauve VII, em circulação nos finais do século I e inícios do II d.C. (SARMENTO, 2012, pp. 39-40);

- A taça, por ser uma derivação da forma 42 de Lamboglia ou 45A de Hayes de cerâmica africana Clara C, cuja produção é frequente entre os anos 200 e 300 d.C. Trata-se de uma forma aberta composta por corpo hemisférico, um largo bordo oblíquo

redondo e uma base plana. Exibe esporádicas linhas onduladas tenuemente incisadas na superfície exterior do bojo. Terá sido fabricada a torno e cozida em ambiente oxidante, dado que tanto as superfícies, como as fraturas são de cor amarela (7.5 YR 7/8). Segundo a Base de Dados do MCCG, constitui o espólio de uma das sepulturas do núcleo oriental.

3.2.1.1. Cerâmico

CV. 1 – Jarro (Anexo II: figs. 28 e 29)

Forma fechada constituída por bordo trilobado, corpo globular e colo troncocónico. Apresenta um bordo redondo, orientado para o exterior da peça. A asa, em fita, apresentada secção trapezoidal e um sulco longitudinal orientado verticalmente em relação à peça, estando a sua extremidade superior fixada no bordo e a inferior a meio do corpo. Tem uma base plana, ligeiramente convexa.

Foi realizado um fabrico misto, uma vez que exhibe marcas digitais no bico, e cozido em ambiente oxidante.

A pasta apresenta uma consistência média e textura homogénea. Tem uma concentração média de ENP, observando-se macroscopicamente micas, quartzos, calcários e feldspatos.

Tanto as superfícies, como as fraturas são de cor vermelha (2.5 YR 4/8).

São visíveis marcas de utilização ao fogo.

Atributos métricos: Altura máxima – 155 mm; Diâmetro máximo – 103 mm; Diâmetro da boca – s/d; Diâmetro do colo – 64,5 mm; Diâmetro da base – 74 mm; Espessura média – 5 mm

Peso: 750,96 g.

Nota: terá sido recolhida nas sepulturas do núcleo oriental.

CV. 2 – Jarro (Anexo II: figs. 30 e 31)

Forma fechada composta por corpo globular e colo troncocónico. Apresenta um bordo redondo, orientado para o exterior da peça. A asa, em fita, tem a extremidade superior fixada a meio do colo e a inferior a meio do corpo; mostra secção trapezoidal e um sulco

longitudinal orientado verticalmente em relação à peça. A asa está ligeiramente desviada para a esquerda e termina na parte superior do corpo. Exibe uma base plana.

Encontra-se decorada na superfície exterior do bojo. Trata-se de uma faixa delimitada por dois sulcos horizontais incisos em cada limite, os quais balizam o motivo decorativo central: uma decoração em ziguezague também incisa. O pouco aprumo e a irregularidade dos elementos decorativos, feitos porventura por uma ponta romba, podem indiciar a rapidez com que foram elaborados.

Foi montado a torno e cozido em ambiente oxidante.

A pasta apresenta uma consistência média e textura homogénea. Tem uma concentração média de ENP, observando-se macroscopicamente quartzos, micáceos e feldspatos.

Tanto as superfícies, como as fraturas são de cor vermelha (2.5 YR 5/8).

Não são visíveis marcas de fogo, nem de utilização.

Atributos métricos: Altura máxima – 160 mm; Diâmetro máximo – 90,5 mm; Diâmetro da boca – 55 mm; Diâmetro do colo – 50 mm; Diâmetro da base – 67,5 mm; Espessura média – 4,5 mm

Peso: 717,97 g.

Nota: segundo a Base de Dados do Museu Condes de Castro Guimarães terá sido recolhida juntamente com as duas lanças de ferro e a lucerna numa sepultura do sector oriental.

3.2.1.2. Metálico

CV. 3 – Aplique zoomórfico (Anexo II: figs. 32 e 33)

Peça em bronze cujo recorte reporta a um canídeo.

O corpo do animal encontra-se segmentado em 3 campos decorativos: o primeiro, que define a zona do pescoço, é composto por duas linhas, cada uma formada por pares de pontos puncionados que se distribuem paralelamente entre si na horizontal. Essas linhas

estão separadas por cinco triângulos alinhados a punção que alternadamente têm posições invertidas.

No segundo campo, que ocupa todo o dorso do animal, figura um motivo que se repete três vezes: a união de quatro triângulos equiláteros incisos formam um quadrado. Os espaços residuais desses triângulos encontram-se preenchidos com outros mais pequenos elaborados a punção.

Esse motivo geométrico termina com o terceiro campo decorativo, composto por uma linha de pontos puncionados, dispostos paralela e verticalmente, acabando por definir o membro traseiro do animal.

Atributos métricos: Comprimento – 41 mm; Espessura média – 1 mm

Cronologia proposta pela signatária: século VI d.C., por paralelo com um aplique zoomórfico recolhido na Sepultura 14 da necrópole de Talaíde (CARDOSO, CARDOSO e GUERRA, 1995)

Nota: segundo a Base de Dados do Museu Condes de Castro Guimarães é proveniente de uma sepultura do sector oriental.

CV. 4 – Aplique zoomórfico (Anexo II: figs. 34 e 35)

Fragmento de um aplique de latão.

A liga metálica estaria recortada de modo a representar possivelmente um canídeo estilizado. O estado atual da peça apenas mostra o contorno do olho e parte do corpo do animal.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Apl – 01): Comprimento – 12,39 mm; Largura – 32,77 mm; Espessura média – 1,72 mm

Cronologias propostas: século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

CV. 5 – Brinco (Anexo II: figs. 36 e 37)

Peça em bronze, fundida a molde.

Este brinco anelar apresenta um aro aberto decorado com linhas incisas intervaladas, por vezes aparecendo conjunto de duas linhas paralelas.

Numa das extremidades do brinco, o remate tem uma configuração geométrica cúbica com todos os vértices arredondados. Todas as faces do cubo mostram-se decoradas tipo “dado”, com 3 a 4 pontos puncionados.

Atributos métricos: Diâmetro – 24 mm x 22,5 mm; Espessura média – 2 mm

Cronologias propostas: século VI, por paralelo com o brinco *16.855 A* proveniente do Algarve, depositado no Museu Nacional de Arqueologia (AREZES, 2010)

Nota: segundo a Base de Dados do Museu Condes de Castro Guimarães é proveniente de uma sepultura do sector oriental onde se identificou um indivíduo do sexo feminino.

CV. 6 – Brinco (Anexo II: figs. 38 e 39)

Peça em bronze, fundida a molde.

Este brinco anelar, de configuração circular, apresenta o aro aberto e, numa das extremidades, tem um remate geométrico decorado em relevo por arestas dispostas horizontalmente.

O aro não apresenta qualquer decoração.

Atributos métricos: Diâmetro – 30 mm x 28 mm; Espessura média – 2,5 mm

Cronologia proposta pela signatária: séculos VI-VII, por paralelos com o brinco *AB. 20* da necrópole da Abuxarda.

Nota: segundo a Base de Dados do Museu Condes de Castro Guimarães é proveniente de uma sepultura do sector oriental.

CV. 7 – Anel (Anexo II: figs. 40 e 41)

Peça em bronze, fundida a molde.

Anel em fita cujo aro não se encontra fechado, apresentando secção retangular.

Apresenta um sulco inciso, disposto horizontalmente, que percorre todo o aro.

Atributos métricos: Diâmetro – 19 mm x 18 mm; Espessura média – 2,5 mm

Cronologia proposta pela signatária: séculos VI-VII d.C., por paralelo com os anéis em fita *AB. 8, AB. 9, AB. 10, AB. 11, AB. 12, AB. 13, AB. 15* da necrópole da Abuxarda.

CV. 8 – Bracelete (Anexo II: figs. 42 e 43)

Peça em bronze, fundida a molde.

Bracelete que apresenta secção circular e uma das extremidades tem um remate modelado em gancho.

A peça apresenta pequenas linhas paralelas elaboradas através de incisão dispostas obliquamente.

Atributos métricos: Diâmetro – 62,5 mm x 65 mm; Espessura média – 3,5 mm

Cronologia proposta pela signatária: séculos VI-VII d.C., por paralelo com o bracelete *AB. 17* da necrópole da Abuxarda e com os braceletes recolhidos nas Sepulturas 4 e 12 na necrópole de Talaíde (CARDOSO, CARDOSO e GUERRA, 1995)

CV. 9 – Fivela (Anexo II: figs. 44 e 45)

Peça em bronze, fundida a molde.

Esta fivela, de tipologia reniforme, encontra-se desguarnecida de fuzilhão, notando-se o seu encaixe sob a forma de depressão. Os suportes do eixo encontram-se partidos.

É possível que estivesse articulada com uma placa de cinturão liriforme (AREZES, 2010, Fv – 07).

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Fv – 07): Diâmetro – 28,88 mm x 39,96 mm; Espessura média – 4,28 mm

Cronologias propostas: “paleocristã” (proposta por BRANCO e FERREIRA, 1971). Entre finais do século VI/inícios do século VII e o início do século VIII (proposta por AREZES, 2010)

CV. 10 – Agulha (Anexo II: figs. 46 e 47)

Agulha em bronze cuja cabeça tem uma configuração retangular e na qual se encontra a perfuração para fazer entrar a linha.

A cabeça da agulha apresenta secção retangular e o seu prolongamento apresenta secção ovalada, culminando numa ponta aguçada.

Atributos métricos: Comprimento – 121 mm; Espessura média da cabeça – 1 mm; Espessura média do prolongamento – 2 mm; Espessura da extremidade aguçada – 1 mm

Nota: segundo a Base de Dados do Museu Condes de Castro Guimarães é proveniente de uma sepultura do sector oriental.

CV. 11 – Prego (Anexo II: fig. 48)

Peça em bronze.

A cabeça deste prego tem uma configuração circular achatada. O corpo apresenta secção quadrangular.

Atributos métricos: Comprimento – 30 mm; Diâmetro da cabeça – 7 mm; Espessura média a meio – 3 mm; Espessura média na extremidade aguçada – 1 mm

Cronologia: incerta.

CV. 12 – Prego (Anexo II: fig. 48)

Peça em bronze.

A cabeça deste prego tem uma configuração circular achatada. O corpo apresenta secção quadrangular. A ponta aguçada encontra-se dobrada.

Atributos métricos: Comprimento – 30 mm; Diâmetro da cabeça – 8 mm; Espessura média a meio – 3 mm

Cronologia: incerta.

CV. 13 – Prego (Anexo II: fig. 49)

Peça em ferro.

Encontra-se fraturado ao nível da cabeça e da extremidade aguçada. Exibe um corpo com secção quadrangular.

Atributos métricos: Comprimento – 38,5 mm; Espessura média a meio – 4,5 mm

Cronologia: incerta.

CV. 14 – Prego (Anexo II: fig. 50)

Peça em ferro.

O corpo deste prego apresenta uma secção irregular.

Atributos métricos: Comprimento – 51 mm; Espessura média a meio – 5 mm; Espessura média da extremidade aguçada – 2,5 mm

Cronologia: incerta.

3.2.2. Interpretação

A associação de espaços funerários a antigos sítios romanos não é invulgar neste âmbito cronológico. Os três núcleos de enterramento da estação arqueológica de Casais Velhos foram descobertos no exterior do complexo termal e industrial fortificado. Trata-se de uma necrópole onde podem ter sido praticados os rituais da inumação e da incineração, uma vez que se verificou a descontinuidade das zonas de enterramento e espólio cerâmico para guardar restos humanos cremados (urnas). É provável que, nas sepulturas de inumação, os indivíduos tenham sido depositos com dois jarros cerâmicos (um deles decorado), adereços de adorno pessoal - dois brincos, um bracelete, um anel e dois apliques zoomórficos -, com elementos de indumentária - uma fivela - e instrumentos que remetem para os espaços domésticos e para as atividades quotidianas - uma agulha. À exceção desta última por ter uma utilização diacrónica muito ampla, as restantes peças metálicas apontam para uma cronologia entre o século VI e os inícios do VIII d.C.

Foram descritos para esta necrópole dois tipos de sepulturas de inumação: as sepulturas de lajes, estruturadas lateralmente e nas extremidades por esteios calcários e dotadas de tampas de cobertura; e as sepultura em fossa, desprovidas de qualquer elemento pétreo. Os trabalhos de prospeção permitiram a realocização de duas sepulturas de lajes, geminadas numa das extremidades e orientadas Este-Oeste, orientação essa que obedece à crença de que, no Dia do Juízo Final, os defuntos erguer-se-iam virados para Nascente para avistar Deus.

Apenas esta necrópole tem descrições sobre a preparação do fundo das sepulturas. Uma delas mostrou um fundo revestido com ladrilhos. A existência de pregos sugere a utilização de caixões ou de padiolas de madeira para o acondicionamento do defunto na cavidade sepulcral.

Apesar de se desconhecer o número total de sepulturas, as descrições publicadas (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950; BRANCO e FERREIRA, 1971) levam a supor o reaproveitamento das sepulturas para enterramentos sucessivos e a consequente formação de ossários. O estudo antropológico da coleção osteológica de Casais Velhos, realizado no MCCG, apurou um NMI de 29 indivíduos. Contabilizaram-se 18 indivíduos maduros, um dos quais do sexo feminino (“Esqueleto n.º 4”), além de 11 indivíduos imaturos. Através da publicação de Figueiredo e Paço (1950), sabe-se que as sepulturas infantis encontravam-se entre as sepulturas de indivíduos maduros, o que leva a crer que não havia uma intencionalidade em diferenciar os indivíduos no que respeita à sua idade. Sobre uma eventual diferenciação sexual nada se pode afirmar, uma vez que desconhecemos as sepulturas de proveniência de todos os restos humanos.

Os 29 indivíduos mostram um perfil demográfico típico de uma comunidade com todos os seus elementos, ainda que considere que as crianças estão sub-representadas, o que é também uma característica do mundo funerário alto-medieval.

Através das cronologias relativas dos materiais arqueológicos recolhidos até à atualidade, admite-se que o povoado fortificado se manteve em atividade até ao século IV d.C. Apesar de ainda não se terem detetado quaisquer indícios da utilização das estruturas pré-existentes, as mesmas podem ter sido reocupadas num período subsequente por um núcleo populacional de baixa densidade. Se além das antigas estruturas existissem outras, construídas *ex novo* com recurso a materiais perecíveis,

muito características da Alta Idade Média, tal situação ainda não foi registada em Casais Velhos. A utilização de materiais perecíveis nos espaços domésticos é muitas vezes impercetível e de difícil identificação.

3.3. Abuxarda

Topónimos: Abuxarda; Abujarda

Freguesia: Alcabideche

Altitude: 80 metros

CMP n.º 430

Entrada da CAC (1991): 49 – Necrópole de Abuxarda

Bibliografia: OLIVEIRA, 1888-1892; PEREIRA, 1916; PAÇO, 1960; CARDOSO, 1991; AREZES, 2010

As primeiras referências à necrópole da Abuxarda datam de 1888-1892, quando Francisco Paula e Oliveira a publica na sua comunicação «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*» (OLIVEIRA, 1888-1892, pp. 7-8). Segundo a descrição que faz da Abuxarda, este autor ter-se-á deparado com um cemitério semelhante ao de Alcoitão. Infelizmente na sua descrição não menciona o número de sepulturas que a integravam, mas descreve-as como estando dispostas em filas e orientadas no sentido Este-Oeste, à exceção de duas que se encontravam de Norte para Sul (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7).

No que à arquitetura funerária concerne, esses dois núcleos de sepulturas apresentavam diferenças estruturais. Das duas sepulturas orientadas no sentido Norte-Sul nada se sabe, a não ser que eram de construção mais “pobre” (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7). Ao contrário dessas, as restantes eram estruturadas por lajes afeiçoadas, ou excepcionalmente delimitadas por tijolos empilhados uns sobre os outros, alguns de grande dimensão, apresentando uma camada de revestimento interior feita com cal e areia (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 7). Na descrição desta necrópole estão ausentes os dados relativos aos atributos métricos dos sepulcros, contrariamente à que o investigador apresentou para a necrópole de Alcoitão. No entanto, apontando a semelhança entre as duas necrópoles e o facto de ter registado também na Abuxarda a reutilização das sepulturas, supõe-se que as realidades métricas não deveriam ser muito discordantes.

Perante o ritual do reaproveitamento das sepulturas, F. Paula e Oliveira diz que os esqueletos se encontravam acumulados da mesma forma como em Alcoitão (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 8): os indivíduos em deposição primária estariam deitados

sobre as costas, com os braços estendidos naturalmente ao longo do corpo ou fletidos sob a bacia. Porém, nada refere sobre a formação de ossários ou sobre a seleção prévia de ossos de enterramentos mais antigos.

A singularidade desta necrópole em relação às restantes que integram este estudo está na quantidade e na diversidade de materiais arqueológicos que aí foram recolhidos. O número de objetos que constituem o espólio deste sítio é invulgar para este tipo de contextos, caracterizados fundamentalmente pela escassez de materialidades no interior das sepulturas. Não ficando indiferente a esta constatação, F. Paula e Oliveira exalta diversas vezes que as sepulturas se encontravam “*ricamente dotadas de objetos de arte*” e “*mostraram-se mais ricas em produtos artísticos que as de Alcoitão*” (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 8).

Para além dos constrangimentos apontados para o estudo desta necrópole (desconhecimento do número total de sepulcros e da arquitetura funerária), há ainda a acrescentar a impossibilidade de estudo de todo o conjunto osteológico que terá sido recolhido no momento da sua descoberta, uma vez que não há rasto dessas ossadas. Além disso, deve referir-se a inexistência de um registo gráfico da planta da necrópole. Esta teria permitido compreender melhor a sua organização espacial, bem como tentar apurar se a variação da orientação das sepulturas corresponderia a núcleos de enterramento distintos. Questões como a arrumação dos indivíduos e dos ossários no interior das sepulturas, ou a disposição dos espólios funerários em relação aos esqueletos não podem, também por esse motivo, ser abordadas e são elementos fundamentais para o estudo deste tipo de contextos funerários e, aliás, alinhados com as novas perspetivas analíticas deste tipo de realidades arqueológicas alto-medievais.

Na tentativa de relocalizar a necrópole da Abuxarda, levou-se a cabo uma pesquisa bibliográfica cujo intuito era o de procurar indicações nesse sentido. Somente «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*» de F. Paula e Oliveira (1888-1892) e num artigo publicado n’ *O Arqueólogo Português* em 1916, da autoria de Félix Alves Pereira, denominado «*Antiquités: IV – Entre Alvide e Abuxarda (Cascais)*» se fez alguma referência ao seu enquadramento geográfico. Aquando da descoberta do sítio arqueológico, F. Paula e Oliveira menciona que as sepulturas se localizavam a Norte da localidade da Abuxarda, na encosta Sul de um monte perto da estrada que vai de

Cascais para Sintra, em frente ao chafariz. Os trabalhos de campo desenvolvidos revelaram-se imprósperos para o objetivo estabelecido. Todavia, e atestando o potencial arqueológico que os dois autores testemunharam¹⁰, foi possível verificar que, um pouco a Norte da localidade, nas proximidades do referido chafariz, são visíveis à superfície materiais arqueológicos que podem apontar para uma efetiva ocupação histórica naquele local (Anexo II: figs. 51 e 52). A Este da Rua dos Eucaliptos observaram-se, além de blocos de pedra de média dimensão, grandes concentrações de cerâmica de construção, bordos e bojos de cerâmica vidrada e de cerâmica de uso comum e, ainda, fauna mamalógica e malacológica (búzios). Através do programa *Google Earth* foram obtidas para este sítio as seguintes coordenadas geográficas: 38°43'15.5"N / 9°25'07.7"O.

Não se logrou encontrar a necrópole, porque se crê que a densa vegetação condiciona a visualização das sepulturas e que a construção de novos imóveis possa ter entretanto afetado os vestígios arqueológicos. Félix Alves Pereira já expressava a sua indignação pelo estado de conservação de duas sepulturas de lajes que conseguiu identificar e pela constante destruição originada pela passagem da charrua (PEREIRA, 1916, p. 208).

De modo a trazer à luz mais dados sobre a necrópole da Abuxarda foi realizado, com a ajuda da antropóloga Raquel Granja, o estudo antropológico preliminar dos restos humanos conservados no Museu Nacional de Arqueologia. Tal coleção é somente constituída por quatro falanges proximais da mão direita cujo registo não apresentava a indicação da sepultura em que foram recolhidas. A sua análise serviu para o reconhecimento do NMI através do método proposto por Scheuer & Black (2000) que tem conta o estado de maturação do osso, e para uma caracterização etária dos

¹⁰ Segundo F. Paula e Oliveira «Un kilomètre à l'ouest d'Abujarda, on observe une quantité immense de débris de matériaux de construction et de tesson de poterie, épars sur le sol et occupant une aire très étendue. (...) Même on peut y voir encore des ruines d'édifices affleurant à la surface du sol. Tout indique qu'une population nombreuse y habita autrefois.» (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 8). Já Félix Alves Pereira explicou que, seguindo para Sudoeste, «(...) atingimos logo os campos, onde abundam, à superfície do solo, tijolos quebrados. Este ponto, a que chamam Sancidreiras, era o que em Cascais me haviam, de facto, indicado. Na verdade, aqui deve ter estacionado uma população de época histórica, romana ou provavelmente da alta idade-média. Os restos, que encontramos, consistiam em cerâmica de construção, principalmente: fragmentos de telha semicilíndrica (*imbrex*) em maior quantidade que a plana de rebordos (*tégula*); um pedaço de tijolo munido de duas saliências laterais; um exemplar de estuque antigo e o resto da boca de um grande vaso de barro.» (PEREIRA, 1916, p. 208).

indivíduos, uma vez que a diagnose sexual é pouco segura para este caso. A análise antropológica apurou assim um NMI de 2 indivíduos:

- As três falanges com os Números de Inventário 2003.9.5, 2003.9.19 e outra “s/d” pertenceriam a um indivíduo maturo, pela fusão completa das epífises, cujo sexo é difícil determinar. A falange 2003.9.5 exibia sinais de ter estado junto a um objeto metálico oxidado, uma vez que mostrava uma coloração verde. A falange sem N.º de Inventário tinha uma etiqueta que indicava que estaria junto com o anel AB. 8.

- A falange com o Número de Inventário 2003.9.6 pertenceria a um indivíduo imaturo com idade igual ou inferior a 16 anos, dada a fusão parcial das epífises.

3.3.1. O Espólio

Como já se teve oportunidade de mencionar, a peculiaridade deste sítio é a diversidade de materiais que constituem o espólio arqueológico desta necrópole. A ela estão associados um jarro cerâmico e vários objetos metálicos, que se podem classificar como adornos pessoais - dez anéis, um bracelete, sete brincos e seis contas de colar inteiras - e elementos de indumentária - uma placa de cinturão, três fivela e um fuzilhão. Nota-se uma clara maioria das peças metálicas, situação que é coerente com outras necrópoles de cronologia análoga¹¹.

Por outro lado, a quantidade singular do espólio deste sítio não é, contudo, concordante com o número de indivíduos apurados no estudo antropológico. Considerando que esta necrópole teria uma dimensão idêntica à de Alcoitão, com 37 sepulturas, ter-se-á de apurar os motivos pelos quais apenas existem restos de 2 indivíduos. Não seria possível um indivíduo fazer-se enterrar com dez anéis ou sete brincos: este ponto de análise fica por explicar pela falta de restos humanos atribuíveis à Abuxarda.

À semelhança das outras necrópoles que integram este estudo, destaca-se igualmente o total desconhecimento acerca dos contextos sepulcrais de proveniência dos espólios funerários.

¹¹ Veja-se os casos das sepulturas de Casais Velhos (subcapítulo III: 3.2.) e ainda da necrópole de Talaíde (CARDOSO e CARDOSO, 1995; CARDOSO, CARDOSO e GUERRA, 1995).

3.3.1.1 Cerâmico

AB. 1 – Jarro (Anexo II: figs. 53 e 54)

Forma fechada composta por corpo globular. Note-se a impossibilidade de determinar a morfologia do colo pelo facto de a peça estar fraturada a essa altura; no entanto, seria mais estreito que o seu arranque inferior. Por esse motivo é também impossível determinar a morfologia do bordo. O arranque da asa, em fita, é de secção retangular, orientada verticalmente em relação à peça e fixada na zona superior do corpo. Apresenta uma base plana.

Foi fabricado a torno e cozido em ambiente oxidante.

A pasta apresenta uma consistência média e textura homogénea. Tem uma concentração fraca de ENP, observando-se macroscopicamente micas e quartzos.

Tanto as superfícies, como as fraturas são de cor amarela (10YR 8/6).

Não são visíveis marcas de fogo, nem de utilização.

Atributos métricos: Altura máxima – 141,5 mm; Diâmetro máximo – 110,5 mm; Diâmetro da boca – s/d; Diâmetro do colo – 50 mm; Diâmetro da base – 86 mm; Espessura média – 5 mm

Peso: 557,28 g.

Notas: Desconhece-se a sepultura de proveniência.

3.3.1.2 Metálico

AB. 2 – Placa de cinturão (Anexo II: figs. 55 e 56)

Peça em bronze, fundida a molde, de placa rígida simples.

Apresenta uma configuração retangular e uma extremidade distal arredondada. Uma aresta atravessa longitudinalmente o centro da placa.

A fivela é também de configuração retangular e apresenta-se separada da placa através de um sulco inciso disposto horizontalmente. Localizada abaixo encontra-se a perfuração circular onde encaixa o gancho do fuzilhão.

O fuzilhão escutiforme é dotado de uma agulha curva, a qual é atravessada por um sulco irregular, com aproximadamente 1 mm de espessura.

No verso observam-se os apêndices: um aplicado na extremidade distal e outros dois, dispostos paralelamente entre si, junto à fivela e ladeando a perfuração onde encaixa o gancho.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, PI – 01): Comprimento – 84,81 mm; Comprimento do fuzilhão – 27,99 mm; Largura – 33,55 mm; Largura do fuzilhão – 13,33 mm; Espessura média – 2,58 mm; Espessura média do fuzilhão – 4,76 mm

Cronologias propostas: segunda metade do século VI a cerca de 600/640 d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 3 – Fivela (Anexo II: figs. 57 e 58)

Peça em bronze, fundida a molde.

Esta fivela apresenta um aro oval e secção elíptica e encontra-se dotado com fuzilhão escutiforme. O fuzilhão tem uma agulha de secção triangular e tem na base uma decoração em canelura, criadas através na incisão de sulcos horizontais.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Fv – 01): Diâmetro do aro – 26,50 mm x 32,93 mm; Diâmetro do gancho – 10,20 mm; Comprimento do fuzilhão – 34,27 mm; Largura do aro – 7,92 mm; Largura da base do fuzilhão – 12,3 mm; Espessura média do aro – 5,46 mm; Espessura média do fuzilhão – 4,30 mm

Cronologias propostas: último quartel do século V a meados da segunda metade do século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 4 – Fivela (Anexo II: figs. 59 e 60)

Peça em bronze, fundida a molde.

Esta fivela apresenta um aro oval e secção semicircular e encontra-se dotado com fuzilhão escutiforme. O fuzilhão tem uma agulha de secção triangular e de extremidade curva.

Na base do fuzilhão observa-se uma canelura decorativa, criada através de dois sulcos incisos paralelos, dispostos na horizontal.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Fv – 02): Diâmetro do aro – 20,55 mm x 32,01 mm; Comprimento do fuzilhão – 28,25 mm; Largura do aro – 7,85 mm; Largura do fuzilhão – 13 mm; Espessura média – 4,85 mm

Cronologias propostas: último quartel do século V a meados da segunda metade do século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 5 – Fivela (Anexo II: figs. 61 e 62)

Aro de uma fivela em ferro.

Esta fivela, de tipologia reniforme, encontra-se desguarnecida de fuzilhão.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Fv – 03): Comprimento – 44,15 mm; Largura do aro – 6,19 mm; Espessura média – 6,25 mm

Cronologias propostas: século VII, perdurando ao longo das duas primeiras décadas do século VIII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 6 – Fuzilhão (Anexo II: figs. 63 e 64)

Peça em bronze, fundida a molde.

A base é dotada de quatro caneluras paralelas entre si, criadas através de sulcos incisos, e dispostas horizontalmente. Em cada canelura ainda figuram várias linhas verticais incisas.

O gancho deste fuzilhão é curvo e de secção triangular.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Fu – 01): Comprimento – 36,01 mm; Largura – 11,40 mm; Espessura média – 7,31 mm

Cronologias propostas: século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 7 – Anel (Anexo II: figs. 65-67)

Peça em bronze, fundida a molde, de aro plano convexo.

A mesa é de configuração retangular e apresenta uma moldura elaborada através de um sulco inciso. No campo central observam-se três peixes dispostos paralelamente entre si; foram desenhados pela incisão de uma forma elíptica que termina num apêndice triangular em cada extremidade.

Em cada uma das zonas de arranque do aro em relação à mesa figura uma decoração em espinha. As extremidades do nervo central da espinha culminam num elemento decorativo triangular.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 01): Diâmetro do aro – 27,83 mm x 25,46 mm; Largura da mesa - 11,14 mm; Espessura média – 5,12 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 8 – Anel (Anexo II: figs. 68 e 69)

Peça em bronze, fundida a molde.

Anel em fita que apresenta, em determinadas zonas do aro, um motivo decorativo com linhas incisas dispostas obliquamente.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 02): Diâmetro do aro – 20,31 mm x 19,98 mm; Largura do aro – 4,74 mm; Espessura média – 0,70 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

Nota: pode ter sido recolhido junto com uma das falanges proximais da mão direita de um indivíduo maturo, segundo o registo do Museu Nacional de Arqueologia.

AB. 9 – Anel (Anexo II: figs. 70 e 71)

Dois fragmentos de um anel em bronze.

Num dos fragmentos deste anel, em fita, figuram quatro linhas verticais e também dois sulcos cruzados, um na horizontal e outro na vertical, ambos os elementos elaborados através de incisão.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 03): Diâmetro de um dos fragmentos – 18,31 mm; Largura – 3,57 mm; Espessura média – 0,67 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 10 – Anel (Anexo II: figs. 72 e 73)

Três fragmentos de um anel em bronze.

Anel em fita cuja superfície exterior do aro apresenta linhas incisas dispostas vertical ou obliquamente, criando motivos de configuração triangular.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 04): Diâmetro de um dos fragmentos – 16,69 mm; Largura – 5,97 mm; Espessura média – 0,87 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 11 – Anel (Anexo II: figs. 74 e 75)

Fragmento de anel em bronze.

Na superfície exterior deste anel, em fita, observam-se linhas incisas dispostas vertical e obliquamente, criando um motivo de configuração triangular.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 05): Diâmetro do fragmento – 12,07 mm x 5,40 mm; Largura – 1,38 mm; Espessura média – 0,76 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 12 – Anel (Anexo II: figs. 76 e 77)

Anel em fita, em pasta lameliforme, cujo aro não se encontra fechado e tem extremidades aplanadas.

Apenas numa parte restrita do aro observam-se elementos puncionados alternados com linhas incisas. Figuram também dois sulcos horizontais nos limites superior e inferior do aro, os quais delimitam os motivos decorativos.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 06): Diâmetro – 18,72 mm x 18,08 mm;
Largura do aro – 5,09 mm; Espessura média – 0,69 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 13 – Anel (Anexo II: figs. 78 e 79)

Dois fragmentos de um anel em bronze.

Anel em fita onde figura uma composição geométrica de configuração triangular elaborada através de sulcos verticais ou oblíquos incisos.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 07): Diâmetro de um dos fragmentos – 12,08 mm; Largura – 3,92 mm; Espessura média – 0,71 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 14 – Anel (Anexo II: figs. 80 e 81)

Dois fragmentos de anel em latão.

Num dos fragmentos deste anel observam-se linhas incisivas que formam caneluras dispostas verticalmente e ainda a zona de arranque da mesa.

No outro fragmento nota-se um sulco vertical que vem na continuação dos descritos anteriormente. A adicionar, constata-se também uma linha horizontal incisiva, colocando-se reservas acerca da sua intencionalidade decorativa.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 08): Diâmetro do fragmento de maior dimensão – 14,16 mm; Largura – 4,82 mm; Espessura média – 1,2 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 15 – Anel (Anexo II: figs. 82 e 83)

Peça em bronze.

Na superfície exterior deste anel em fita ainda figuram duplas linhas oblíquas elaboradas através de incisão que formam motivos geométricos de configuração triangular.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, An – 09): Diâmetro – 18,55 mm x 16,31 mm;
Largura – 4,19 mm; Espessura média – 0,58 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 16 – Anel (Anexo II: figs. 84 e 85)

Peça em bronze, fundida a molde, com aro plano convexo.

A mesa é de configuração circular e apresenta no centro uma cruz gamada ou suástica elaborada através de incisão. No espaço residual entre os quatro ramos da cruz encontram-se elementos puncionados, e, delimitando este motivo decorativo e a própria mesa do anel, observam-se pontos a punção e linhas incisas encadeados entre si.

Em cada uma das zonas de arranque do aro em relação à mesa figuram quatro linhas incisas paralelas entre si.

Atributos métricos: Diâmetro – 12,5 mm x 10,5 mm; Largura – 6 mm; Espessura média – 3 mm

Cronologia proposta pela signatária: séculos VI-VII d.C., por paralelo com o anel recolhido em 1981 na necrópole de Santa María de Hito, na Cantábria (GUTIÉRREZ CUENCA e HIERRO GÁRATE, 2009)

AB. 17 – Bracelete (Anexo II: figs. 86 e 87)

Peça em bronze, fundida a molde, de tipologia serpentiforme.

Em diferentes pontos do aro são observáveis conjuntos de linhas verticais incisas e nas duas extremidades estão representadas cabeças de serpente elaboradas através de apêndices laterais e de uma incisão que sugere o focinho do animal.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Br – 01): Diâmetro – 63,53 mm x 61,52 mm;
Largura – 4,53 mm; Espessura média – 3,48 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 18 – Brinco (Anexo II: figs. 88 e 89)

Peça em bronze, fundido a molde.

Este brinco anelar apresenta um aro aberto, de secção cilíndrica. As extremidades têm espessuras distintas, as quais são resultado de um estreitamento progressivo até à ponta mais aguçada.

Não apresenta quaisquer elementos decorativos.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Bri – 01): Diâmetro – 38,06 mm x 35,65 mm;
Largura – 3,60 mm; Espessura média – 3,11 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 19 – Brinco (Anexo II: figs. 90 e 91)

Peça em bronze, fundida a molde.

Este brinco anelar é dotado de um aro aberto. Nele está incluído um elemento decorativo esférico também ele decorado: numa zona central do verso constata-se uma linha incisa disposta horizontalmente.

O aro não apresenta quaisquer motivos decorativos.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Bri – 02): Diâmetro – 22,37 mm x 20,94 mm;
Largura – 5,29 mm; Espessura média – 4,93 mm

Cronologias propostas: século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 20 – Brinco (Anexo II: figs. 92 e 93)

Peça em bronze, fundida a molde.

Este brinco anelar apresenta um aro aberto. Uma das extremidades tem um remate no qual se verificam várias arestas dispostas horizontalmente.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Bri – 03): Diâmetro – 27,21mm x 26,69 mm;
Largura – 2,98 mm; Espessura média – 2,94 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 21 – Brinco (Anexo II: figs. 94 e 95)

Fragmento de um brinco em bronze, fundido a molde.

Este brinco anelar estaria dotado de um aro aberto, de secção circular.

A peça apresenta-se decorada na zona de remate através de caneluras e na superfície frontal através de uma linha oblíqua elaborada por incisão.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Bri – 04): Diâmetro – 28,27 mm; Largura do remate – 2,93 mm; Espessura média – 2,75 mm

Cronologias propostas: século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 22 – Brinco (Anexo II: figs. 96 e 97)

Fragmento de um brinco em bronze, fundido a molde.

Este brinco anelar apresenta um aro aberto, de configuração elíptica e de secção cilíndrica.

Na zona de remate é observável um elemento decorativo modelado elaborado através de incisão.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Bri – 05): Diâmetro – 35,58 mm; Largura – 1,87 mm; Espessura média – 1,86 mm

Cronologias propostas: século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 23 – Brinco (Anexo II: figs. 98 e 99)

Peça em bronze com aro aberto e de contorno elíptico.

Neste brinco anelar, de secção circular, verificam-se elementos decorativos modelados restringidos apenas à zona de remate.

Constata-se igualmente o estreitamento progressivo do aro até à extremidade oposta, mais aguçada.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Bri – 06): Diâmetro – 34,05 mm x 23,34 mm;
Largura – 1,96 mm; Espessura média – 2,19 mm

Cronologias propostas: século VI d.C. (proposta por AREZES, 2010)

AB. 24 – Brinco (Anexo II: figs. 100 e 101)

Peça em bronze, fundida a molde.

Este brinco anelar é dotado de um aro aberto, de secção circular. Os elementos decorativos, em relevo, estão circunscritos à zona de remate: apresentam uma intencionalidade geométrica, sendo que os dois que ladeiam o motivo central, dispostos obliquamente ou horizontalmente, terão sido elaborados através de excisão.

Constata-se igualmente o estreitamento progressivo do aro até à extremidade oposta, mais aguçada.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Bri – 07): Diâmetro – 30,06 mm x 30,04 mm;
Largura do remate – 4,40 mm; Espessura média do remate – 4,50 mm

Cronologias propostas: séculos VI-VII d.C. (proposta por AREZES, 2010)

3.3.1.3 Outros

AB. 25 – Contas de colar (Anexo II: figs. 102 e 103)

Duas contas esféricas de pasta vítrea de pequena dimensão.

Atributos métricos: Comprimento – 8 mm; Largura – 4,5 mm; Espessura média – s/d

AB. 26 – Conta de colar (Anexo II: figs. 104 e 105)

Conta circular de pasta vítrea translúcida.

Atributos métricos: Diâmetro – 19,5 mm; Largura – 8 mm; Espessura média – 6,5 mm

AB. 27 – Conta de colar (Anexo II: figs. 106 e 107)

Conta gomada de pasta vítrea translúcida.

Atributos métricos: Diâmetro – 21 mm; Largura – 13 mm; Espessura média – s/d

AB. 28 – Conta de colar (Anexo II: figs. 108 e 109)

Conta gomada de pasta vítrea, de cor verde.

Encontra-se fraturada a determinada ponto.

Atributos métricos: Diâmetro – 20,5 mm; Largura – 13 mm; Espessura média – s/d

AB. 29 – Fragmentos de contas de colar (Anexo II: figs. 110 e 111)

Fragmentos de várias contas em âmbar, de cor laranja.

Impossibilidade de determinar a morfologia das contas a que pertenceriam os vários fragmentos devido à sua reduzida dimensão e ao seu grau de fragmentação.

Atributos métricos: S/d

AB. 30 – Conta de colar (Anexo II: figs. 112 e 113)

Conta cônica de pasta vítrea, de cor azul cobalto.

Atributos métricos: Comprimento – 11 mm; Largura – s/d; Espessura média – s/d

AB. 31 – Conta de colar (Anexo II: figs. 114 e 115)

Fragmentos de contas cilíndricas de pasta vítrea, de cor azul cobalto.

Atributos métricos: Comprimento do fragmento maior – 10 mm; Largura – 3 mm;
Espessura média – s/d

3.3.2. Interpretação

Tudo o que se conhece da necrópole da Abuxarda advém das fontes escritas e dos espólios funerários. As publicações de F. Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1888-1892) e de Félix Alves Pereira (PEREIRA, 1916) revelam-se insuficientes para averiguar o número de sepulturas e as suas componentes arquitetónicas e para compreender os diferentes processos de deposição funerária, uma vez que são omissos nesses aspetos.

Na Abuxarda terá existido uma necrópole de inumação, a qual se destaca das restantes do concelho de Cascais pela quantidade de espólios metálicos. Os indivíduos foram depositos com adornos pessoais, elementos de indumentária e recipientes cerâmicos. Desta necrópole exumaram-se sete brincos em bronze, seis contas de colar em pasta vítrea e em âmbar, um bracelete em bronze, dez anéis (oito em bronze, um em latão e um em pasta lameliforme), uma placa de cinturão em bronze, três fivelas (duas em bronze e uma em ferro), um fuzilhão em bronze e um jarro cerâmico que deriva das formas fechadas de cerâmica comum para conter e servir líquidos. Tendo em consideração as cronologias relativas avançadas por Andreia Arezes (2010) para um conjunto alargado de elementos de adorno recolhidos em Portugal, e por comparação com alguns de espólios arqueológicos metálicos de necrópoles como Santa María de Hito, na Cantábria (GUTIÉRREZ CUENCA e HIERRO GÁRATE, 2009), todas as peças metálicas da Abuxarda apontam para uma cronologia entre os finais do século V e o século VII d.C., perdurando alguns até às primeiras décadas do século VIII d.C.

Podemos supor que existissem dois núcleos de enterramento distintos, uma vez que F. Paula e Oliveira refere que as sepulturas que os compõem tinham orientações e técnicas de construção diferentes. Sabe-se, pelo menos, que o conjunto de sepulturas orientadas Este-Oeste eram estruturadas por lajes afeiçoadas ou por tijolos empilhados e estavam revestidas interiormente por uma camada de cal e areia. A orientação a Este assenta na crença baseada no Dia do Juízo Final, no qual os defuntos se erguem virados para Deus, a Nascente. Infelizmente, será impossível perceber se os dois núcleos de enterramento corresponderiam a realidades cronológicas distintas, ou se a divergência na orientação das sepulturas reflete preocupações do foro organizacional e topográfico, nomeadamente o ciclo aparente do Sol, a escorrência de águas e espaços de circulação entre sepulcros ou mesmo uma cronologia divergente. Pouco se pode dizer acerca da

organização interna do espaço cemiterial, sem ser que as sepulturas estariam dispostas paralelamente entre si, em filas.

Foi descrito por aqueles autores o reaproveitamento das sepulturas para vários enterramentos, o que certamente levaria à formação de ossários, resultantes de inumações anteriores. Estes poderiam estar no interior ou no exterior das sepulturas; mas não há qualquer informação sobre a sua disposição. Por outro lado, é impossível confirmar hoje quantos indivíduos foram inumados e onde, pois há claramente um problema de discrepância gritante entre a descrição da necrópole, o seu espólio e o número de restos osteológicos hoje conservados no MNA, que é apenas composto por 4 falanges proximais da mão direita e cujo registo não indica a sepultura de proveniência. O estudo antropológico preliminar das mesmas determinou um NMI de 2 indivíduos (um maturo e um imaturo), o que não é concordante, por exemplo, com a quantidade de brincos recolhidos. Além de não ser conclusivo do número de sepulturas, o mesmo NMI também não permite tirar elações acerca do tipo de habitat rural a que pertenceriam esses indivíduos.

Não obstante, os trabalhos de prospeção possibilitaram a observação de uma grande densidade de cerâmica de construção, cerâmica comum, cerâmica vidrada e fauna num local situado a Norte da localidade da Abuxarda. Tal documenta a efetiva ocupação histórica do local e parece evidenciar o potencial arqueológico da Abuxarda, tal como F. Paula e Oliveira e Félix Alves Pereira já tinham testemunhado. Só escavações futuras neste sítio permitirão ter mais informações sobre a cronologia e a natureza da população que construiu e usou este espaço funerário.

3.4. Murches

Topónimos: Murches

Freguesia: Cascais

Altitude: 100 metros

CMP n.º 429

Entrada da CAC (1991): 28 – Murches II

Bibliografia: OLIVEIRA, 1888-1892; PAÇO, 1960; CARDOSO, 1991

As informações sobre as sepulturas descobertas em Murches são muito escassas. Ainda no século XIX, por ocasião de obras de reparação de uma via pública, terá sido comunicado a Francisco Paula e Oliveira a existência de dois núcleos de sepulturas, separados apenas por 300 metros.

Através das descrições realizadas pelo investigador na sua memória póstuma «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*» (OLIVEIRA, 1888-1892, pp. 8-10), percebe-se que o núcleo situado a Oriente da localidade de Murches integrava inumações de cronologia medieval islâmica. Embora se desconheça o número de sepulturas deste conjunto, sabe-se que estariam dispostas paralelamente, em filas, e todas orientadas de Este-Nordeste para Oeste-Sudoeste. Seriam desguarnecidas de esteios laterais de pedra, mas estariam dotadas de lajes não afeiçoadas que formavam a sua cobertura (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 8). O autor admite que “*Ces différences m’ont dénoncé des pratiques funéraires distinctes de celles que j’avais relevées partout ailleurs; elles sont assez importantes pour qu’on doive les attribuer à une autre époque, peut-être même à un autre peuple*” (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 9), uma vez que verificou igualmente a completa ausência de espólios funerários e a presença de apenas uma inumação por sepultura. Observou ainda indivíduos em posição de decúbito lateral, recostados para o lado direito. Excepcionalmente ter-se-á deparado com uma sepultura que continha crânios de três crianças (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 9).

Embora não avance com uma datação para os referidos enterramentos pelas dúvidas que lhe suscitaram, F. Paula e Oliveira sugere que se tratariam de manifestações de um período posterior àquele que reconheceu em Alcoitão e na Abuxarda (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 9).

No que concerne ao segundo núcleo de enterramento, datado da Alta Idade Média, o autor menciona a identificação de 5 túmulos semelhantes aos de Alcoitão e da Abuxarda. Estes estavam localizados no interior da localidade de Murches. De modo a reforçar as disparidades entre os dois espaços funerários, refere que essas sepulturas, orientadas invariavelmente Este-Oeste, eram delimitadas por lajes pétreas, estando já destituídas de tampas de cobertura. No interior de todos os sepulcros observou a deposição de mais do que um indivíduo. O único espólio que terá recolhido foi “*um vaso com paredes muito grossas*”, que classificou como romano, depositado perto da cabeça de um esqueleto (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 9).

Em 1960, o general Afonso do Paço publicou um artigo de síntese no IX volume da revista *Bracara Augusta*, denominado «*Vestígios de influência germânica no concelho de Cascais*». Contrapondo esse texto com a Carta Arqueológica elaborada por Guilherme Cardoso em 1991, nota-se uma clara confusão entre o nome das duas necrópoles causada, porventura, pela incerteza na localização dos vestígios. Afonso do Paço refere que a necrópole alto-medieval estaria localizada no sítio do Rossio Pelado e, por sua vez, Guilherme Cardoso indica que o Rossio Pelado seria o local onde estariam implantadas as sepulturas islâmicas. Por ser o trabalho mais recente e por estar de acordo com as informações patentes na plataforma *online* da Direção Geral do Património Cultural ‘Portal do Arqueólogo’¹², optar-se-á por adotar a designação de Murches II atribuída por Guilherme Cardoso.

Previamente ao trabalho de campo, a análise das fontes bibliográficas mostrava-se imprescindível para apurar a localização da necrópole alto-medieval de Murches. Apenas «*Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*» de F. Paula e Oliveira (1888-1892, pp. 8-10) e a *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, de Guilherme Cardoso (1991) mencionavam que as sepulturas encontrar-se-iam no centro da localidade.

As prospeções arqueológicas desenvolvidas foram infrutíferas. Murches é uma pequena aldeia situada a Noroeste do concelho de Cascais que tem sido alvo de uma

¹² Veja-se ‘Portal do Arqueólogo’: Murches <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=54398> [Consultado a 23/5/2015]

recente vaga de urbanização, fator que pode ter afetado os eventuais vestígios arqueológicos (Anexo II: figs. 116 e 117). Além disso, os parcos terrenos baldios que pontuam a aldeia estão atualmente com uma vegetação muito densa, o que impede a visualização da superfície do terreno e conseqüente identificação de vestígios arqueológicos. Dadas estas condicionantes, não foi possível localizar as sepulturas, nem observar quaisquer indícios da ocupação humana alto-medieval naquela localidade.

Perante os dados apresentados anteriormente, são inegáveis as dificuldades que o estudo desta necrópole enfrenta. A história da investigação passa essencialmente por descrições muito sumárias, baseadas sobretudo nas impressões científicas suscitadas ao seu observador aquando da sua descoberta. Não é conhecido qualquer registo gráfico das sepulturas ou da necrópole e muito menos se podem fazer juízos acerca da arrumação das deposições primárias e dos ossários no interior das sepulturas. Apenas o estudo antropológico preliminar efetuado no MNA, local de depósito atual dos restos humanos recolhidos em Murches, permitiu inferir alguns dados sobre as formas de utilização funerária desta necrópole. Como se não bastasse a falta de informação generalizada, o próprio registo do MNA deixou igualmente algumas dúvidas acerca da proveniência das ossadas. As mesmas estão registadas como oriundas de um cemitério pré-romano. Todavia, a *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais* (CARDOSO, 1991) não faz referência a quaisquer sepulturas desta cronologia no concelho. A possibilidade de esses ossos pertencerem às sepulturas da necrópole muçulmana também não foi descartada, mas essa hipótese foi imediatamente afastada, dado ter-se confirmado o reaproveitamento de sepulturas para mais do que um enterramento. Se efetivamente se tratasse de inumações islâmicas, seria de esperar que houvesse apenas um por sepulcro, o que não foi o caso. Descartando-se esta hipótese, verificou-se então que a coleção antropológica depositada no MNA é proveniente da necrópole designada como Murches II.

F. Paula e Oliveira descreve ter descoberto um total de 5 sepulturas alto-medievais em Murches (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 9). Por razões que se desconhecem, o MNA tem registados materiais osteológicos de 8 sepulturas, conservando ossos atribuíveis a apenas 7. A Sepultura 5 não tinha qualquer espólio osteológico associado,

já que da mesma não havia registo ou caixa com material guardado no depósito do museu.

A análise antropológica dos restos humanos de Murches contou mais uma vez com o contributo da antropóloga Raquel Granja. No início do trabalho analítico verificou-se que existe uma discrepância no que respeita ao número de sepulturas que compunham a necrópole, tendo em conta o que foi publicado (OLIVEIRA, 1888-1892; PAÇO, 1960) e a informação coletada nas coleções osteológicas depositadas no MNA, que se pode sintetizar da seguinte forma:

- Número de sepulturas descritas em publicações: 5 (identificadas em 1888)
- Número de sepulturas referenciadas no MNA como provenientes das escavações realizadas em 1888: 8
- Número de sepulturas com restos humanos: 7 (referenciadas no MNA como provenientes das escavações realizadas em 1888)

Embora surjam contradições no momento de indicar o número de sepulturas com conservação óssea, o inventário osteológico realizado permitiu apurar um NMI de 20 indivíduos. Para a obtenção deste valor não foram integrados os ossos sem indicação de sepultura, o que poderia eventualmente elevar o número referenciado.

Apresentam-se de seguida os resultados do estudo preliminar antropológico realizado sobre a coleção osteológica da necrópole alto-medieval de Murches (Tabela 7). O mesmo serviu para o reconhecimento do NMI, mas, sempre que possível, identificou-se o sexo e a idade à morte. Tal informação é essencial para o estudo arqueológico da necrópole, mas é claramente insuficiente para um estudo antropológico. A informação de cariz antropológica cingiu-se assim aos dados básicos necessários para uma correta análise arqueológica e histórica desta necrópole.

Para a definição do NMI exumados durante as escavações de 1888 recorreu-se ao método proposto por Herrmann *et all.* (1990) para os ossos longos, considerando também as adaptações de Silva (1993; 2002) que tem em conta a lateralidade e o estado de maturação dos ossos de indivíduos imaturos. Cruzou-se igualmente as frequências de outras peças esqueléticas (crânios, coxais, mãos, pés e dentes), respeitando a dimensão relativa e o estado de maturação. Procedeu-se igualmente a uma

caracterização básica da idade e sexo dos indivíduos enterrados nesta necrópole. Este estudo foi levado a cabo no Museu Nacional de Arqueologia, local de depósito da referida coleção e contou, como já mencionado anteriormente, com a ajuda da antropóloga Raquel Granja.

TABELA 7 - RESULTADOS DO ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS SEPULTURAS DE MURCHES DESCOBERTAS EM 1888

Sepultura	Indivíduos		Número Mínimo de Indivíduos (NMI)
	Sexo	Idade à Morte	
1	Feminino	Maturo	2
	Indeterminado	Maturo	
2	Feminino	Maturo	3
	Masculino	Maturo (Mais de 15 anos)	
	Não observável	Imaturo (Menos de 13 anos)	
3	Masculino	Maturo	1
4	Feminino	Maturo	2
	Masculino	Maturo	
6	Indeterminado	Maturo	2
	Não observável	Imaturo (Menos de 5 anos)	
7	Não observável	Imaturo (Menos de 18 anos)	9
	Não observável	Imaturo (Menos de 16 anos)	
	Não observável	Imaturo (Entre 38 e 40 semanas de gestação)	
	Indeterminado	Maturo	
	Indeterminado	Maturo	
	Masculino	Maturo	
	Masculino	Maturo	
	Indeterminado	Maturo	
8	Masculino	Maturo (Com mais de 40 anos)	1
TOTAL: 20 indivíduos			

3.4.1. O Espólio

Somente um jarro cerâmico constitui o espólio funerário da necrópole de Murches II. Este facto está de acordo com as informações fornecidas pelo responsável pela sua descoberta, F. Paula e Oliveira, que refere ter encontrado apenas um vaso aparentemente romano (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 9). Infelizmente não se encontra associado a nenhuma das 8 sepulturas, sabendo-se no entanto que estava colocado perto da cabeça de um indivíduo (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 9).

3.4.1.1. Cerâmico

MU. 1 – Jarro (Anexo II: figs. 118 e 119)

Forma fechada composta por bordo trilobado, corpo globular e colo troncocónico. Apresenta um bordo redondo, orientado para o exterior da peça. A asa, em fita, tem a extremidade superior fixada no bordo e a inferior na parte superior do corpo da peça; apresenta secção trapezoidal e um sulco longitudinal orientado verticalmente em relação à peça. Tem uma base plana.

Foi realizado um fabrico misto, já que exhibe marcas digitais no bico, e cozido em ambiente oxidante.

A pasta apresenta uma consistência média e textura homogénea. Tem uma concentração fraca de ENP, observando-se macroscopicamente micas e quartzos.

A superfície exterior é de cor castanha avermelhada (10YR 5/4) e a fratura é de cor avermelhada (10YR 6/6).

São visíveis marcas de uso ao fogo.

Atributos métricos: Altura máxima – 145 mm; Diâmetro máximo – 110 mm; Diâmetro da boca – s/d; Diâmetro do colo – 57 mm; Diâmetro da base – 70 mm; Espessura média – 7,5 mm

Peso: 882,96 g.

Nota: Segundo F. Paula e Oliveira foi encontrado perto da cabeça de um esqueleto (1888-1892, p. 9), desconhecendo-se a sepultura de proveniência.

3.4.2. Interpretação

As escassas informações da necrópole alto-medieval de Murches são provenientes de fontes escritas, de restos humanos recolhidos na década de 1880 e do único jarro cerâmico que se conservou numa sepultura. As publicações de F. Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1888-1892) e de Afonso do Paço (PAÇO, 1960) foram esclarecedoras quanto ao número de sepulturas que compunham esta necrópole, mas revelaram-se sumárias no que concerne à arquitetura dos sepulcros e à própria deposição funerária. Com os dados de que dispomos, ficamos a perceber que se trata de uma necrópole de inumação, cujos indivíduos eram depositos com escasso ou nenhum espólio funerário.

Em Murches, apenas foi recolhido um jarro cerâmico, que deriva das formas fechadas de cerâmica comum para conter e servir líquidos.

Este pequeno conjunto era constituído por sepulturas estruturadas por lajes de pedra, que estavam, no momento da sua identificação, todas destituídas de tampas de cobertura. Todos os sepulcros encontravam-se orientados Este-Oeste, orientação essa que se relaciona com a crença de que, no Dia do Juízo Final, os defuntos erguer-se-iam virados para Nascente onde seriam recebidos por Deus. Acerca da organização interna do espaço cemiterial nada se pode afirmar, uma vez que apenas se sabe que as sepulturas estariam dispostas de forma paralela, formando filas. Deduz-se que terá havido uma premeditação na organização da necrópole, porventura derivada da ação de um poder local ou da definição prévia de uma pequena comunidade.

Segundo o que foi descrito por aqueles autores, no interior de todos os sepulcros foi observada a deposição de mais do que um indivíduo, o que evidencia a reutilização das sepulturas para uma série de enterramentos (Tabela 8). Isto originaria certamente a formação de ossários, resultantes de inumações anteriores, não havendo qualquer indicação sobre a sua arrumação em relação às deposições primárias ou se eventualmente estariam no exterior das sepulturas.

TABELA 8 - MURCHES. INDIVÍDUOS POR SEPULTURA

Indivíduos por sepultura	Sepultura	Número de sepulturas (%)
1 indivíduo	3; 8	2/7 (29%)
2 indivíduos	1; 4; 6	3/7 (43%)
3 indivíduos	2	1/7 (14%)
9 indivíduos	7	1/7 (14%)
Sem restos humanos	5	1/8 (13%)

Após o estudo antropológico realizado no MNA, notou-se uma discrepância entre a publicação de F. Paula e Oliveira, que indica a existência de 5 sepulturas, e as sepulturas referenciadas no MNA como provenientes das escavações realizadas em 1888, em número de 8. Destas 8 sepulturas apenas há ossos atribuídos a 7, desconhecendo-se o paradeiro dos restos osteológicos da Sepultura 5, ou mesmo qualquer informação sobre se a mesma teria ou não ossos conservados. Apesar disso, é

de supor que o NMI obtido – 20 indivíduos – será certamente inferior ao número de inumações realizadas em Murches.

O perfil demográfico possibilitou a identificação de 15 indivíduos maduros, entre os quais 3 do sexo feminino, 6 do sexo masculino e 6 cujo sexo não foi possível determinar. A estes acresce o reconhecimento de 5 indivíduos imaturos. Nenhuma sepultura pode ser considerada como exclusivamente infantil, porquanto se verificou que o mesmo sepulcro poderia ser usado para a deposição de homens, mulheres e crianças, o que leva a crer que não havia uma intencionalidade em diferenciar os indivíduos no que concerne ao sexo e à classe etária. Ainda assim, desconhece-se o tipo de ligação que os indivíduos inumados poderiam ter entre si, não sendo possível aferir laços de parentesco sem que sejam efetuadas análises de ADN.

Os 20 indivíduos mostram um perfil demográfico típico de uma comunidade com todos os seus elementos, ainda que se possa considerar que as crianças estão sub-representadas, o que é também uma característica do mundo funerário alto-medieval.

Os trabalhos de prospeção não permitiram identificar a necrópole da Alta Idade Média de Murches II, nem quaisquer vestígios da ocupação histórica do local. Não obstante, através da publicação de F. Paula e Oliveira (1888-1892, p. 10) e dos dados fornecidos pela plataforma *online* 'Portal do Arqueólogo'¹³, percebe-se a proximidade entre este cemitério e o sítio arqueológico de Vilares (CNS 6242), que está localizado a Sudoeste da localidade. A proximidade entre os vestígios deste sítio e a necrópole habilita inferir uma relação entre ambos.

É conhecida, para contextos alto-medievais, a imediação dos espaços funerários com as áreas habitacionais respetivas. Está mais do que comprovado que as necrópoles rurais não aparecem isoladas e encontram-se frequentemente na proximidade de outros vestígios de carácter antrópico, como é o caso de antigos caminhos e vias, sítios de ocupação humana precedente (p.e. *villae* romanas) ou até mesmo estruturas religiosas (MARTÍN VISO, 2012; QUIRÓS CASTILLO, 2013; VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2007).

¹³ Veja-se 'Portal do Arqueólogo': Vilares <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=51157> [Consultado a 3/6/2015]

Desde cedo, Vilares está referenciado como um local onde surgiam à superfície uma grande quantidade de materiais de construção. No ano de 2000, na sequência de escavações arqueológicas dirigidas por Guilherme Cardoso, José d' Encarnação, João Cabral e Maria de Lurdes Nieuwendam foram identificadas estruturas que dataram de inícios do século I d.C., e que terão sido abandonadas durante os finais do século IV d.C.¹⁴. Há também a registar a descoberta de três sepulturas romanas, de inumação, cujos indivíduos se fizeram acompanhar de púcaros, tigelas, moedas e lucernas. Referem ainda que, em época medieval islâmica, os antigos edifícios romanos terão sido reutilizados e datará do momento dessa ocupação a abertura dos 2 silos e de uma fossa ali identificados: tratar-se-ão de estruturas presumivelmente domésticas, uma vez que os silos encontravam-se entulhados de pedras e terra e a fossa circular com abundantes cinzas, ossos, cascas de mexilhão e alguma cerâmica¹⁵.

É provável que existam vestígios da efetiva ocupação de Murches, não só devido à proximidade ao sítio arqueológico de Vilares, que aponta para tal, como o facto de aí ter sido atestada a ocupação anterior e posterior à datação da necrópole de Murches. Isto parece indicar a permanência de populações no mesmo local. Não se logrou identificar tais vestígios no terreno, porventura porque muitas vezes são pouco perceptíveis (prevalecem as construções em madeiras e entramados vegetais que dificilmente se conservam) e porque frequentemente as escavações arqueológicas não utilizam métodos criteriosos para a sua identificação e datação.

¹⁴ Veja-se o processo da escavação arqueológica de 2000 da *villa* romana de Vilares em 'Portal do Arqueólogo': <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=152183&vs=51157> [Consultado a 17/6/2015]

¹⁵ Veja-se 'Portal do Arqueólogo': Vilares <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=51157> [Consultado a 17/6/2015]

3.5. Grutas do Poço Velho

Topónimos: Poço Velho

Freguesia: Cascais

Altitude: abaixo dos 7 metros (cota do solo urbanizado)

CMP n.º 429

Entrada da CAC (1991): 66 – Grutas do Poço Velho

Coordenadas: 38°42'01.7" N / 9°25'16.9" O

Bibliografia: PAÇO, 1941; PAÇO e FIGUEIREDO, 1947; PAÇO, 1960; GONÇALVES, 2008; TENTE e CARVALHO, 2015

Em período da Monarquia Visigoda foram igualmente usadas as grutas para inumar. Até há pouco tempo esta realidade não era reconhecida, mas recentemente têm sido documentados vários enterramentos deste período em grutas naturais, nomeadamente na Cantábria (HIERRO GÁRATE, 2011) e mesmo em Portugal (TENTE e CARVALHO, 2015). Um dos possíveis sítios onde terá ocorrido essa prática funerária foi precisamente na Gruta do Poço Velho, em Cascais.

Situada no Largo das Grutas, em pleno centro urbano da vila (Anexo II: figs. 120 e 121), esta gruta é reconhecida a nível internacional pela rede de galerias subterrâneas¹⁶ onde foi encontrado um excepcional espólio funerário datado do Neolítico e do Calcolítico, entre o qual se destacam alguns artefactos líticos, ídolos cilíndricos de calcário, placas de xisto, elementos de adorno e cerâmica (GONÇALVES, 2008).

Localizadas entre a Ribeira das Vinhas, a 318 m Sudoeste, e a Ribeira dos Mochos, a 954 m Oeste, estas grutas formaram-se naturalmente numa região de calcários siliciosos e semiduros que foi afetada pela dissolução de águas subterrâneas, as quais originaram camadas de terra argiloso-arenosas. Atualmente, as Grutas do Poço Velho encontram-se inseridas debaixo de um solo muito urbanizado.

¹⁶ Veja-se a planta das Grutas do Poço Velho no Anexo II: fig. 122.

As grutas foram alvo das primeiras escavações na Primavera de 1879 por parte de António Mendes, um coletor que trabalhava ao serviço do general Carlos Ribeiro. Nas primeiras cartas que o coletor dirigiu a Carlos Ribeiro mencionava que *“as furnas do poço velho são muito compridas e parece que serão abitadas porque encontrei alguns ossos partidos e cacos ossos parece serem humanos”* (GONÇALVES, 2008, p. 37). Na leitura da lista de materiais efetuada durante esta primeira intervenção, nota-se que terão sido recolhidos objetos variados nas Furnas 1 e 3, designadamente: tigelas e púcaros cerâmicos, machados e enxós em pedra polida, lâminas e facas de sílex, algumas peças em cobre, contas de colar, placas de xisto gravadas e provavelmente artefactos votivos em calcário e placas votivas de grés, designadas *“massa de pedra”* e *“pedra de amolar”* respetivamente (GONÇALVES, 2008, pp. 53-55).

Em 1880, por ocasião do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, que teve lugar em Lisboa, uma comitiva de congressistas visitou as Grutas do Poço Velho, iniciando a extensa divulgação do sítio a nível europeu. Tal veio despertar o interesse de inúmeros investigadores que mencionaram o sítio e o seu espólio nas suas obras, como Émile Cartailhac *«Les Ages Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal»* (1886), ou Estácio da Veiga, mais concretamente nos volumes III e IV de *«Antiguidades Monumentaes do Algarve»* (1889 e 1891).

Quando o sítio já tinha caído no esquecimento, Afonso do Paço, em 1941, voltou a dar-lhe atenção. Com o intuito de inaugurar, com Eugénio Jalhay, uma Sala de Arqueologia no Museu Condes Castro Guimarães, elaborou a primeira análise efetiva do conjunto que apresentou numa comunicação dos Serviços Geológicos de Portugal, intitulada *«As Grutas do Poço Velho ou de Cascais»* (1941). Ali abordou a história da investigação, incluiu os diários das antigas escavações e catalogou todos os objetos reunidos, sem esquecer a fauna e os restos humanos (GONÇALVES, 2008, p. 105).

Nos inícios da década de 1990, a Câmara Municipal de Cascais convidou Victor S. Gonçalves, fundador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), a publicar ensaios teóricos sobre este sítio arqueológico. Foi no âmbito dessa parceria que o investigador desenvolveu o projeto *CASCA – Cascais: as Antigas Sociedades Camponesas*. O mesmo tinha como objetivo rever o conjunto dos povoados e das necrópoles do 4º e do 3º milénios do concelho de Cascais, compreendendo as

ocupações pré-históricas da Parede, do Estoril, do Murtal, de Porto Covo e, claro, do Poço Velho, ao qual dedicou, em 2008, uma extensa monografia (*«As Ocupações Pré-Históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)»*).

Do enterramento, ou enterramentos, de época visigoda apenas terá subsistido uma placa de cinturão de tipologia liriforme. Esta placa de bronze foi recolhida pelo general Carlos Ribeiro, em 1876, e foi posteriormente analisada por Afonso do Paço e Fausto de Figueiredo, num estudo de homenagem a Julio Martínez Santa-Olalla (PAÇO e FIGUEIREDO, 1947). A. do Paço atribuiu-lhe uma tipologia bizantina baseando-se em *«Esquema de la Arqueología Visigoda»* de Santa-Olalla (1934), mas afirmou que não se provando que as necrópoles existentes em Cascais fossem bizantinas, essa placa seria um indicador da existência de redes comerciais e não de domínio político (PAÇO e FIGUEIREDO, 1947, p. 20).

No ano de 2008, V. S. Gonçalves argumentou que esta placa teria aparecido naquele sítio devido a uma situação fisiológica urgente: *«Um visigodo aflito? A fivela de cinturão CCG-203 traduz eventualmente uma situação que de simbólico nada tem. Foi também verificada, entre outros sítios, na Gruta da Marmota (Alcanena) ou na Herdade de Fontalva (Elvas). Aceita-se que a perda de fivelas de cinturão tenha eventualmente a ver com contextos de desaperto rápido do cinto próprios a momentos referentes à resolução de problemas conjunturais. Em quase todas as situações, encontramos estas fivelas em lugares abrigados ou pouco expostos, mas como ignoramos tudo o que se refere ao recato dos visigodos, ostrogodos e outros que tais, em situações de este tipo, não é fácil tirar conclusões definitivas... nem isso parece aqui relevante.»* (GONÇALVES, 2008, p. 138). Considerou o autor que essa peça não teria a merecida importância, apesar de ele próprio ter testemunhado uma ocupação medieval na Gruta da Marmota, em Alcanena, durante uma escavação que levou a cabo em 1972 (GONÇALVES, 1972, p. 216). Outros casos semelhantes foram trazidos à luz nas grutas do Caldeirão, em Tomar (ZILHÃO, 1992) e no Abrigo da Carrasca, em Torres Vedras (SILVA, 2002).

Mais recentemente, no âmbito da dissertação de mestrado de Andreia Arezes (AREZES, 2010), onde foi abordado um conjunto alargado de elementos de adorno metálicos destas cronologias existente no território português, a placa de cinturão das

Grutas do Poço Velho foi alvo de uma revisão mais detalhada, que recaiu essencialmente em aspetos tipológicos e decorativos.

A integração deste sítio arqueológico num contexto funerário alto-medieval afigura-se difícil. Nada mais se sabe acerca deste contexto particular no sítio cascalense, nem mesmo se essa placa de cinturão se trata de um achado isolado. Também não é possível associá-la a quaisquer restos humanos, até porque nem sequer se pode afirmar com segurança que esses restos existam, apesar de se assumir que sim. O facto de o sítio estar sob a influência da escorrência de águas subterrâneas pode também condicionar eventuais leituras formuladas sobre este tipo de contextos, uma vez que os objetos podiam já não estar *in situ*. Apesar disso, o carácter sepulcral do sítio para a época que nos ocupa está confirmado através da presença de objetos de indumentária (que implicam inumações vestidas), nomeadamente placas de cinturão, e de “[u]ma grande percentagem de ossos apresenta deposições de carbonato de cálcio (3941 ossos impregnados em carbonato de cálcio num total de 4509 ossos analisados — 87,40%) (...)” conforme assinala a antropóloga Nathalie Antunes-Ferreira (ANTUNES-FERREIRA, 2005, p. 27). Tal indica circunstâncias de depósito distintas, virtualmente ligadas a diversos momentos de utilização funerária deste espaço. Foram realizadas 12 datações absolutas por C¹⁴ sobre os ossos humanos do Poço Velho que confirmaram a ocupação pré-histórica do sítio, mas nenhuma foi sobre restos humanos com uma cronologia coincidente com o período visigótico. Embora as datações sejam 12, as mesmas não datam a totalidade dos indivíduos inumados na gruta nas várias épocas, pelo que é de supor que do indivíduo, ou indivíduos, que foram aqui inumados em período alto-medieval não se retiraram amostras para datação. Trata-se de uma situação que decorre do facto de ser difícil nestes contextos, por vezes bastante perturbados, de se reconhecer deposições primárias e funcionarem fundamentalmente como ossários. Por outro lado, neste caso em concreto, as diversas recolhas e trabalhos realizados não procederam a registos da posição dos ossos que ali se encontravam, o que impossibilita qualquer tipo de análise relacional entre indivíduos entre si e destes com os espólios.

Os resultados obtidos na estimativa do número mínimo de indivíduos que foram exumados das grutas do Poço Velho possibilitaram identificar 115 indivíduos, dos quais

93 eram maduros, com base no úmero esquerdo, e 22 imaturos, a partir dos fémures (ANTUNES-FERREIRA, 2005, p. 32).

3.5.1. O Espólio

O único objeto recolhido nas Grutas do Poço Velho que possa ser atribuído à Alta Idade Média é uma placa em bronze, que constituiria uma peça de indumentária utilizada num cinturão.

3.5.1.1. Metálico

PV. 1 – Placa de cinturão (Anexo II: figs. 123 e 124)

Peça em bronze de tipologia liriforme.

Distinguem-se três campos decorativos. A zona distal, em forma de bolbo, que termina no botão de remate, encontra-se decorada com outro bolbo concêntrico inciso, cujo interior está decorado com pequenos motivos geométricos (pontos e triângulos a punção).

Na zona central, figuram dois círculos com um ponto no centro que, segundo Andreia Arezes (2010), se podem tratar de cabeças de ave.

Na zona proximal, uma banda incisa cujo interior está decorado com pontos a punção dispostos em duas filas.

Atributos métricos (segundo AREZES, 2010, Pl – 10): Comprimento - 64,04 mm; Largura - 24,29 mm; Espessura - 2,83 mm.

Cronologias propostas: século VII/primeiras duas décadas do VIII d.C. (proposta por AREZES, 2010); 621-711 d.C. (proposta por PAÇO e FIGUEIREDO, 1947)

3.5.2. Interpretação

As primeiras notícias sobre o achado de materiais arqueológicos de época visigoda em gruta datam da década de 1930 na Cantábria, nas grutas de Cudón e Los

Hornucos de Suano (HIERRO GÁRATE, 2011, p. 351). À semelhança do que sucedeu nas Grutas do Poço Velho, cuja utilização funerária está atestada desde o Neolítico Final, a maioria das descobertas foram realizadas no âmbito de investigações levadas a cabo por pré-historiadores. Por esse motivo, a maior parte dos materiais que se reconhecem como medievais no interior das grutas são alvo de meras referências na bibliografia. Poucos são os arqueólogos que acabam por dar a mesma atenção aos contextos mais recentes do que a que devotam aos contextos pré-históricos. Assim, este tipo de contextos funerários alto-medievais têm recebido meras referências ao espólio sem que se questione o significado do mesmo naquele espaço. No entanto, mais recentemente o reestudo sistemático destas coleções antigas tem permitido reconhecer muitos contextos sepulcrais alto-medievais em gruta (HIERRO GÁRATE, 2002; 2011), mostrando que não se trata de situações funerárias únicas ou raras.

A aparente associação de adornos pessoais, armas e peças de indumentária a restos humanos indicia a realização de rituais funerários no interior de grutas, mas para que a mesma se comprove é fundamental a sistemática utilização de métodos de datação absoluta das ossadas, tal como se faz para as deposições funerárias pré-históricas (TENTE e CARVALHO, 2015). Nenhuma das datações radiocarbónicas realizadas sobre as ossadas das Grutas do Poço Velho revelou qualquer concordância com a cronologia relativa da placa de cinturão datável entre o século VII e as primeiras duas décadas do VIII d.C. (AREZES, 2010).

No seu estudo sobre as grutas da região da Cantábria, Hierro Gárate sumariou todas as interpretações formuladas pelos vários investigadores que tentaram explicar os materiais de tipologia hispano-visigoda que se iam reconhecendo em grutas no Norte da Península Ibérica. O autor refere que Alcalde Del Río, em 1934, percecionava estes sítios como possíveis eremitérios cristãos; em 1935, Carballo concebia o uso de cavidades como lugares de habitação temporária em momentos de instabilidade política e social, relacionando-os com a invasão muçulmana de 711; por outro lado, em 1966, González EcheGARAY associava-os a locais onde se levavam a cabo práticas rituais, religiosas e funerárias pagãs (HIERRO GÁRATE, 2011, pp. 352-353). Mais recentemente, avançaram-se leituras que integram a ocupação humana de cavidades subterrâneas no seio de mudanças sociais e económicas no ocidente europeu desde o século V d.C. e que

teria levado à exploração de espaços considerados como marginais (QUIRÓS CASTILLO e ALONSO MARTÍN, 2007-2008). Por outro lado, centrando-se exclusivamente no uso sepulcral das cavidades e considerando os diferentes tipos de objetos associados aos indivíduos inumados, pensou-se na possibilidade de se estar perante enterramentos privilegiados de elites locais que tentavam diferenciar-se do resto da população através de práticas funerárias que saíam da norma (GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, 2010).

O estudo antropológico dos restos humanos das grutas de Las Penas e La Garma, na Cantábria, indicou tratarem-se de indivíduos maioritariamente jovens. Esta constatação levou a avançar-se com a hipótese de se tratarem de enterramentos atípicos motivados pela ação de uma enfermidade epidémica que atacaria mais rapidamente essa classe etária, como a varíola ou a peste bubónica (HIERRO GÁRATE, 2011, pp. 388-389). Uma epidemia também explicaria a reduzida quantidade dos indivíduos que foram exumados, mostrando que a prática de inumar em grutas não era generalizada e que foi realizada em circunstâncias pontuais e limitadas a períodos de tempo relativamente curtos (HIERRO GÁRATE, 2011, p. 389). O difícil acesso ao interior de algumas grutas é uma explicação para a eleição desses lugares, além de ser um motivo para derrubar a ideia de que podiam ser locais de habitação temporária.

Ainda que não sejam raros, é inegável a estranheza destes enterramentos, fora de todo o ordenamento funerário que se vai paulatinamente instalando durante a Alta Idade Média devido à ação das autoridades eclesiásticas. Crê-se que a utilização visigótica da Gruta do Poço Velho possa integrar a categoria das formas de inumação extra-cemiterial. Esta ideia é vinculada por Vigil-Escalera Guirado na sistematização que faz das várias formas de inumação deste período. Segundo o autor, os enterramentos extra-cemiteriais têm como característica mais comum a ausência quase completa de sinais reconhecíveis de tratamento funerário. Tal se observa também em inumações efetuadas em estruturas não funerárias, tais como silos, cabanas, poços, entre outros. Tratam-se de enterramentos isolados que aproveitam estruturas pré-existentes e que devem ser interpretados como o resultado de formas de exclusão, seja ela voluntária ou forçada (VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2013, pp. 279-281). O isolamento premeditado dos cadáveres em relação às zonas de habitat e de trabalho, ou seja, do mundo onde os vivos desenvolvem as suas atividades quotidianas, também é perfeitamente lógico em

casos de morte epidémica. Além do medo gerado pela possível contaminação dos vivos, a necrofobia também pode explicar a eleição destes locais para enterramento (HIERRO GÁRATE, 2011, p. 392).

Infelizmente, para o contexto funerário de cronologia visigótica do Poço Velho pouco se pode afirmar. Ao contrário de alguns casos cantábrios cujos contextos se encontraram intactos, aqui não é sequer possível saber quantas deposições se fizeram e como estavam dispostas. Em La Garma, por exemplo, aproveitou-se o relevo natural da cavidade para delimitar o espaço dos enterramentos, que normalmente se faziam entre estalagmites ou junto às paredes (HIERRO GÁRATE, 2011, p. 365). Já em Las Penas não se observou qualquer indício da escavação de fossas funerárias, o que explica que, em caso de epidemia, a deposição do cadáver tenha sido rápida (HIERRO GÁRATE, 2011, p. 352). A norma seria a deposição dos indivíduos diretamente sobre o solo da cavidade em decúbito dorsal ou lateral, procurando-se espaços relativamente reduzidos ou escondidos (HIERRO GÁRATE, 2011, p. 365). Estes eram acompanhados de objetos em escasso número ou mesmo desprovidos de espólio.

IV. Para uma reconstituição do mundo funerário alto-medieval no concelho de Cascais: resultados e discussão

4.1. Implantação geográfica das necrópoles

A implantação paisagística é um ponto de análise que já não pode ser dissociado quando em causa estão contextos funerários. Os locais elegidos para a sua implantação seguem particularidades específicas, entre as quais respeitantes às condições do meio natural e ao substrato cultural das zonas selecionadas.

As necrópoles que integram o presente estudo situam-se, por norma, em lugares planos, ocupando plataformas pouco elevadas, apenas perturbadas por suaves declives que oscilam entre os 0 e os 25%. A altitude média dos locais eleitos varia entre os 66 e os 121 m; o caso das Grutas do Poço Velho é excecional por se localizar abaixo da cota do solo urbanizado. À exceção da necrópole de Casais Velhos, que se fixou numa situação topográfica estratégica em relação ao areal do Guincho, as restantes encontram-se em pontos discretos na paisagem e não apresentam condições naturais de defesa. O pouco destaque espacial característico destas necrópoles pode constituir uma estratégia defensiva, uma vez que passam despercebidas na paisagem (TENTE e LOURENÇO, 1998).

Em termos geológicos, o calcário é a rocha predominante, mas registam-se ainda formações de outras rochas sedimentares como regatão, arenitos, pelitos, dolomitos e margas. Os solos onde se implantaram, de classe D ou E, são severamente limitados, caracterizando-se pela fraca capacidade agrícola e pelo elevado risco de erosão. No que se refere a fatores hidrográficos, constata-se que a maior parte das necrópoles se situa nas proximidades de ribeiras de carácter intermitente ou temporário, das quais não distam a mais de 1100 metros.

Assim, parece que o modelo de implantação das necrópoles alto-medievais é definido pela associação de sepulturas a locais discretos paisagisticamente e a áreas de fraco potencial para a agricultura, bem como à imediação a recursos hídricos. É bem possível que os fatores de implantação funerária fossem o próprio reflexo dos espaços ocupados em vida pelas comunidades. As estratégias de ocupação e exploração do território seriam pensadas para os espaços dos mortos, assim como para os espaços dos vivos. Perante este ponto de vista, é razoável pensar que as necrópoles implantar-se-

iam em áreas onde as comunidades não poderiam levar a cabo práticas de cultivo intensivas.

Muito se tem debatido sobre a relação entre estas necrópoles e as estruturas de habitat, uma vez que se considera que a existência de sepulturas é uma evidência da presença de um espaço residencial próximo. É relativamente comum observar-se nas imediações das sepulturas fragmentos de cerâmica comum ou de construção, de cronologia romana, à superfície. Este indicador sugere a existência de estruturas habitacionais nas proximidades (TENETE, 2010). No entanto, tendo em conta que os dados disponíveis são insuficientes, não é possível averiguar o tipo de relação (de contemporaneidade, por exemplo) que existiu entre as necrópoles em estudo e eventuais espaços de habitat. Não se deve pôr de parte a hipótese destas necrópoles serem meros espaços funerários, sem associação direta com espaços habitacionais – as designadas «*necrópolis “en pleno campo”*» (MARTÍN VISO, 2014).

No caso em estudo, a presença de cerâmica de construção à superfície também leva a supor a proximidade com antigos sítios romanos, que, além de serem lugares em que se poderiam fixar com modos de ocupação distintos, constituiriam também uma fonte para a obtenção de materiais pétreos. Apenas no caso de Casais Velhos se observa uma proximidade imediata, uma vez que a necrópole se localiza no exterior do habitat amuralhado. Ainda assim, não é possível assumir com certeza que o funcionamento dos dois espaços seja simultâneo. Os edifícios em ruína representariam áreas apelativas para a extração de materiais de construção que posteriormente poderiam ser reaproveitados nas sepulturas. Martín Viso propõe ainda que a implantação de sepulturas em *villae* romanas tem inerente uma carga simbólica muito importante, em que se vincula o espaço dos mortos com vestígios de um Passado recente mais próspero (MARTÍN VISO, 2014, p. 97-98). Esta poderia ser uma das leituras a fazer para o caso particular dos Casais Velhos. Não podemos, todavia, aventar a hipótese que o sítio não pudesse em algum momento ter continuado a ser ocupado nos séculos VI e VII, uma vez que não foi totalmente escavado e há a possibilidade dos frágeis níveis arqueológicos desse período poderem ter passado despercebidos aos escavadores.

Também é provável que esses cemitérios se situassem junto a caminhos que permitissem o acesso aos espaços funerários. As vias de comunicação podem ter

assumido um papel fundamental no momento de selecionar as áreas de implantação das necrópoles. Segundo Martín Viso, “*Esta relación con las vías de comunicación locales se explica porque eran puntos por donde pasaban las gentes que componían el público al que se destinaba ese mensaje y que conocían quién o quiénes estaban allí enterrados*” (2012, p. 174). Na Antiguidade romana, na região a sudoeste de *Olisipo*, as vias seriam formadas por caminhos pedestres em terra batida rompidos esporadicamente por afloramentos rochosos calcários. O desenvolvimento de um novo sistema de povoamento rural baseado nas aldeias durante a Idade Média terá obrigado à abertura de novos caminhos, criando uma rede viária de malha radial que partia dos centros das povoações e ligava as aldeias, os casais e os campos de cultivo (CARDOSO, 2002, p. 136). O problema dos estudos sobre as redes viárias é a atribuição de cronologias seguras, sendo ainda mais problemático assegurar a contemporaneidade entre os caminhos e as sepulturas.

Um dos argumentos que se procura apresentar para justificar a implantação destes cemitérios é a presença de edifícios religiosos. A proximidade a um centro de culto poderia significar uma maior proximidade a entidades sagradas e às suas relíquias, cuja crença levou à formação e ao desenvolvimento dos enterramentos *ad sanctos* (MARTÍN VISO, 2014, pp. 79-80). Para o caso em estudo, não existem quaisquer evidências arqueológicas que associem as necrópoles alto-medievais do concelho de Cascais a centros de culto.

A presença de edifícios religiosos, quando os há, aparentam ter desempenhado um papel fundamental na gestão dos espaços funerários, nomeadamente na forma como se distribuíram as sepulturas. Por outro lado, também pensamos que a inexistência de uma igreja não leva necessariamente à constituição de necrópoles desorganizadas.

4.2. Organização interna do espaço sepulcral

As informações que se possui acerca deste assunto para as necrópoles estudadas são muito escassas ou inexistentes. Apenas poderemos apresentar os dados respeitantes aos casos de Alcoitão e Casais Velhos, cujas plantas, ainda que

esquemáticas, são elucidativas. Após a sua análise tornou-se evidente que, ao nível da organização dos espaços funerários, existem indícios de que houve uma intenção deliberada na distribuição das sepulturas.

Atualmente, esta questão da disposição ordenada ou desordenada das necrópoles alto-medievais é mais esclarecedora no que respeita às sepulturas escavadas na rocha, já que é de fácil observação em campo se as mesmas se encontram agrupadas ou implantadas de forma isolada. Com o intuito de distinguir necrópoles desordenadas de necrópoles alinhadas, Martín Viso definiu as primeiras como sendo *“espacios destinados específicamente a la inhumación, áreas en las que se distribuyen de manera aleatoria las tumbas, aisladas y/o formando pequeños núcleos”* (MARTÍN VISO, 2012, p. 172). No que às necrópoles alinhadas concerne, o autor defende tratem-se de *“sitios en los que se detecta una fuerte agrupación de las tumbas, sin que haya núcleos aislados bien definidos. Además las sepulturas se encuentran alineadas, con una clara tendencia hacia la orientación común”* (MARTÍN VISO, 2012, p. 172).

O primeiro tipo descrito por Martín Viso parece corresponder ao verificado no sítio de Casais Velhos. Aí as sepulturas encontram-se distribuídas por três locais de enterramento, à semelhança do que aconteceu também na Abuxarda, em que terão existido dois núcleos funerários que, embora partilhem o mesmo espaço, diferem pela orientação das sepulturas – umas Este-Oeste e outras Norte-Sul. Esta questão dos núcleos de enterramento, que correspondem a pequenos grupos de sepulturas (em número de duas ou três), tem sido interpretada como agrupamentos familiares (PRATA, 2012, p. 86). Familiares ou não, não é estranho pensar que seria uma atitude natural manter juntos na morte quem em vida partilhou algum tipo de laço e cujo reflexo arqueológico é a associação espacial entre sepulcros.

Constatou-se igualmente que não existe uma separação física entre sepulturas que apresentem soluções arquitetónicas diferentes. A necrópole de Casais Velhos é sintomática deste aspeto, uma vez que no núcleo Oriental foram identificadas, lado a lado, a pouca distância, duas sepulturas de lajes e uma sepultura em fossa. Mesmo apresentando formas construtivas distintas, as sepulturas de lajes e as sepulturas em fossa partilham o mesmo espaço e estão dispostas em conformidade, respeitando a orientação imposta canonicamente.

Aparentemente, no caso da necrópole de Alcoitão, parece ter havido um planeamento na disposição das sepulturas anterior à implantação das mesmas, conforme o tipo de cemitérios alinhados descritos por Martín Viso. As 34 sepulturas identificadas por F. Paula e Oliveira estavam dispostas em filas paralelas e todas invariavelmente com uma orientação Este-Oeste (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6), porventura até formando espaços de circulação entre elas. Com isto não se pretende sugerir que esta necrópole se assemelhe àquelas que floresceram durante os séculos VI e VII na área da Meseta Ibérica e cujo modelo se baseava no alinhamento e na orientação rígida das sepulturas, formando corredores de circulação – os Reihengräberfelder ou campos de sepulturas alinhadas (RIPOLL LÓPEZ, 1989, p. 405). O que se pretende demonstrar é que, pelo menos, parece ter existido, durante os séculos VI e VII, no conjunto das necrópoles cascalenses, uma vontade em manter uma proximidade espacial entre as sepulturas.

O maior ou menor planeamento que se possa ter desenvolvido nos espaços funerários alto-medievais, como os do concelho de Cascais, é, segundo Martín Viso, resultado da maior ou menor intervenção por parte de um grupo dominante (MARTÍN VISO, 2012). Por um lado, a aparente desordem de alguns cemitérios pode ter sido originada pela ação de iniciativas comunitárias, sendo a eleição dos locais de enterramento da responsabilidade de famílias ou indivíduos, que catalisassem o poder da gestão desses espaços para si. Por outro lado, as necrópoles que desenvolveram áreas de sepulturas organizadas linearmente pertenceram a comunidades em que houve algum tipo de estrutura de poder que gerisse e controlasse o espaço funerário, limitando ou anulando a tendência centrífuga dos grupos familiares.

Assim, aplicando sinteticamente a teoria à realidade das necrópoles cascalenses, terão existido duas formas de distribuir as sepulturas pelo espaço: uma que corresponde a um modelo de necrópole desordenada, em que as sepulturas se dispuseram de modo aleatório, por vezes criando pequenos núcleos de enterramento; e outro modelo que reflete uma forte tendência para alinhar as sepulturas.

4.3. Arquitetura funerária

Os sítios que atualmente conservam sepulturas passíveis de uma análise sobre as soluções construtivas adotadas são as necrópoles de Alcoitão e de Casais Velhos. No que respeita à arquitetura das sepulturas das restantes necrópoles (Abuxarda e Murches), apenas podem ser tidas em consideração as informações obtidas através das descrições publicadas (OLIVEIRA, 1888-1892; PEREIRA, 1916; PAÇO, 1960). O esforço para relocalizar quaisquer testemunhos arqueológicos só se revelou proveitoso para os primeiros dois casos mencionados. A sua identificação foi facilitada por serem terrenos mais desmatados, sujeitos esporadicamente à limpeza por parte dos serviços da Câmara Municipal de Cascais, e pelo facto de as sepulturas preservadas possuírem materiais de construção duradouros, a pedra.

Tem lógica pensar numa sepultura como uma infraestrutura que materialmente simboliza um lugar de “intervalo” entre a morte e a vida para além dela, ideia bastante vinculada por Gisela Ripoll López (1989). Além de confinar e paralisar os corpos a um espaço limitado, a sepultura supõe a continuada ligação dos indivíduos a uma vida terrestre, representada igualmente através dos bens pessoais com que se fazem acompanhar (RIPOLL LÓPEZ, 1989, p. 413).

Se considerarmos que diferentes tipos de sepulcros implicavam diferentes tipos de investimento, é preciso averiguar as diversas estruturas consoante as particularidades do seu modo de construção. O investimento empregue na elaboração de um sepulcro teve frequentemente a ver com a disponibilidade de materiais para o efeito.

No caso das sepulturas de lajes, em que o espaço sepulcral era demarcado através de blocos e esteios de pedra, a sua construção seria levada a cabo facilmente, assim que os elementos pétreos fossem seleccionados. Por outro lado, muito embora as sepulturas em fossa fossem diretamente escavadas no solo, as mesmas não deixavam de ser cobertas por lajes pétreas.

Um dos motivos que pode ser apontado para a variabilidade arquitetónica que se verifica nos tipos de sepulturas do âmbito cronológico em estudo são as condições geográficas e geológicas existentes. A proximidade às formações cársicas de Maceira,

Rodízio, Cresmina, Cabo Raso e Guincho, localizadas a ocidente do concelho de Cascais, poderá ter sido determinante para a obtenção da pedra com que se construíram várias sepulturas. A matéria-prima mais utilizada terá sido o calcário, por ser a rocha em maior abundância. Respondendo a extração de pedra a uma estratégia que tencionava usufruir dos recursos disponíveis, não podemos descartar a possibilidade de se terem reutilizado materiais de construção oriundos de antigos sítios romanos. Os edifícios em ruína representariam uma fonte para a obtenção de lajes de pedra afeiçãoadas e de *tegulae* para colmatar as frestas entre os esteios.

Sobre a questão da dimensão das sepulturas em relação à estatura dos inumados, M. Barroca (1987) estabeleceu que os corpos teriam menos 10 a 20 cm que o tamanho do seu sepulcro. Com as devidas reservas podemos estimar que, se na necrópole de Alcoitão as sepulturas teriam entre 1,80 m a 2,20 m de comprimento (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6), os indivíduos aí depositados teriam entre 1,60 e 2 m de altura. No mesmo cemitério, as sepulturas infantis distinguir-se-iam pelas suas reduzidas dimensões, medindo cerca de 1 m de comprimento (OLIVEIRA, 1888-1892, p. 6). Apenas um estudo antropológico mais detalhado às ossadas deste cemitério poderá formular teorias mais rigorosas acerca da estatura dos inumados. Além disso, é prudente não esquecer outras duas variáveis: a construção de uma sepultura deveria, por um lado, prever o espaço adicional ocupado por eventuais oferendas funerárias e, por outro, conjeturar a possibilidade de vir a ser reaproveitada para um ou mais enterramentos. Perante os fatores enumerados e salientando a intensa reutilização dos sepulcros, a questão da dimensão das sepulturas não é especialmente importante, já que não apresenta grande fiabilidade para estimar a altura média dos indivíduos de uma comunidade.

Outro ponto cuja discussão tem sido cada vez mais tratada entre os investigadores é o eventual recurso a caixões ou padiolas de madeira para o acondicionamento dos defuntos nas fossas sepulcrais. Catarina Tente (2010) crê que a presença deste tipo de material arqueológico é indicativo de um sistema de suportes colocados para garantir o encaixe das tampas de cobertura. No enchimento da Sepultura II do Monte Aljão, localizado na vertente Noroeste da Serra da Estrela, a investigadora recolheu carvões de madeira de carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) e de freixo

(*Fraxinus angustifolia*) que indiciam a utilização de uma tábua que permitia um suporte adicional à cobertura pétreo, situação que é consonante com os entalhes identificados no rebordo da mesma sepultura, ao nível dos ombros (TENETE, 2010, p. 66). A existência de pregos de ferro e de bronze na necrópole de Casais Velhos sugere, de facto, a utilização de uma qualquer estrutura em madeira no interior das sepulturas. Os caixões ou as padiolas de madeira dentro dos sepulcros de lajes poderiam constituir um duplo sistema de isolamento, de modo a evitar o contato entre o corpo e o solo. Além disso, serviria de leito durante as cerimónias de exposição do defunto e para o seu transporte até ao lugar do seu enterramento. Frequentemente, o caixão estaria separado do fundo da cavidade sepulcral através de pequenas pedras, o que facilitaria a remoção das cordas após a sua deposição no interior da sepultura (QUIRÓS CASTILLO, 2013, p. 283-284).

Assim, como já tivemos oportunidade de referir, nas necrópoles cascalenses ter-se-ão construído sepulturas caracterizadas por grande variabilidade arquitetónica, entre as quais se destacam fundamentalmente dois tipos predominantes: as sepulturas de lajes e as sepulturas em fossa.

4.3.1. Sepulturas de lajes

A finalidade desta solução arquitetónica é a criação de uma caixa tumular ou cista estruturada através de blocos de pedra, com o intuito de isolar o cadáver do terreno envolvente. Na maior parte dos casos em estudo, o calcário foi o material escolhido para a sua elaboração, apresentando as lajes dimensões diversas e utilizando-se normalmente uma para os pés e outra para a cabeceira. A definição das paredes das sepulturas foi realizada através de um número variável de lajes posicionadas verticalmente, tendo-se verificado em campo que, tanto na ‘Sepultura A’ de Alcoitão, como nas duas sepulturas geminadas de Casais Velhos, foram aplicadas duas lajes para cada uma das laterais. A publicação de F. de Figueiredo e A. do Paço (1950) refere ainda que uma das sepulturas nesta última necrópole teria quatro esteios retangulares dispostos a cada lado. A quantidade de blocos pétreos empregues nas paredes dependeria certamente da dimensão dos mesmos. As sepulturas de lajes apresentam

uma grande coerência formal, apresentando por norma configurações retangulares ou trapezoidais, geralmente não antropomórficas.

São inúmeros os casos em que, dentro desta tipologia, são originadas diversas variantes, as quais resultam de diversos componentes estruturais aplicados na construção das sepulturas. Por vezes, a colmatação dos intervalos entre os blocos de pedra passou pela utilização de pequenos blocos de pedra, de *tegulae*, de barro ou de argamassas feitas de cal e tijolo esmagado¹⁷. Por outro lado, o tratamento das paredes foi feito através de uma camada de revestimento em argamassa ou em cal e areia¹⁸, de modo a garantir a sua estabilidade e a produzir uma estrutura mais sólida. Muitas vezes, a presença de cal pode significar que uma doença contagiosa esteve por detrás da morte do indivíduo. O seu uso permitia evitar epidemias e acelerar o processo de decomposição dos corpos (ARDANAZ ARRANZ, 2006, p. 618).

Também o fundo pode estar pavimentado recorrendo a ladrilhos¹⁹, lajes ou *tegulae*, o que denota um maior cuidado construtivo e uma preocupação em assegurar que não há um contato direto entre o corpo e o solo.

Uma outra variante que foi descrita para a necrópole da Abuxarda e que decidimos incluir na categoria de sepulturas de lajes por ter o intuito de criar também uma caixa tumular foi um conjunto de sepulcros delimitados por tijolos empilhados uns sobre os outros. Esse conjunto constituía o núcleo arquitetonicamente mais bem cuidado dessa necrópole, cujas sepulturas se encontravam orientadas Este-Oeste.

No que às tampas concerne, verificou-se, em diversas necrópoles da mesma cronologia, a adoção de uma multiplicidade de alternativas para a elaboração das coberturas que não é exclusivo das sepulturas de lajes. Constatou-se nomeadamente a utilização de uma cobertura monolítica ou de lajes em número variável; a utilização de *tegulae* apoiadas sobre as paredes das sepulturas, dispostas longitudinalmente de modo plano ou a duas águas; ou, até mesmo, a construção de tetos em falsa abóbada obtidos pela sobreposição de fileiras de ladrilhos (RIPOLL LÓPEZ, 1986).

¹⁷ Sobre a utilização de argamassas feita de cal e tijolo esmagado para selar as frestas entre lajes, veja-se o subcapítulo III: 3.1. Alcoitão.

¹⁸ Sobre o revestimento interior das sepulturas em cal e areia, veja-se o subcapítulo III: 3.2. Casais Velhos.

¹⁹ Sobre o fundo de uma sepultura forrado com ladrilhos, veja-se o subcapítulo III: 3.2. Casais Velhos.

Tal como foi possível observar nas três sepulturas *in situ* das necrópoles de Alcoitão e de Casais Velhos, as mesmas já não apresentam a sua configuração original, faltando-lhes já esteios pétreos nas extremidades.

4.3.2. Sepulturas em fossa

As sepulturas deste tipo implicavam um investimento construtivo mais “económico”, uma vez que o espaço sepulcral se caracteriza pela escavação de uma simples cavidade de planta oval, retangular, trapezoidal ou irregular no solo. A ausência de paramentos faz com que esta solução arquitetónica seja o tipo mais frágil do ponto de vista estrutural e que seja aquela em que os restos humanos se conservem de forma mais deficitária, pelo facto de os corpos estarem em contato direto com a humidade e a acidez da terra. O facto de não possuir quaisquer materiais de construção duradouros torna estas estruturas funerárias de difícil identificação no terreno, sendo normalmente reconhecidas quando conservam lajes de cobertura.

Também as sepulturas em fossa revelam várias variantes, as quais podem passar pelas coberturas em *tegulae* dispostas longitudinalmente de forma plana ou a duas águas, ou com tampas formadas por um número de lajes variável. As descrições feitas pelos investigadores que identificaram as necrópoles em estudo indicam que a maior parte das sepulturas estariam cobertas por lajes pétreas: em Alcoitão as tampas seriam formadas por dois ou três esteios calcários não afeiçoados (OLIVEIRA, 1888-1982, p. 6).

Um dos casos em que pode ter sido utilizada uma cavidade aberta diretamente no solo, sem quaisquer sinais reconhecíveis de tratamento funerário, é o das Grutas do Poço Velho. Assumindo que terá existido aí uma ou mais inumações datadas da Alta Idade Média, devido ao aparecimento de uma placa de cinturão liriforme, este sítio poderá refletir uma situação de enterramento extra-cemeterial, destinado ao isolamento no interior desta gruta. Como em La Garma (Cantábria), pode-se ter aproveitado o relevo natural da cavidade para delimitar o espaço dos enterramentos, ou então depositando-se os indivíduos diretamente sobre o solo da cavidade. Normalmente procuravam-se espaços relativamente reduzidos ou escondidos, entre estalagmites ou junto às paredes (HIERRO GÁRATE, 2011).

4.4. Paleodemografia

O material osteológico que integrou este estudo é procedente das sepulturas alto-medievais identificadas no concelho de Cascais, nomeadamente de 31 sepulturas da necrópole de Alcoitão, de 7 sepulturas de Murches e de um número indeterminado de sepulturas de Casais Velhos e da Abuxarda. Por motivos que se desconhecem, não existem restos osteológicos atribuídos a seis sepulcros de Alcoitão (Sepulturas 1, 16, 17, 19, 22, 30 e 31) e um de Murches (Sepultura 5). Nunca ficará claro se a sua ausência se deve à sua não conservação nas sepulturas correspondentes, ou se se deve à incorreta manipulação das ossadas em ambiente museológico, a qual poderá ter levado à perda do registo escrito. Há também a possibilidade de esses ossos terem sido resultado de recolhas indiscriminadas.

O inventário antropológico, que contou com a incondicional ajuda da antropóloga Raquel Granja, foi realizado com o intuito de apurar o NMI por necrópole e por sepultura, bem como o de elaborar uma caracterização básica da idade e sexo dos indivíduos enterrados em cada um dos cemitérios. Tal informação é essencial para o estudo arqueológico de cada necrópole, mas é evidentemente escassa para um estudo antropológico rigoroso. A informação de cariz antropológica cingiu-se assim aos dados básicos necessários para uma correta análise arqueológica e histórica dos cemitérios.

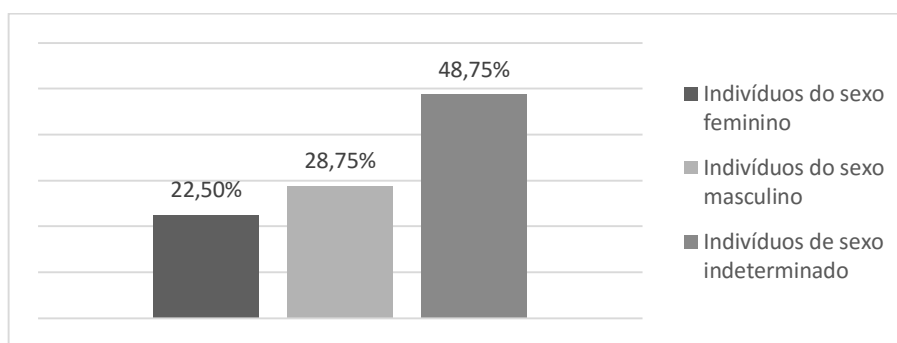
O estudo preliminar das coleções osteológicas permitiu apurar um NMI total de 125 indivíduos, entre os quais 74 são de Alcoitão, 29 de Casais Velhos, 20 de Murches e 2 da Abuxarda.

Para a necrópole de Alcoitão reconheceram-se 45 indivíduos maduros (17 do sexo masculino, 14 do sexo feminino e 15 de sexo indeterminado), aos quais acresce a identificação de 28 indivíduos imaturos e de 1 cuja idade e sexo não foi possível determinar. Para a necrópole de Casais Velhos identificaram-se 18 indivíduos maduros, um dos quais do sexo feminino (“Esqueleto n.º 4”), além de 11 indivíduos imaturos. A coleção antropológica da Abuxarda era constituída por falanges proximais pertencentes a 2 indivíduos, um maduro e outro imaturo. Por fim, o inventário da coleção de Murches possibilitou o reconhecimento de 15 indivíduos maduros, entre os quais 3 do sexo

feminino, 6 do sexo masculino e 6 cujo sexo não foi possível determinar. A estes acresce o reconhecimento de 5 indivíduos imaturos.

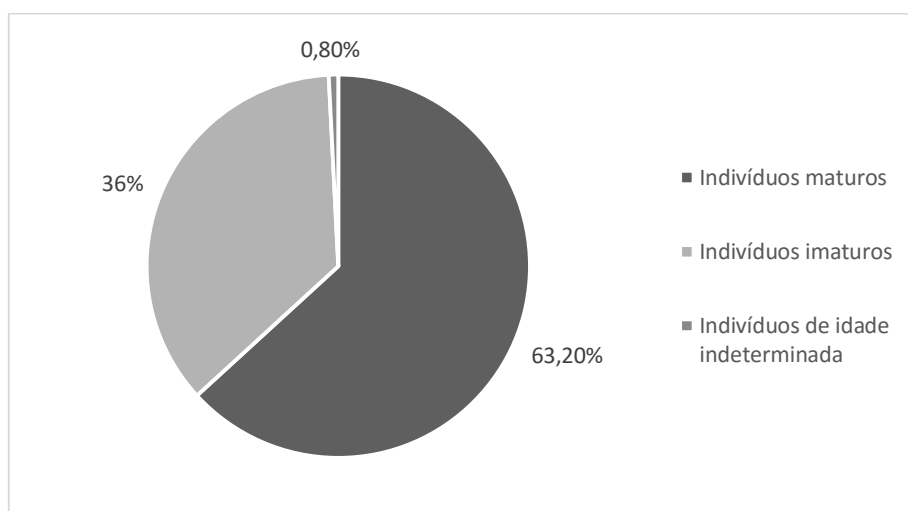
Em termos de análise demográfica, verifica-se uma maior frequência de indivíduos maduros do sexo masculino do que indivíduos maduros do sexo feminino, ainda que não seja significativa (Gráfico 1). Em particular, esta situação observa-se na necrópole de Alcoitão, não sendo coincidente na de Murches, visto que o número de homens é igual ao número de indivíduos cujo sexo não foi possível identificar. Não deixamos de apontar a alta percentagem de indivíduos cujo sexo não foi determinado (20,27% em Alcoitão, 30% em Murches, 50% na Abuxarda e 58,62% em Casais Velhos), situação que frequentemente se deve ao nível de fragmentação das peças esqueléticas, ou de, aquelas que existem, não permitirem uma atribuição sexual segura. Em Casais Velhos apenas foi possível apurar o sexo de um indivíduo: corresponde a um inumado maturo do sexo feminino – o denominado “Esqueleto n.º 4” -, que poderá corresponder eventualmente ao único enterramento, ou à última deposição primária de uma sepultura.

GRÁFICO 1 - PERCENTAGEM TOTAL DE INDIVÍDUOS POR GÉNERO



No que respeita à idade à morte, a grande maioria dos indivíduos eram maduros (Gráfico 2). Em Alcoitão, os maduros totalizavam 60,81% dos inumados, tendo-se registado a presença de 37,8% imaturos. Em Murches contabilizaram-se 75% indivíduos maduros e 25% imaturos. Em Casais Velhos foi possível apurar um total de 62,07% indivíduos maduros e 37,93% imaturos. Na Abuxarda, os restos humanos observados pertenciam a somente 2 indivíduos, um maturo e outro imaturo.

GRÁFICO 2 - PERCENTAGEM TOTAL DE INDIVÍDUOS POR IDADE



O registo antropológico aponta para uma realidade funerária em que não existiria qualquer intencionalidade em diferenciar os indivíduos inumados por género e/ou idade. Indivíduos do sexo feminino enterrar-se-iam juntamente com indivíduos do sexo masculino, circunstância que se constata também com indivíduos maduros e imaturos. Apenas para Alcoitão foi possível identificar ossos humanos que possam ter correspondido a sepulcros exclusivamente infantis, nomeadamente as Sepulturas 6, 9, 12, 13, 18 e 34. Estes corresponderiam a 19% do total de sepulturas dessa necrópole. A quantidade diminuta de sepulturas infantis pode levar-nos a supor a utilização de outras soluções de enterramento para as inumações de crianças, ou ainda pela eventualidade de serem enterradas com adultos, numa mesma sepultura. Veja-se que, em Alcoitão, 15 crianças foram inumadas com adultos (Sepulturas 2, 3, 4, 7, 8, 15, 21, 23, 27, 32 e 47), 11 com outras crianças (Sepulturas 9, 12, 13 e 34) e 2 sozinhas (Sepulturas 6 e 18). Na necrópole de Murches não há indícios da existência de sepulturas infantis. As 5 crianças inumadas neste cemitério encontravam-se enterradas juntamente com adultos.

Vemo-nos na impossibilidade de assinalar diferenças entre inumados no que respeita ao *status* social, já que, na maior parte dos casos, é impossível apurar a sepultura de proveniência dos espólios funerários. Nunca saberemos se determinado tipo de oferenda aparece associada a géneros ou classes etárias específicas.

O estudo antropológico revelou uma tendência generalizada para a reutilização das sepulturas (Gráfico 3). Quer na necrópole de Alcoitão, quer na de Murches, o número de sepulturas reutilizadas ultrapassaria em mais de metade (na casa dos 70%) o número de sepulturas com apenas um enterramento (Tabela 9). Nas sepulturas reutilizadas, o número mínimo de indivíduos varia entre os 2 e os 6 em Alcoitão e entre os 2 e os 9 em Murches, constatando que a moda em ambos os cemitérios é as sepulturas com 2 indivíduos. Em Alcoitão, cada sepultura teria uma média de 2,4 indivíduos por sepultura e em Murches de 3,4.

O fenómeno de reaproveitamento de sepulcros pode estar diretamente relacionado com o esforço económico empregue na construção de novas sepulturas. A reutilização de uma sepultura já existente representaria uma solução mais barata do que uma construção *ex novo*. Por outro lado, é de supor que o reaproveitamento não fosse exclusivo de uma tipologia arquitetónica; no entanto, verificamos que as duas sepulturas em fossa descobertas em 2001, em Alcoitão, continham cada uma 1 indivíduo (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001). Também na necrópole de Talaíde, “*Uma mesma sepultura serviu, frequentemente, a mais deposições, com exceção das do tipo 2 [em covacho]*” (CARDOSO e CARDOSO, 1995, p. 408). Estamos em crer que esta situação poderia dever-se à fragilidade estrutural das sepulturas deste tipo.

Além disso, é verosímil que o enterramento de vários indivíduos numa mesma sepultura se relacione com as relações de parentesco entre os inumados, ou, pelo menos, a existência de laços entre eles. Durante a Antiguidade Tardia, o conceito de família irá adquirir uma importância renovada à medida que a mesma se transforma na “família cristã” (CUNHA, 2008, p. 81). Contudo, a eventual existência de jazigos familiares apenas poderia ser confirmada de forma inequívoca através de análises de ADN.

Como se desconhece a localização exata das sepulturas dentro dos espaços cemiteriais, não é possível averiguar se existe um padrão na distribuição das sepulturas reutilizadas, ou seja, não é possível, com os dados disponíveis, verificar que essas sepulturas ocupavam um espaço concreto ou especial dentro da necrópole. Esta averiguação, pelas mesmas razões, também não é possível de aferir para as sepulturas exclusivamente infantis.

GRÁFICO 3 - ALCOITÃO E MURCHES. PERCENTAGEM SOBRE A REUTILIZAÇÃO DE SEPULTURAS

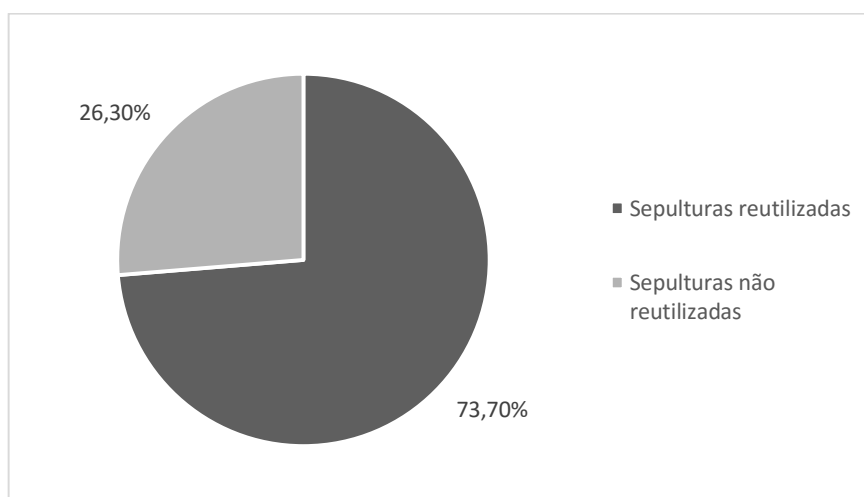


TABELA 9 – ALCOITÃO E MURCHES. RELAÇÃO ENTRE AS SEPULTURAS COM 1 INDIVÍDUO E AS SEPULTURAS REUTILIZADAS

Indivíduos por sepultura	Alcoitão	Murches
1 indivíduo	8/31 (26%)	2/7 (29%)
Com mais do que 1 indivíduo	23/31 (74%)	5/7 (71%)

Em qualquer um dos casos estudados, foi impossível indicar se os restos humanos conservados corresponderiam a inumações primárias, reduções ou ossos soltos. Por outro lado, podemos considerar que os indivíduos aparentemente mais completos possam corresponder aos últimos enterramentos. Segundo as descrições publicadas (OLIVEIRA, 1888-1892), os indivíduos sepultar-se-iam em posição de decúbito dorsal, orientados Este-Oeste e virados a Nascente. Quando ocupavam uma sepultura anteriormente utilizada, os ossos das inumações mais antigas eram arrumados, obedecendo ou não a uma seleção prévia, ou eram removidos para o exterior da sepultura.

A antropologia funerária revela-se cada vez mais indispensável para entender os comportamentos do Homem em relação à morte e a forma como se manifestam material e culturalmente. Não conta apenas com a análise da estrutura funerária, dos espólios ou com a identificação anatômica dos ossos. Esta ciência exalta a sua complementaridade com a Arqueologia no momento em que contribui para o

conhecimento das práticas funerárias, em que se inclui a composição da estrutura sepulcral, o ambiente e forma como se deu a decomposição dos cadáveres, os fenómenos posteriores à inumação e a reutilização das cavidades funerárias. Embora não tenhamos disfrutado de sítios arqueológicos inéditos, acabados de escavar e de registar através de desenho e fotografia, o estudo preliminar das coleções osteológicas das necrópoles alto-medievais do concelho de Cascais trouxe uma nova luz sobre as dinâmicas intra-sepulcrais. Não terá a devida importância conhecer laconicamente o espólio recolhido ou as sepulturas que ainda possuíam lajes de cobertura, se não nos preocuparmos em conhecer as pessoas que terão gerado a existência desses objetos e desses sepulcros.

4.5. Os espólios funerários

Entenda-se por espólios funerários o conjunto de oferendas que acompanham o defunto na sua caminhada para uma vida depois da morte. Independentemente da sua função ou utilização, esses espólios são compostos, na maior parte das vezes, por recipientes cerâmicos, objetos associados às vestes e ao adorno pessoal, considerando-os parte do ritual de enterramento. Estima-se que entre 30 a 40 indivíduos em 100 se fizessem inumar com os seus pertences pessoais, situação que se transforma no século VII d.C. em que apenas 10 em 100 indivíduos se enterravam com os mesmos espólios (RIPOLL LÓPEZ, 1989, p. 418).

Conforme o que foi apresentado no Capítulo II, foram exumados seis recipientes cerâmicos provenientes das necrópoles alto-medievais de Alcoitão, da Abuxarda, de Casais Velhos e de Murches. O enterramento que se terá realizado nas Grutas do Poço Velho é o único no qual não terão sido recolhidos objetos cerâmicos. Na maior parte dos casos, não nos é permitido apontar a sepultura de proveniência dos espólios, à exceção do jarro AL. 2, o qual provém da Sepultura 2 do cemitério de Alcoitão.

O conjunto cerâmico apresenta bastante uniformidade formal, porquanto estão presentes essencialmente seis jarros. Entre estes predomina a montagem das peças a torno, tendo-se observado em dois exemplares indícios de modelação manual, nomeadamente no que respeita aos bicos dos bordos trilobados (MU. 1, CV. 1). As cozeduras das pastas são invariavelmente oxidantes, o que resultou que as peças

apresentassem, na sua generalidade, superfícies em tons de castanho, castanho-avermelhado, alaranjado e também bege.

Todas as peças exibem pastas de compacidade média, de textura homogénea ou de textura arenosa. Apresentam densidades fracas a abundantes de elementos não-plásticos, observando-se macroscopicamente micas, feldspatos, quartzos e calcários. Verificou-se decoração nas superfícies exteriores dos bojos de dois dos exemplares, ostentando motivos em ziguezague delimitado por linhas paralelas incisadas (CV. 2) ou simples linhas incisadas que formam caneluras (AL. 1).

Os bordos que subsistiram em três dos recipientes não apresentam grande variabilidade formal. Têm uma morfologia redonda, tendo dois deles uma configuração trilobada, e geralmente encontram-se orientados para o exterior. As peças possuem corpos globulares (AB. 1, AL. 1, CV. 1, MU. 1) ou piriformes (AL. 2, CV. 2) e todas têm somente uma asa, de secção circular, trapezoidal ou retangular, orientada verticalmente em relação à peça. As extremidades inferiores das asas podem estar fixadas na parte superior do corpo ou numa zona medial do mesmo; as extremidades superiores arrancam normalmente dos bordos, à exceção da peça CV. 2 cuja asa arranca a meio do colo. Registam-se fundos planos (AB. 1, CV. 2, MU. 1) e ainda uma peça com base em disco (AL. 1), outra com uma base ligeiramente convexa (CV. 1) e outra com o fundo côncavo (AL. 2).

A designação de jarro utilizada para este tipo de formas resulta de uma atribuição funcional específica das peças, morfologicamente semelhantes: as formas fechadas com uma asa (ou com indícios da sua existência) e bicos trilobados denunciam que estes recipientes estavam destinados a servir ou a conter líquidos, derivando de formas produzidas a torno lento que datam entre a segunda metade do século VII e o século VIII d.C. (VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 1999). Este tipo de espólio cerâmico encontra paralelos no jarro 4891/1 da necrópole de Gózquez de Arriba, em Madrid (CONTRERAS MARTÍNEZ e FERNÁNDEZ UGANDE, 2006) e no jarro TMA1 da necrópole da Tapada do Manuel Antunes, em Castelo de Vide (PRATA, 2012), por exemplo. A cronologia destas cerâmicas é dada, mais do que por paralelos, pela sua associação a peças de adorno pessoal que são mais facilmente datadas tipologicamente (LÓPEZ REQUENA e BARROSO CABRERA, 1994, p. 47).

Provido ou não de um sentido religioso, a presença destes jarros indicia a sua utilização como parte de um ritual funerário que implicava, como é evidente, o derramamento do conteúdo líquido sobre o cadáver, havendo quem relacione esta libação ao ritual litúrgico do batismo (ROMÁN PUNZÓN, 2004), o qual poderia acontecer já num momento *post-mortem*. Não desconsideramos a hipótese de a deposição de espólios funerários corresponder à conservação de antigos rituais pagãos, como se acha apropriado para as necrópoles em estudo.

O conjunto do espólio metálico exumado nas necrópoles do concelho de Cascais é o mais expressivo. São precisamente os objetos metálicos de indumentária e de adorno pessoal aqueles que imprimem um cunho identitário, e quiçá estatutário, ao defunto. A prática das inumações vestidas, que tinha sido abandonada a partir do século II d.C., voltou a ser comum a partir de meados do século IV d.C. na Península Ibérica (GONZÁLEZ VILLAESCUSA, 2001, p. 72), momento em que também está comprovada na região do Danúbio. Este costume manteve-se de forma massiva até ao século VI, a partir do qual se verificou um progressivo despojamento material dos defuntos e a inumação envolta em simples sudários²⁰.

Na totalidade foram recolhidas 37 peças metálicas, entre as quais doze anéis, nove brincos, quatro fivelas, dois braceletes, dois apliques zoomórficos, duas placas de cinturão, um fuzilhão, quatro pregos e uma agulha. A proveniência da maior parte destes objetos é de difícil aferição devido à inexistência de um registo de proveniência concreta.

Dos doze anéis recolhidos nas necrópoles do concelho de Cascais, dez exemplares são oriundos da Abuxarda e os dois restantes são de Alcoitão e de Casais Velhos. Durante a Antiguidade Tardia, o uso de anéis generalizou-se entre homens e mulheres (AREZES, 2010, p. 112), circunstância que tem reflexos visíveis arqueologicamente, uma vez que é um dos adornos metálicos que mais se deteta em sepulturas desse âmbito cronológico. No conjunto de peças observadas destaca-se a

²⁰ Veja-se, por exemplo, que na necrópole de Gózquez de Arriba (Madrid) “Los elementos de adorno personal muestran un tratamiento diferente del finado. Su presencia o ausencia no debe tomarse en sentido estricto como un indicador cronológico, aunque su mayor incidencia parece marcar ciertas pautas sociales. Su mayor profusión corresponde a los primeros momentos de la necrópolis, descendiendo notablemente hacia mediados del siglo VI d.C.” (CONTRERAS MARTÍNEZ e FERNÁNDEZ UGANDE, 2006, p. 554)

abundância dos anéis em fita, de aro aberto – em número de 9 -, e a excecionalidade de outros três exemplares. Estes últimos apresentam uma superfície frontal destacada, em mesa, com motivos decorativos que se caracterizam pelo seu carácter pouco usual: o anel AL. 3 encontra-se ornado com cinco ‘SSS’, o anel AB. 7 ostenta três peixes e o anel AB. 16 apresenta uma cruz suástica como motivo central. Além destas, todos os exemplares revelam algum tipo de ornamentação elaborada sobretudo através de incisão e/ou punção. Exibem principalmente motivos geométricos, dos quais se destacam linhas incisivas dispostas horizontal, vertical ou obliquamente, formando elementos de configuração triangular; também se observam com frequência pontos a punção, ou, num dos casos estudados, linhas incisivas que criam caneluras (AB. 14). Quer para os anéis em fita, quer para os anéis em mesa em estudo, foi apontada uma cronologia relativa entre os séculos VI-VII (AREZES, 2010).

Seguidamente aos anéis, os brincos são os adornos metálicos que aparecem em maior número nas necrópoles desta época. Assim como se verifica nos exemplares estudados dos cemitérios da Abuxarda (em número de 7) e de Casais Velhos (em número de 2), são peças criadas através de um simples aro em bronze, aberto, de secção circular, que vai perdendo espessura em direção a uma extremidade mais aguçada; o extremo oposto apresenta geralmente um remate de configuração geométrica, que pode ser cúbico (CV. 5), esférico (AB. 19) ou exibir elementos modelados (CV. 6, AB. 20, AB. 21, AB. 22, AB. 23, AB. 24). Existe apenas um exemplar que culmina em duas pontas pontiagudas (CV. 7). Os motivos decorativos surgem com maior frequência nos remates, que podem ostentar pontos a punção ou linhas incisivas dispostas horizontal ou obliquamente. Nota-se uma clara inspiração nos brincos de antiga tradição romana, cuja expansão geográfica é muito ampla e cuja presença é detetada em enterramentos datados do século VI, podendo-se prolongar até ao século VII (AREZES, 2010).

As fivelas e os fuzilhões são peças de indumentária que formam um elemento composto agregado a um cinturão, mas que normalmente são encontrados de forma isolada. No espólio funerário observado, analisaram-se três fivelas e um fuzilhão da Abuxarda, e uma fivela de Casais Velhos. As peças AB. 5 e CV. 9, ambas destituídas de fuzilhão, são fivelas de tipologia reniforme com influências bizantinas e mediterrânicas, cuja utilização se prolonga desde os finais do século VI, podendo perdurar até às primeiras décadas do VIII (RIPOLL, 1986). Já as fivelas AB. 3 e AB. 4, de aro ovalado, em

utilização desde o século V, desaparecem nos inícios do século VII. A estas últimas associam-se por norma fuzilhões de base escutiforme, decorados com sulcos incisos horizontais que formam caneluras, e cujos paralelos residem em peças merovíngias (AREZES, 2010).

Os dois braceletes analisados, ambos em bronze, provêm das necrópoles da Abuxarda e de Casais Velhos. Desde há pouco tempo que se admite que o uso destes adornos era generalizado entre mulheres e homens (AREZES, 2010). A atribuição cronológica destas peças reveste-se normalmente de contornos pouco claros, visto que denotam especificidades que sobrevivem durante largos períodos de tempo. Veja-se o caso do bracelete AB. 17, de tipologia serpentiforme: a solução adotada para o remate desta peça pode facilmente ser confundida com aquela utilizada em pulseiras durante a Proto-História, momento em que se desenvolvem os cultos orientais de celebração a Ísis e a Serápis (AREZES, 2010, p. 210). Assim sendo, quando se procura datar estes objetos, é necessário integrá-los num conjunto de materiais arqueológicos com uma cronologia bem esclarecida. Pertencendo esse bracelete à necrópole da Abuxarda, o mesmo datará dos séculos VI-VII (AREZES, 2010).

Os apliques recolhidos em Casais Velhos partilham de características muito semelhantes. Além de datarem do século VI pela integração num conjunto de objetos arqueológicos com uma cronologia segura, as duas peças são concordantes do ponto de vista da sua temática decorativa. As ligas metálicas das peças CV. 3 e CV. 4 foram recortadas de modo a representarem canídeos estilizados, um em bronze e outro em latão respetivamente. O aplique CV. 3 tem a particularidade de o corpo do animal estar decorado com pontos puncionados e com linhas de triângulos incisos e a punção. O desenvolvimento dos temas zoomórficos é desencadeado por influências centro-europeias e bizantinas e torna-se constante na metalurgia hispanovisigoda (MORA-FIGUEROA, 1981, p. 1982).

Ao contrário dos apliques anteriormente mencionados, as placas de cinturão patentes neste estudo são em tudo dissemelhantes. Beneficiamos atualmente de cronologias relativas muito finas para estas peças de indumentária, muito devido às seriações produzidas por Gisela Ripoll López (1986). A peça AB. 2 é uma placa rígida simples apresenta uma configuração retangular e uma extremidade distal arredondada, tendo uma aresta que atravessa longitudinalmente o centro da placa. Apesar de inteira,

não ostenta qualquer tipo de decoração, ao que apenas se observa um sulco horizontal que divide o centro da placa da sua fivela (dotada de fuzilhão). A este tipo de placas de cinturão é-lhes atribuída uma cronologia compreendida entre a segunda metade do século VI a cerca de 600/640 d.C. Por outro lado, a placa PV. 1, de tipologia liriforme, encontra-se intensamente decorada, de tal modo que os três campos decorativos (distal, central e proximal) apresentam motivos ornamentais distintos. A decoração baseia-se essencialmente em pequenos motivos de configuração geométrica – triângulos, círculos e pontos puncionados -, além de bandas formadas por linhas incisas. De destacar que, na zona central, figuram dois círculos com um ponto concêntrico que, segundo A. Arezes (2010), se podem tratar de cabeças de ave. As placas de cinturão liriforme têm uma presumida origem mediterrânica, com influências nitidamente bizantinas, e difundiram-se por toda a Península Ibérica durante o século VII e as primeiras duas décadas do VIII (AREZES, 2010, p. 97).

Do conjunto de materiais metálicos recolhidos nas necrópoles do concelho de Cascais, existe um que sobressai pela distinta funcionalidade. A agulha CV. 10 é uma peça em bronze, cujo formato remete para a atividade têxtil, uma vez que exhibe uma perfuração na cabeça para fazer entrar uma linha. Este tipo de objetos não é despropositado, nem pouco frequente em contextos funerários tardo-romanos e alto-medievais, se pensarmos que os indivíduos se fariam acompanhar na morte por objetos que simbolizassem aquilo que foram em vida, nomeadamente desempenhando tarefas domésticas do quotidiano como a tecelagem.

Ainda dentro das peças que se consideram adornos pessoais, não devemos esquecer as seis contas de colar provenientes da necrópole da Abuxarda. Estes elementos decorativos assumem dimensões e formas muito variadas, entre as quais, a título de exemplo, cilíndricas (AB. 31), esféricas (AB. 25), poliédricas, circulares (AB. 26), cónicas (AB. 30), e gomadas (AB. 27 e AB. 28), bem como uma panóplia de cores que resultam da matéria-prima com que são produzidas. A utilização da pasta vítrea é bastante mais frequente na produção de contas de colar e é aquela que permite uma gama mais extensa de formas e cores (azul, transparente, verde e negro). A pasta vítrea seria uma alternativa às pedras preciosas (RIPOLL LÓPEZ, 1986, p. 162). Por outro lado, o âmbar, que permitia obter contas de colorações alaranjadas, terá sido um produto bastante apreciado pela sua exogeneidade. A atribuição cronológica de contas de colar

reveste-se, como já tivemos oportunidade de referir para outras peças de adorno, de problemas particulares, uma vez que este tipo de elementos existem durante toda a Antiguidade romana. O facto de serem oriundas da necrópole da Abuxarda, cujo conjunto de materiais tem uma datação bem definida, faz com que apontemos como provável a sua utilização durante os séculos VI-VII.

4.6. O ritual funerário

Mesmo tendo em consideração que o ritual funerário adotado nas necrópoles do concelho de Cascais durante os séculos VI e VII d.C. foi o da inumação, não podemos assegurar com certeza que os enterramentos aí realizados tenham sido manifestações de um ritual cristão. Pretende-se neste derradeiro ponto discutir sobre a dimensão simbólico-religiosa inerente à formação deste tipo de necrópoles.

A inumação ter-se-á tornado preponderante nas províncias ocidentais durante o Baixo Império, a partir de finais do século III/inícios do IV d.C. (GONÇALVES, 2011, p. 52), não estando diretamente ligada à ascensão do Cristianismo. A sua prática reflete a influência de cultos orientais que sublinhavam a importância de manter a integridade dos corpos para uma vida depois da morte: *“(...) parece-nos importante salientar que a manutenção do corpo físico no enterramento é precisamente uma das características dos cultos orientais. Esta atitude perante a morte, ou melhor, perante a pós-morte, prende-se com a crença no renascimento. Não significa que a noção de renascimento tenha necessariamente que ver com a tradição cristã, no sentido de renascer fisicamente no mesmo corpo e no mesmo local onde foi depositado e ascender aos céus”* (ALMEIDA, 2009, p. 70).

No encadeamento desta questão, a orientação das sepulturas também adquiriu contornos importantes. A orientação canónica Este-Oeste que se verificou para quase todas as necrópoles do concelho de Cascais prende-se com a crença no Dia do Juízo Final. Os indivíduos, virados a Nascente, renasceriam e enfrentariam a Luz Divina. O ato de construir sepulcros com uma posição consonante com esta ideia revela não só uma nova atitude perante o enterramento, mas também que a orientação canónica era conhecida e estava bem presente. Ainda assim, não são raras as vezes em que se

identificam sepulturas cujo eixo de orientação se encontra relativamente desviado, o que pode obedecer a preocupações organizacionais ou topográficas, nomeadamente a escorrência de águas ou a espaços de circulação para os visitantes. Recorde-se o caso da Abuxarda, cuja necrópole apresentava dois núcleos de enterramento com orientações distintas, um Este-Oeste e outro Norte-Sul. Quais terão sido as motivações por detrás desta distinção? Tratar-se-á de dois momentos de enterramento distintos, ou será intrínseco à própria gestão do espaço cemiterial? Como já foi sugerido noutra ocasião, o desvio do eixo de orientação das sepulturas também pode dever-se ao percurso aparente do Sol, o qual depende da duração dos dias e das noites durante o ano.

Outro ponto que também se revela problemático para esta discussão é a presença de espólio funerário no interior das sepulturas. Apesar de as normas cristãs incitarem o despojamento material dos indivíduos na hora da morte, as prerrogativas legislativas que saíam dos concílios peninsulares eram pouco assertivas nesse aspeto. O funeral seria um ritual praticado no seio da comunidade e a condução mais ou menos elaborada dos rituais fúnebres eram mais do domínio privado, os quais dependeriam da capacidade socioeconómica da família do defunto. Como consequência, denota-se uma certa liberdade nas soluções adotadas pelos primeiros cristãos. Os jarros cerâmicos estudados podem ter desempenhado um papel litúrgico associado ao Batismo, ritual esse que frequentemente era realizado no momento *post-mortem*. Ainda assim, há que considerar que a presença de espólios no interior das sepulturas reflete a prevalência de conceções mentais pagãs ligadas à morte e que os processos de transição cultural-religiosa não foram lineares: *“o costume de se fazer acompanhar o cadáver de uma peça de cerâmica seja uma prática tendente a diminuir a partir do século VII, ele nunca se extinguiu completamente. São conhecidos exemplos dos fins da Alta Idade Média e da Baixa Idade Média, e o hábito manteve-se durante mais alguns séculos”* (BARROCA, 1987, p. 18), tal como se manteve durante largos séculos o óbolo a Caronte. Todavia, devemos mencionar que apenas uma pequena minoria dos indivíduos se faria enterrar com objetos, mas para o caso em estudo não é possível apresentar uma proporção esclarecedora sobre o número de indivíduos com espólios e o de indivíduos sem espólios devido à pobreza do registo aquando da descoberta das necrópoles.

Os pontos anteriormente apresentados acerca da prática da inumação, da orientação das sepulturas e da presença/ausência de espólios funerários são temas que apresentam problemas no momento de mostrar provas científicas que indiquem se as comunidades instaladas no concelho de Cascais durante a Alta Idade Média eram devotas ou não do Cristianismo. As cidades foram o ponto de difusão da Boa Nova cristã e eram o local onde as elites eclesiásticas exerciam o seu poder de forma mais rigorosa. Os pequenos cemitérios rurais, como os que são aqui objeto de estudo, são um simples reflexo de que as populações do campo, apesar de cristianizadas, estavam demasiado impregnadas pelas práticas ancestrais pagãs pelo facto de se encontrarem periféricas em relação aos influxos culturais e religiosos da cidade (isto é, Lisboa). Daí que tenham persistido hábitos antigos e que os rituais fúnebres se desenvolvessem segundo as regras de entidades mais restritas – as comunidades/famílias. O Cristianismo encontrava-se institucionalizado; as regras canónicas é que não chegavam eficazmente às populações, ou estas é que não estavam interessadas em absorvê-las.

Conclusão

O estudo das necrópoles de Alcoitão, de Casais Velhos, da Abuxarda, de Murches e das Grutas do Poço Velho, situadas no concelho de Cascais (Lisboa), realizado no decurso desta dissertação, permitiu colocar novamente em discussão um conjunto de informações de carácter arqueológico que se davam como “arrumadas”. O estado do conhecimento para o período que decorreu após a queda do Império Romano é muito limitado para o âmbito geográfico em estudo, onde as grutas pré-históricas e as *villae* romanas precocemente mereceram maior atenção por parte dos investigadores. Os dados disponíveis para as necrópoles alto-medievais eram essencialmente de base bibliográfica, resultantes de escavações que já não se adequam face às exigências da arqueologia atual e cujo registo é nitidamente insuficiente para o nível de desenvolvimento em que a investigação se encontra hoje. As sumárias descrições feitas pelos escavadores, a inexistência de registos gráficos das necrópoles e das sepulturas que as constituíam, o desconhecimento acerca da proveniência dos espólios e, por vezes, a incerteza sobre o número total de sepulcros revelaram-se constrangimentos para a formulação de modelos interpretativos dos contextos funerários em questão. Sem estes dados, os resultados ficaram comprometidos no que respeita, nomeadamente, à organização das sepulturas nos espaços cemiteriais. Tal é particularmente relevante quando se tenta identificar a existência de inumações espacialmente discriminadas (agrupamentos de sepulturas reutilizadas, de sepulturas infantis ou outras); ou à eventual proximidade com espaços residenciais contemporâneos do uso da necrópole, o que permitiria outras leituras sobre a natureza da mesma e do povoamento, que lhe poderia ter estado associado. Estes pontos de análise seriam fundamentais para começar a esboçar as formas como se desenvolveu o povoamento rural na Alta Idade Média no concelho de Cascais e quem foram as entidades responsáveis pelo seu planeamento.

Os locais eleitos para a implantação destas necrópoles partilham de algumas características que se constataram ser repetitivas. Os espaços funerários situar-se-iam em pontos discretos na paisagem, ocupando solos de fraco potencial agrícola, mas próximos a linhas de água. Não apresentam quaisquer condições naturais de defesa, uma vez que se encontram em plataformas pouco elevadas. Apenas a necrópole de Casais Velhos apresenta uma situação topográfica privilegiada sobre o areal do Guincho.

A identificação de cerâmica comum e de cerâmica de construção, de época romana, nas imediações das sepulturas, é reflexo do reaproveitamento de materiais construtivos de edifícios em ruína. Esta constatação poderá indicar que estes sítios alto-medievais se teriam implantado nas proximidades de antigos sítios romanos. Aproveitavam, assim, não só os materiais de construção, mas possivelmente outros recursos que antigamente já poderiam ter sido explorados, ainda que o fizessem de modo diferente e a escalas diferenciadas. Todavia, tal é uma suposição, uma vez que não dispomos de quaisquer testemunhos arqueológicos que o comprovem.

Sobre a organização interna das necrópoles, apercebemo-nos que existiram duas formas de distribuir as sepulturas pelo espaço, que se relacionam com a maior ou menor intervenção de uma entidade influente, que atua acima de uma vontade individual (igrejas, chefes de comunidades, ancião, entre outros). O primeiro tipo de distribuição das sepulturas corresponde a um modelo de necrópole desordenada, em que as sepulturas se dispuseram de modo aleatório, por vezes criando pequenos núcleos de enterramento. O outro modelo reflete, pelo contrário, uma forte tendência para alinhar as sepulturas, de tal maneira que se formariam espaços de circulação restritos entre elas. Regra geral, em ambos os modelos, os sepulcros respeitavam uma orientação canónica Este-Oeste; excepcionalmente existiram pequenos núcleos em que se orientam Norte-Sul. Concluimos também que, independentemente de se tratarem de sepulturas de lajes, ou de sepulturas em fossa, não existiria uma separação física entre os dois tipos e estariam dispostas em conformidade.

No que à arquitetura funerária concerne, tornou-se evidente que distintos tipos de sepulturas implicariam diferentes tipos de investimento, que resultam fundamentalmente da disponibilidade de materiais construtivos. As condições geográficas e geológicas do território cascalense serão seguramente a explicação para a variabilidade arquitetónica que se constata nos aparelhos dos sepulcros alto-medievais. Para além disso, podem ter sido reutilizados materiais de construção oriundos de antigos sítios romanos próximos. Os dois modelos arquitetónicos distinguidos pelos investigadores que trabalharam sobre as necrópoles em estudo apontam para a existência de sepulturas delimitadas por lajes de pedra e de sepulturas em fossa. É provável que, em ambos os modelos, se tenha recorrido a caixões de madeira para o

acondicionamento dos defuntos nas fossas sepulcrais, ou, pelo menos, a tábuas que suportavam a cobertura pétreas. A expressão arqueológica deste facto é a identificação de pregos e, mais raramente, de restos orgânicos vegetais (madeiras) no enchimento das sepulturas.

O recurso a ciências complementares à Arqueologia foi um meio necessário para contornar as informações em falta. O estudo preliminar antropológico possibilitou iniciar-se a construção de uma estrutura de conhecimento relativo às próprias comunidades, nomeadamente através da definição do número mínimo de indivíduos por necrópole e por sepultura e da caracterização básica dos sexos e das idades à morte. Foi identificado um NMI de 125. A partir deste ponto, foi-nos possível tirar elações acerca dos rituais funerários praticados, da reutilização de sepulturas e de enterramentos diferenciados por género e/ou por classe etária. O registo bioarqueológico, especialmente aquele produzido pela Antropologia Física, vem esbater a tendência dos investigadores para a realização de estudos puramente cronotipológicos dos espólios e vem assumir a sua importância como parte do registo arqueológico. Contudo, uma série de adversidades não puderam ser resolvidas através do inventário antropológico, sobretudo: as relacionadas com a associação de espólios a determinados restos humanos; a disparidade entre a quantidade das peças de adorno pessoal e o número de indivíduos apurados (como aconteceu na Abuxarda); bem como o número considerável de sepulturas sem restos osteológicos. Julga-se que a ausência destas informações são resultado do limitado registo arqueológico que foi feito no momento da descoberta das necrópoles e da incorreta manipulação dos materiais arqueológicos e osteológicos nos museus por onde passaram. Trata-se de uma acumulação de circunstâncias que levaram à perda irrecuperável do conhecimento e que agora já não podem ser recuperadas.

O estudo destes sítios arqueológicos permitiu adquirir um maior conhecimento sobre as realidades artefactuais que se podem encontrar nas pequenas necrópoles rurais da região entre os séculos VI e VII. Até ao momento, os espólios funerários são os únicos elementos datantes destes contextos. Eles caracterizam-se pela grande diversidade de objetos arqueológicos, que vão desde os adornos pessoais aos elementos metálicos de indumentária, aos jarros cerâmicos e aos pregos utilizados nos caixões de

madeira. Os materiais arqueológicos encontram paralelos em sítios portugueses como a necrópole de Talaíde (São Domingos de Rana), a necrópole da Tapada do Manuel Antunes (Castelo de Vide) e até em sítios do atual território espanhol, entre os quais o povoado de Gózquez de Arriba (Madrid) e a necrópole de Santa María de Hito (Cantábria). Em todas as necrópoles nota-se uma clara maioria das peças metálicas em relação aos materiais cerâmicos. A cultura material baliza-se cronologicamente entre finais do século V e as primeiras duas décadas do VIII d.C., o que demonstra a larga diacronia de algumas das necrópoles estudadas.

O conhecimento que se proporcionou com a presente dissertação passou igualmente pela averiguação do atual estado de conservação dos sítios em estudo e pela identificação de novos vestígios. Considerando-se em boa medida a norma da conservação pelo registo previsto na Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro) para o caso da futura destruição dos testemunhos, optou-se pela realização de desenhos e fotografia. As sepulturas que se preservam *in situ* na necrópole de Alcoitão (Alcabideche) e na estação arqueológica de Casais Velhos (Cascais) revelaram-se estruturalmente comprometidas, conquanto se observou a ausência de algumas lajes pétreas. A procura infrutífera pela necrópole da Abuxarda resultou, por outro lado, no reconhecimento de possíveis estruturas soterradas, identificadas através de *Google Earth*, apesar de não ter sido possível atribuir-lhes uma cronologia. O trabalho de reconhecimento no terreno permitiu ainda que, em Alcoitão, Casais Velhos e Abuxarda, pudessem ser observados materiais cerâmicos à superfície.

Os dados que foram possíveis de coligir dão a ideia de um território onde as populações levaram a cabo rituais funerários nos quais se denotam arqueologicamente reminiscências de um Passado pagão. As necrópoles de inumação dos séculos VI e VII caracterizam-se pela diversidade arquitetónica das sepulturas, pela proximidade espacial entre elas respeitando uma orientação canónica Este-Oeste, pela presença de espólios funerários que acompanhavam os defuntos e pelo intenso reaproveitamento de sepulturas para uma sucessão de enterramentos.

É fundamental que se continue a edificar um sólido quadro cronológico sustentado na aplicação de métodos de datação absoluta em amostras fiáveis procedentes de contextos bem definidos. A sua utilização permitirá não só afunilar

cronologias, mas também colmatar as limitações que os estudos estilístico-formais dos espólios apresentam. Esse é o desígnio a levar a cabo numa fase seguinte, haja condições financeiras e apoios para a realização das necessárias análises. Também se crê que os projetos de investigação devem orientar-se para o estudo do povoamento campesino em época suevo-visigoda, sem que estes sejam necessariamente fruto de intervenções de carácter preventivo. A publicação e a apresentação pública dos resultados de intervenções arqueológicas deste tipo de contextos é outra arma para o desenvolvimento da própria investigação. Além da divulgação é ainda essencial estimular a formulação de cenários interpretativos para a Alta Idade Média portuguesa, como forma de despertar e integrar as populações locais em ações de defesa do seu património e do seu Passado.

Os resultados alcançados permitem, agora, começar a construir uma ideia do que terá sido morrer no concelho de Cascais entre os séculos VI e VII, apesar de os buracos de informação serem ainda consideráveis. Esta dissertação teve como intuito rever os dados disponíveis das necrópoles cascalenses e permitir integrar este fenómeno funerário no processo histórico da sociedade rural alto-medieval portuguesa e julgamos que o objetivo foi cumprido. Espera-se ainda que este trabalho possa estimular estudos neste mesmo sentido que integrem metodologias interdisciplinares que propiciem novos dados e novas leituras de velhas necrópoles.

Bibliografia

ALMEIDA, F. (1962) - *Arte visigótica em Portugal. O Arqueólogo Português*. Nova Série: IV, pp. 5-278.

ALMEIDA, J. P. (2009) – *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal. Escavações de Manuel Heleno das décadas de 40-60 do século XX*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/362> [Consultado a 29/7/2015].

ANTUNES-FERREIRA, N. (2005) – *Paleobiologia de grupos populacionais do Neolítico Final/Calcolítico do Poço Velho (Cascais)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

ARDANAZ ARRANZ, F. (2006) - *La necrópolis visigoda de Cacera de las Ranas (Aranjuez, Madrid). Zona Arqueológica*. Nº 8. Vol. II: La investigación arqueológica de la época visigoda en la Comunidad de Madrid. Madrid: Museo Arqueológico Regional, pp. 614-627.

AREZES, A. (2010) – *Elementos de adorno altomedievicos em Portugal (séculos V a VIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

BARROCA, M. (1987) – *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séc. V a XV)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

BRANCO, A. C. e FERREIRA, O. Da V. (1971) – *Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho)*. *Boletim do Museu Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães*. Nº 2. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 69-83.

BRUZEK, J. (2002) – *A Method for Visual Determination of Sex, Using the Human Hip Bone*. *American Journal of Physical Anthropology*. N.º 117. Estados Unidos: American Association of Physical Anthropologists, pp. 157–168.

BUIKSTRA, J. e UBELAKER, D. (1994) - *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains: Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History (Arkansas Archeological Survey Research Report)*. *Arkansas Archeological Survey Research Series*. N.º 44. Arkansas: Arkansas Archeological Survey.

CARDOSO, G. (1991) – *Carta Arqueológica de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, G. (2002) – *Acerca das comunicações no sudoeste do Ager Olisiponensis. V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania romana: Las comunicaciones*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 135-146.

CARDOSO, G. e CARDOSO, J. L. (1995) – *A necrópole tardo romana e medieval de Talaíde*

(Cascais). *Estudo preliminar. IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans da Universitat de Barcelona & Universidade Nova de Lisboa, pp. 407-414.

CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. e GUERRA, M. F. (1995) – *A necrópole tardo romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 5. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp. 315-339.

CARDOSO, G. e ENCARNAÇÃO, J. d' (1987) – *O Povoado romano dos Casais Velhos* [Folheto]. Cascais: Associação Cultural de Cascais.

CARDOSO, G. e ENCARNAÇÃO, J. d' (1999) - *Relatório de escavação da Villa romana de Miroiço – Manique (concelho de Cascais)*. Disponível na Biblioteca de Arqueologia da Direcção-Geral do Património Cultural, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

CARDOSO, G. e ENCARNAÇÃO, J. d' (2001) – *Relatório das Sondagens Realizadas na Área de Protecção da Necrópole de Alcoitão (Concelho de Cascais)*. Disponível na Biblioteca de Arqueologia da Direcção-Geral do Património Cultural, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

CARDOSO, H. (2008a) - *Age Estimation of Adolescent and Young Adult Male and Female Skeletons II, Epiphyseal Union at the Upper Limb and Scapular Girdle in a Modern Portuguese Skeletal Sample*. *American Journal of Physical Anthropology* N.º 137. Estados Unidos: American Association of Physical Anthropologists, pp. 97-105.

CARDOSO, H. (2008b) - *Epiphyseal Union at the Innominate and Lower Limb in a Modern Portuguese Skeletal Sample, and Age Estimation in Adolescent and Young Adult Male and Female Skeletons*. *American Journal of Physical Anthropology* N.º 135. Estados Unidos: American Association of Physical Anthropologists, pp. 161-170.

CARTAILHAC, M. E. (1886) – *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal : résultats d'une mission scientifique du Ministère de l'Instruction Publique*. Paris : CH. Reinwald.

CONTRERAS MARTÍNEZ, M. (2006) - *Evolución del ritual funerario entre los ss. VI y VIII d.C. en el asentamiento de Gózquez de Arriba (San Martín de la Vega, Madrid)*. In LÓPEZ QUIROGA, J.; MARTÍNEZ TEJERA, A. M.; e MORÍN DE PABLOS, J. (eds.) – *Gallia e Hispania en el contexto de la presencia 'germánica' (siglos V-VII). Balance y perspectivas*. Oxford, pp. 273-288.

CONTRERAS MARTÍNEZ, M. e FERNÁNDEZ UGANDE, A. (2006) – *El espacio funerario en el poblado de época visigoda de Gózquez de Arriba (San Martín de la Vega, Madrid)*. *Zona Arqueológica*. N.º 8. Vol. III: La Ciudad y el Campo. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, pp. 539-557.

CORREIA, V. (1928) - *Arte Visigótica*. In PERES, D. (dir.), *História de Portugal*. Vol I. Barcelos: Portucalense Editora, pp. 363-431.

CORTEZ, F. R. (1950) - *Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal. Séculos V a VII (alguns elementos para sua cronologia)*. O Instituto. N.º 114, pp. 52-92.

COUTINHO, H. (2005) - *As ruínas do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.

CUNHA, Mélanie (2008) - *As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz): do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Direção Municipal de Ordenamento do Território e da Gestão Urbanística / Divisão do Plano Diretor Municipal da Câmara Municipal de Cascais (2013) – *Plano Diretor Municipal: Estudos de caracterização / Relatório*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. Disponível em <http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/relatorio.pdf> [Consultado a 2/1/2015].

FEREMBACH, D; SCHWIDETZKY, I. e STLOUKAL, M. (1979) – *Recommendation for Age and Sex Diagnoses of Skeletons*. Journal of Human Evolution. N.º 9. [s.l.]: Academic Press, pp. 517-549.

FIGUEIREDO, F. de e PAÇO, A. (1950) – *Vestígios romanos de los “Casais Velhos” (Areia, Cascais)*. Actas del I Congreso Nacional de Arqueología e V Congreso Arqueológico del Sudeste Español (Almería, 1949). Cartagena: Junta Municipal de Arqueología y del Museo de Cartagena, pp. 306-312.

GONÇALVES, A. M. (2011) – *A necrópole romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo, Sintra)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2011. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6940/29/ulfl109959_tm.pdf [Consultado a 30/3/2015].

GONÇALVES, V. S. (1972) - *Uma nova necrópole da Idade do Bronze: a Gruta da Marmota*. O Arqueólogo Português. III Série: vol. VI, pp. 213-218.

GONÇALVES, V. S. (2008) – *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais & UNIARQ.

GONZÁLEZ VILLAESCUSA, R. (2001) – *El mundo funerario romano en el País Valenciano: Monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a. de C. – VII d. de C.* Madrid/Alicante: Casa de Velázquez – Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”.

GUTIÉRREZ CUENCA, E. e HIERRO GÁRATE, J. A. (2009) - *Dos anillos con inscripción procedentes de la necrópolis de Santa María de Hito (Cantabria)*. PYRENAE. N.º 20, vol. 1. Barcelona: Departament de Prehistòria, Història Antigua i Anqueologia de la Universitat de Barcelona, pp. 149-173.

GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A. (2010) - *Arqueología tardoantigua en Asturias. Una perspectiva de la organización territorial y del poder en los orígenes del Reino de Asturias*. Oviedo: Universidad de Oviedo, pp. 1-33. Disponible en http://www.unioviado.es/arqueologiamedieval/index_archivos/Articulos_Avelino/ARQUEO_TARDOANT_AST.pdf [Consultado a 2/6/2015].

HALSALL, G. (2011) – Ethnicity and early medieval cemeteries. In QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (ed.) – *Dossier: Archaeology and ethnicity. Reassessing the “Visigothic necropoleis”*. *Arqueología y Territorio Medieval*. Vol. 18. Jaén: Universidad de Jaén, pp. 15-27.

HERRMANN, B.; GRUPE, G.; HUMMEL, S.; PIEPENBRINK, H. e SCHUTKOWSKI, H. (1990) – *Prähistorische Anthropologie. Leitfaden der Feld- und Labormethoden*. Berlin: Springer-Verlag.

HIERRO GÁRATE, J. A. (2002) – *Arqueología de la Tardoantigüedad en Cantabria: yacimientos y hallazgos en cueva. Nivel Cero*. Vol. 10. Santander: Grupo Arqueológico Attica, pp. 113-128.

HIERRO GÁRATE, J. A. (2011) – *La utilización sepulcral de las cuevas en Época Visigoda: los casos de Las Penas, La Garma y el Portillo del Arenal (Cantabria)*. *Munibe Antropología-Arkeología*. N.º 62. Donostia, San Sebastián: Sociedad de Ciencias Aranzadi, pp. 351-402.

LOPES, V. (2003) - *Mértola na Antiguidade tardia. A topografia histórica da cidade o seu território nos alvares do cristianismo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

LÓPEZ REQUENA, M. e BARROSO CABRERA, R. (1994) – La Necrópolis de la Dehesa de la Casa. Una aproximación al estudio de la época visigoda en la Provincia de Cuenca. *Arqueología Conquense*. N.º XII. Cuenca: Diputación Provincial de Cuenca.

MACIEL, J. (1996) - *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.

MARTÍN VISO, I. (2012) – *Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica*. *Zephyrus: Revista de Prehistoria y Arqueología*. Vol. LXIX. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 165-187.

MARTÍN VISO, I. (2014) – *El espacio del más acá: las geografías funerarias entre la Alta y la Plena Edad Media*. *De La Tierra Al Cielo. Ubi Sunt Qui Ante Nos In Hoc Mundo Fuere?* XXIV Semana de Estudios Medievales (Nájera, del 29 Julio al 2 Agosto de 2013). Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, pp. 75-140.

MORA-FIGUEROA, L. de (1981) – *La necrópolis hispanovisigoda de Sanlucarejo (Arcos de la Frontera, Cádiz)*. *Estudios de Historia y de Arqueología Medievales*. Vol. 1. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 63-76.

OLIVEIRA, F. P. e (1888-1892) – *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*. Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos. Tomo II. Lisboa: Academia Real das Sciencias, pp. 82-107.

ORTON, C.; TYERS, P. e VINCE, A. (1993) – *Pottery in Archaeology*. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge: University Press.

PAÇO, A. do (1941) – *As grutas do Poço Velho ou de Cascais*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Tomo XXII. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, pp. 1-44.

PAÇO, A. do (1960) – *Vestígios de influência germânica no concelho de Cascais*. Separata da revista Bracara Augusta. Volume IX. Braga: Câmara Municipal de Braga, pp. 30-40.

PAÇO, A. do; e FIGUEIREDO, F. de (1947) – *Placa de cinturão visigótica das Grutas de Cascais*. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria: Homenaje a Julio Martínez Santa-Olalla (vol. II). Tomo XXII. Madrid: Museo Antropológico Nacional, pp. 14-20.

PEREIRA, F. A. (1916) – *Antiquitvs: IV – Entre Alvide e Abuxarda (Cascais)*. O Arqueólogo Português. Vol. XXI. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 207-210.

PRATA, S. (2012) - *As necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (concelhos de Castelo de Vide e de Marvão)*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiada.

QUIRÓS CASTILLO, J. A. (ed.) (2013) – *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. Arqueología del campesinato en el interior peninsular*. Documentos de Arqueología Medieval 6. Bilbao: Universidad del País Vasco.

QUIRÓS CASTILLO, J. A. e ALONSO MARTÍN, A. (2007-2008) – *Las ocupaciones rupestres en el fin de la Antigüedad. Los materiales cerámicos de Los Husos (Laguardia, Álava)*. VELEIA. País Vasco: Instituto de Ciencias de la Antigüedad de la Universidad del País Vasco, pp. 1123-1142.

QUIRÓS CASTILLO, J. A. e VIGIL-ESCALERA, A. (2011) – *Dove Sono I Visigoti? Cimiteri e Villaggi Nella Spagna Centrale Nei Secolo VI e VII*. Actas do Convegno Internazionale di Studi Cimitile (Santa Maria Capua Vetere, 17-18 Junho de 2010). Cimitile: Tavolario Edizione, pp. 159-181.

RIPOLL LÓPEZ, G. (1986) – *La ocupación visigoda en época romana a través de sus necrópolis*. Tesis Doctoral presentada a la Universidad de Barcelona bajo la dirección del Profesor Dr. Pere de Palol. Disponível em <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/42641> [Consultado a 9/6/2015].

RIPOLL LÓPEZ, G. (1989) – *Características generales del poblamiento y la arqueología funeraria visigoda de Hispania*. Espacio Tiempo y Forma. Série I: Prehistoria y Arqueología. N.º 2. Madrid:

Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Nacional de Educación a Distancia, pp. 389-418.

ROCHA, M. A. da (1970) – *Características de uma população romana (?) de Cascais. Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*. Vol. VIII: Fasc. 4. Coimbra: Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, pp. 157-167.

ROMÁN PUNZÓN, J. (2004) – *El mundo funerario rural en la provincia de Granada durante la antigüedad tardía*. Monografía. Granada: Universidad de Granada.

SARMENTO, Guilherme Soares (2012) – *O Povoamento tardo-romano na localidade de Casais Velhos, Areia*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em Janeiro de 2012. Policopiado.

SCHAEFER, M.; BLACK, S. e SCHEUER, L. (2009) – *Juvenile Osteology: a laboratory and field manual*. [s.l.]: Academic Press.

SCHEUER, L. e BLACK, S. (2000) – *Development Juvenile Osteology*. London: Academic Press.

SILVA, A. M. (1993) - *Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II: Estudo antropológico*. Relatório de investigação em Ciências Humanas. Coimbra: Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

SILVA, A. M. (1995) – *Sex Assessment Using the Calcaneus and Talus*. Antropologia Portuguesa. N. º 13. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 107-119.

SILVA, A. M. (2002) - *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico Final/Calcolítico*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Policopiado.

SMITH, B. H. (1991) - *Standards of Human Tooth Formation and Dental Age Assessment*. Advances in Dental Anthropology, pp. 143-168.

SOEIRO, M. B. Barbosa e FERNANDES, A. M. V. (1933) - *O índice cnémico nas tíbias humanas das estações romanas da Alcoutão e Fonte do Padre Pedro*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Tomo XIX. Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, pp. 223-233.

TEJERIZO GARCÍA, C. (2011) – Ethnicity in early middle age cemeteries. The case of the “Visigothic” burials. In QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (ed.) – *Dossier: Archaeology and ethnicity. Reassessing the “Visigothic necropoleis”*. Arqueología y Territorio Medieval. Vol. 18. Jaén: Universidade de Jaén, pp. 28-42.

TEJERIZO GARCÍA, C. (2012) – *Más allá de la Etnia. Arqueología funeraria en la Meseta (ss. VI-VIII D.C.). Actas do II Congresso de Arqueologia de Chamartín (Ávila, 5-7 Agosto de 2011)*. Madrid: La Ergastula, pp. 37-49.

TENTE, C. (2010) – *Arqueologia medieval cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/4804> [Consultada a 10/8/2015].

TENTE, C. e CARVALHO, A. F. (2015) – *Sepulturas e necrópoles alto medievais na investigação portuguesa. Metodologías, problemáticas e perspectiva*. In QUIRÓS CASTILLO, J. A., CASTELLANOS S. (Eds.) - Seminario internacional “Quienes fueron, qué fueron y qué hacían. Identidad y arqueología funeraria entre los siglos V y VIII”, Vitória/Gasteiz, submetido em revisto e aprovado para publicação em Dezembro. Encontra-se no prelo.

TENTE, C. e LOURENÇO, S. (1998) – *Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*. Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 1: N.º 2. Lisboa: IPA, pp. 191-218.

TORRES, C.; MACÍAS, S. (coords.) (1993) - *Basílica Paleocristã*. Mértola: Museu de Mértola.

UBELAKER, D. (1979) – *Human Skeletal Remains: excavation, analysis, interpretation*. Washington: Taraxacum Washington.

VASCONCELLOS, J. L. (1913) - *Religiões da Lusitânia*. Vol. III. Lisboa: Instituto Nacional Casa da Moeda.

VEIGA, S. E. da (1889) – *Paleoethnologia. Antiguidades Monumentaes do Algarve: Tempos Préhistóricos*. Volume III. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. E. da (1891) – *Paleoethnologia. Antiguidades Monumentaes do Algarve: Tempos Préhistóricos*. Volume IV. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (1999) – *Evolución de los morfotipos de cerámica común de un asentamiento rural visigodo de la Meseta (Gózquez de Arriba, San Martín de la Veja, Madrid)*. *Arqueohispania*. N.º 0. Disponível em https://www.academia.edu/1073812/Evoluci%C3%B3n_de_los_morfotipos_de_cer%C3%A1mica_com%C3%BAn_de_un_asentamiento_rural_visigodo_de_la_Meseta_G%C3%B3zquez_de_Arriba_San_Mart%C3%ADn_de_la_Vega_Madrid [Consultado a 5/6/2015].

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2007) – *Granjas y aldeas altomedievales al Norte de Toledo (450-800 D.C.)*. *Archivo Español de Arqueología*. Vol. 80. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 239-284.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2013) – *Prácticas y ritos funerarios*. In QUIRÓS CASTILLO, J. A. (ed.) – *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. Arqueología del campesinato en el interior peninsular. Documentos de Arqueología Medieval 6*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 259-288.

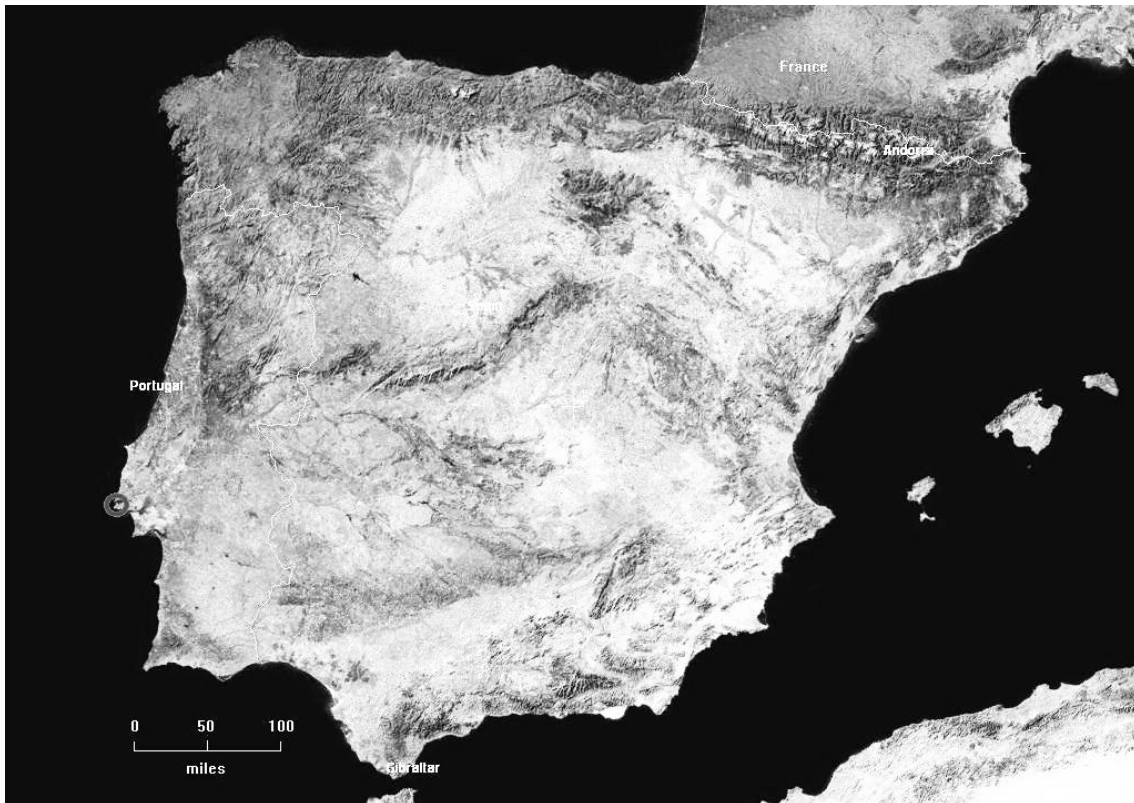
WALDRON, T. (2009) – *Palaeopathology. Manuals in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

WASTERLAIN, R. S. N. (2000) – *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra [não publicado].

ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa: IPPAR.

Anexos

Anexo I: Documentação cartográfica introdutória



I.1. Integração regional do concelho de Cascais no mapa da Península Ibérica (Google Images, 2015)
[Consultado a 1/7/2015]



I.2. Integração regional do concelho de Cascais no mapa de Portugal e respetivas freguesias (Google Images, 2015) [Consultado a 1/7/2015]



I.3. Projeção cartográfica dos sítios arqueológicos em estudo na Carta Militar de Portugal 1:25.000 (Folhas n.º 429 e 430)

Legenda: ○ Necrópole ▲ Materiais arqueológicos à superfície ? Localização incerta

Anexo II: Documentação cartográfica, gráfica e fotográfica das necrópoles e dos seus espólios

II. 1 Alcoitão



Figura 1 - Localização da necrópole de Alcoitão. Projeção na CMP 1:25.000, folha n.º 430



Figura 2 - Localização da necrópole de Alcoitão em imagem do Google Earth (Junho/2015)



Figura 3 - Sepultura 1 com tampa
(CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)



Figura 4 - Sepultura 1 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)

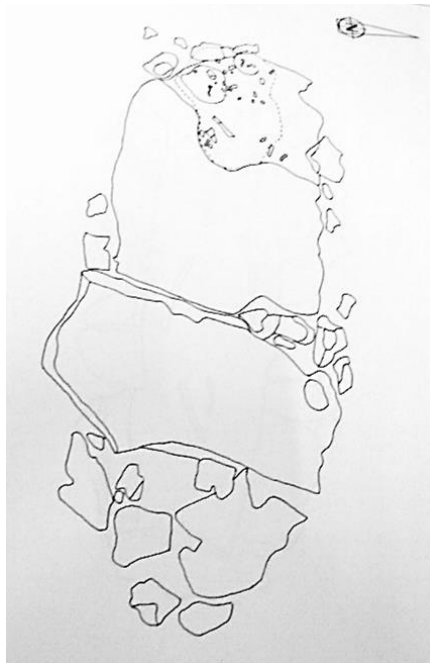


Figura 5 - Sepultura 1 com tampa.
Desenho à escala 1:10 (CARDOSO e
ENCARNAÇÃO, 2001)

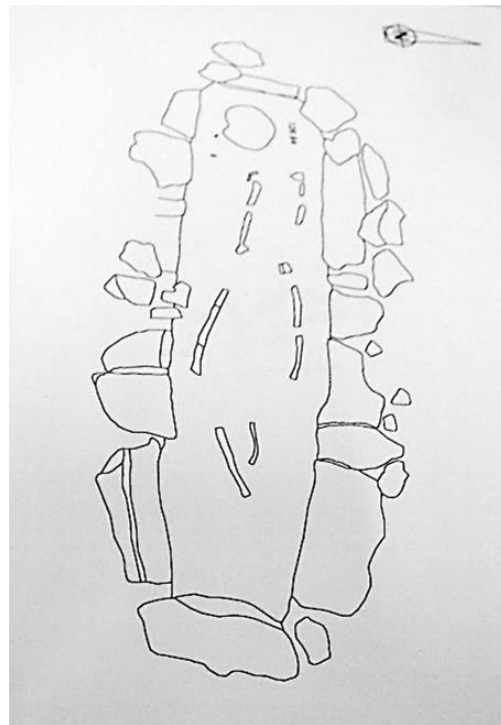


Figura 6 - Sepultura 1. Desenho à escala 1:10 (CARDOSO e
ENCARNAÇÃO, 2001)

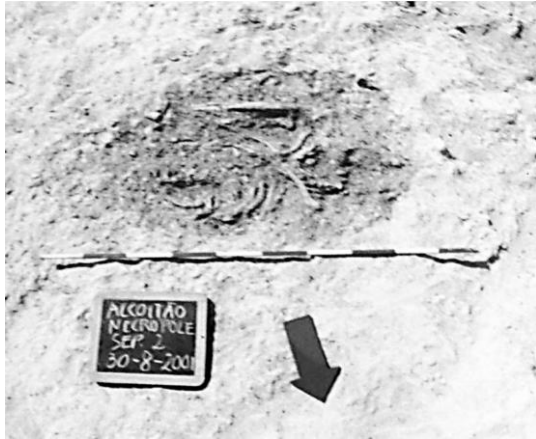


Figura 7 - Sepultura 2 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)

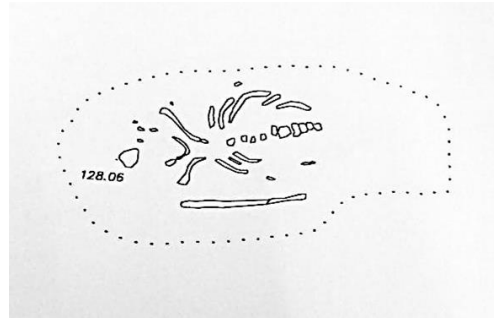


Figura 8 - Sepultura 2. Desenho à escala 1:10 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)



Figura 9 - Sepultura 3 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)

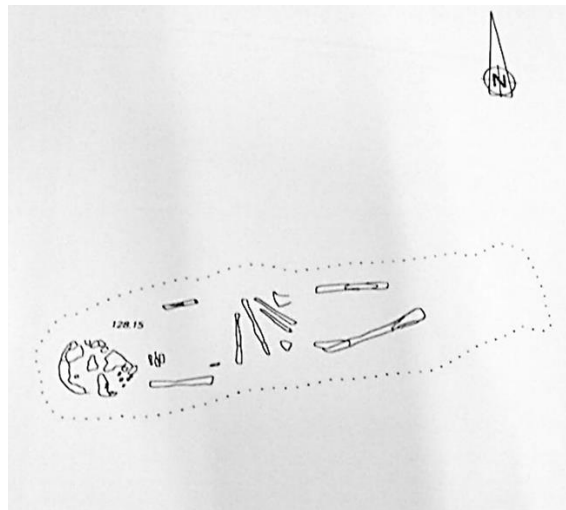


Figura 10 - Sepultura 3. Desenho à escala 1:10 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)



Figura 11 - Relocalização da Sepultura A durante a intervenção de 2001 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)

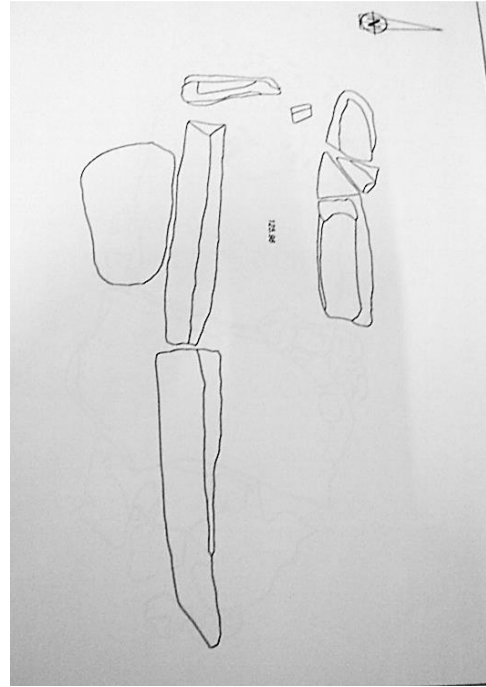


Figura 12 - Sepultura A. Desenho à escala 1:10 (CARDOSO e ENCARNAÇÃO, 2001)



Figura 13 - Trabalho de campo: Sepultura A

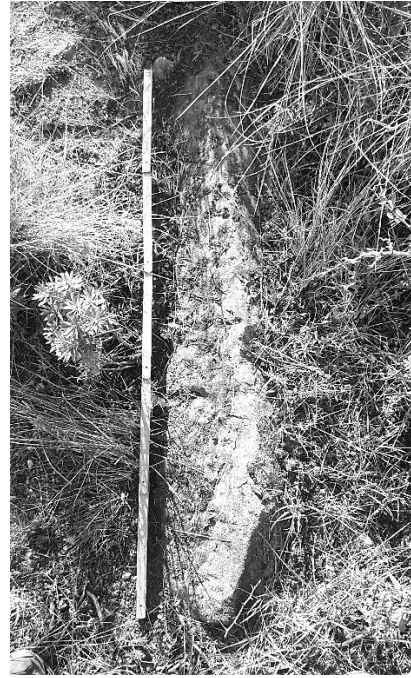


Figura 14 - Trabalho de campo: outros vestígios na área da necrópole



Figura 15 - Trabalho de campo: outros vestígios na área da necrópole

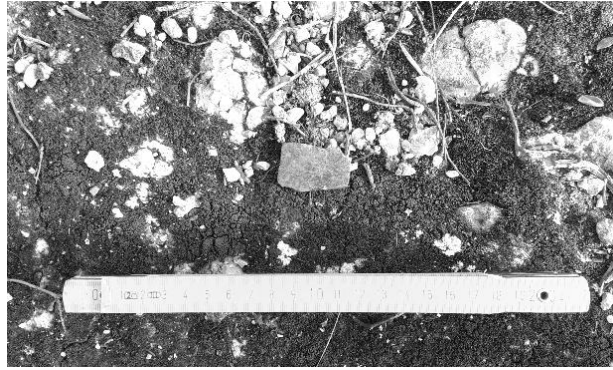


Figura 16 - Trabalho de campo: materiais arqueológicos à superfície



Figura 17 - Jarro AL.1. Fotografia retirada do website 'Matriz Net' (matriznet.dgpc.pt)

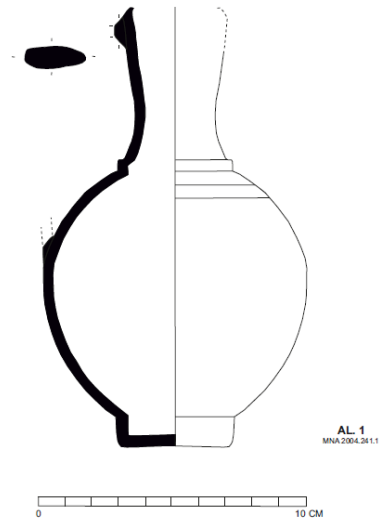


Figura 18 - Jarro AL.1

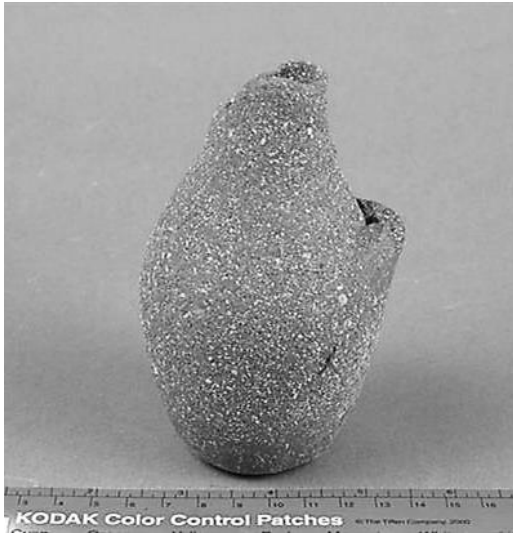


Figura 19 - Jarro AL.2. Fotografia retirada do website 'Matriz Net' (matriznet.dgpc.pt)

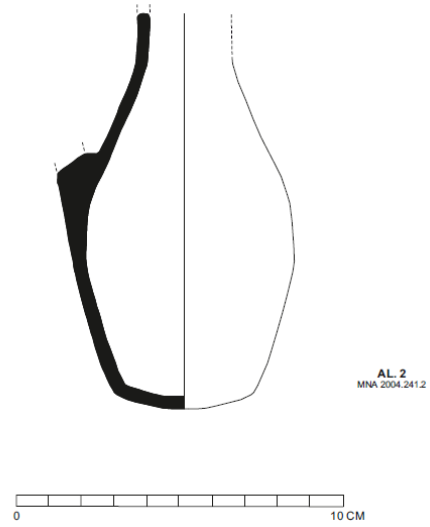


Figura 20 - Jarro AL.2



Figura 21 - Anel AL.3 (AREZES, 2010, Est. LXXII: 206)



Figura 22 - Anel AL.3 (AREZES, 2010, Est. LXXII: 207)



Figura 23 - Desenho do anel AL.3 (AREZES, 2010, Est. LXXII: 208)

II. 2 Casais Velhos

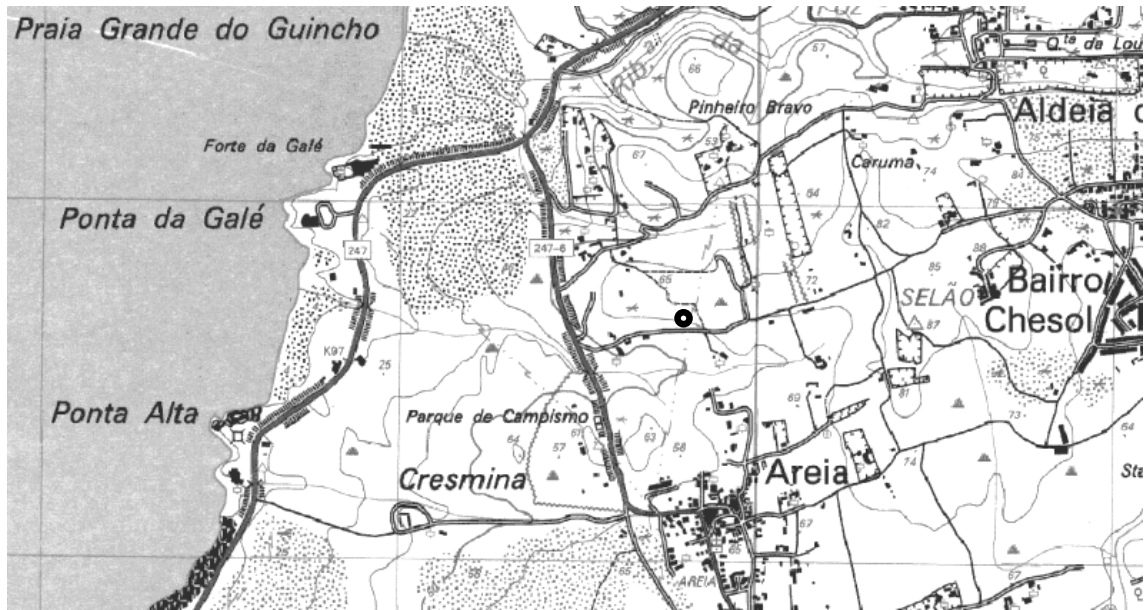


Figura 24 - Localização da necrópole de Casais Velhos. Projeção na CMP 1:25.000, folha n.º 429



Figura 25 - Localização da necrópole de Casais Velhos em imagem do Google Earth (Junho/2015)



Figura 26 - Trabalho de campo: duas sepulturas de lajes geminadas



Figura 27 - Trabalho de campo: pormenor da cabeceira da sepultura mais a Oeste



Figura 28 - Jarro CV.1

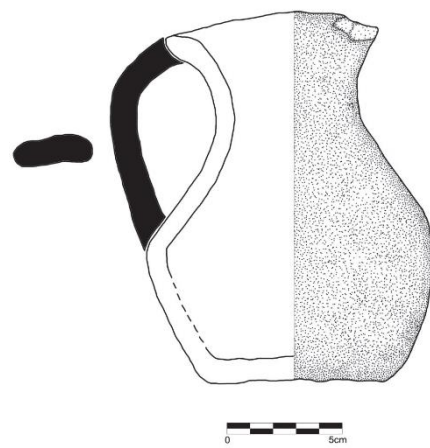


Figura 29 - Jarro CV.1 (SARMENTO, 2012, p. 101: 37)



Figura 30 - Jarro CV.2

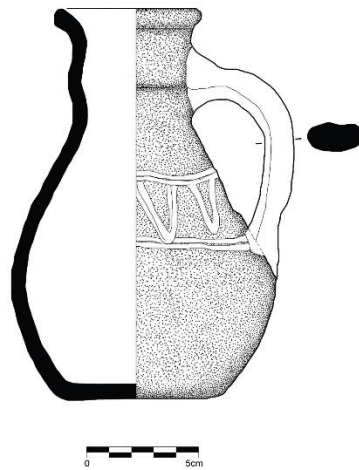


Figura 31 - Jarro CV.2 (SARMENTO, 2012, p. 106: 51)



Figura 32 - CV.3: Aplique zoomórfico

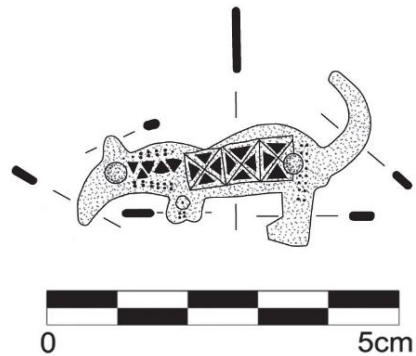


Figura 33 - CV.3: Aplique zoomórfico (SARMENTO, 2012, p. 110: 74)²¹

²¹ Deve-se ter em consideração que a fotografia e o desenho do aplique zoomórfico CV. 3 não têm a mesma proporção.



Figura 34 - CV.4: Aplique zoomórfico (AREZES, 2010, Est. LXXXV: 243)



Figura 35 - CV.4: Aplique zoomórfico (AREZES, 2010, Est. LXXXV: 245)



Figura 36 - CV.5: Brinco



Figura 37 - CV.5: Brinco (SARMENTO, 2012, p. 111: 76)



Figura 38 - CV.6: Brinco

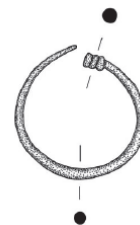


Figura 39 - CV.6: Brinco (SARMENTO, 2012, p. 111: 77)

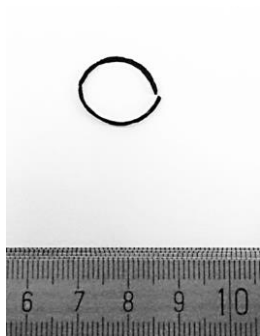


Figura 40 - CV.7: Anel



Figura 41 - CV.7: Anel (SARMENTO, 2012, p. 110: 73)



Figura 42 - CV.8: Bracelete

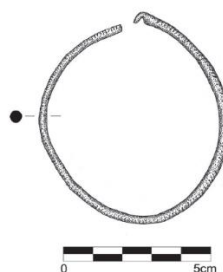


Figura 43 - CV.8: Bracelete (SARMENTO, 2012, p. 110: 72)



Figura 44 - CV.9: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXVII: 101)

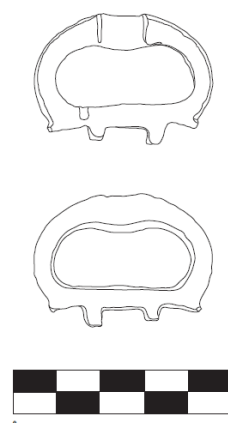


Figura 45 - CV.9: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXVII: 103)



Figura 46 - CV.10: Agulha

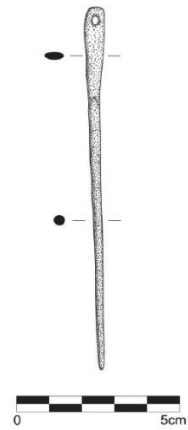


Figura 47 - CV.10: Agulha (SARMENTO, 2012, p. 111: 75)



Figura 48 - CV.11 e CV.12 respetivamente: Pregos

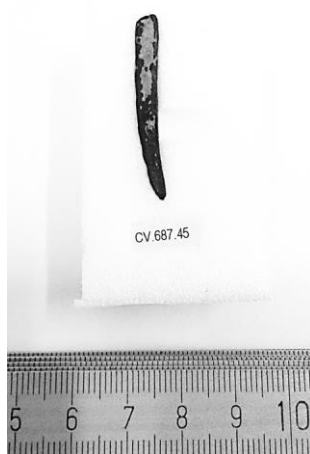


Figura 49 - CV.13: Prego



Figura 50 - CV.14: Prego

II. 3 Abuxarda

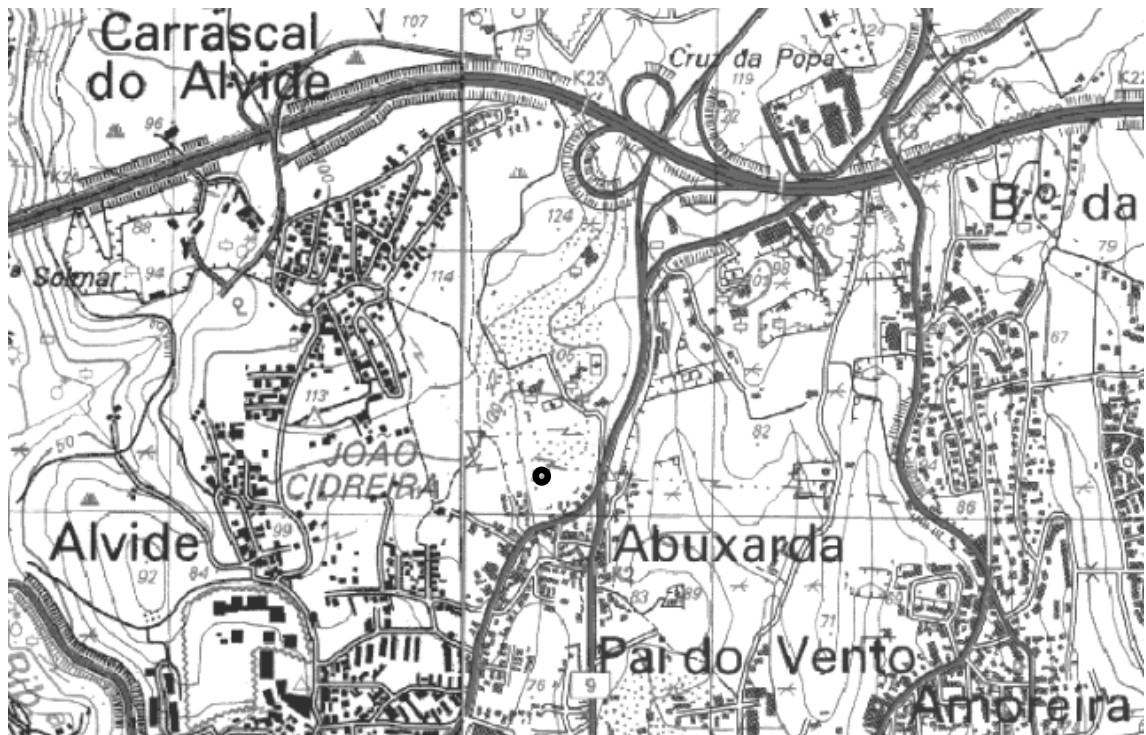


Figura 51 - Local onde foram observados materiais arqueológicos à superfície durante os trabalhos de prospeção. Projeção na CMP 1:25.000, folhas n.º 429 e 430



Figura 52 – Local onde foi observada uma grande densidade de materiais arqueológicos durante os trabalhos de prospeção. Imagem do Google Earth (Junho/2015)



Figura 53 - Jarro AB.1

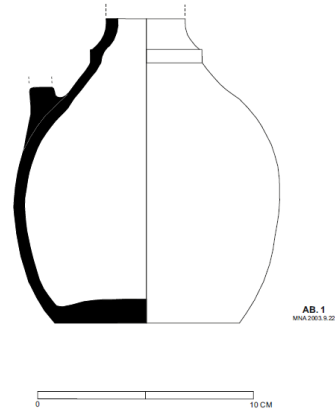


Figura 54 - Jarro AB.1



Figura 55 - AB.2: Placa de cinturão (AREZES, 2010, Est. I: 1)

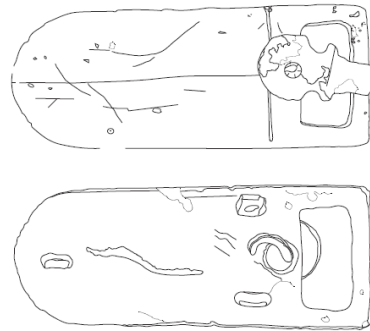


Figura 56 - AB.2: Placa de cinturão (AREZES, 2010, Est. I: 3)



Figura 57 - AB.3: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXI: 84)

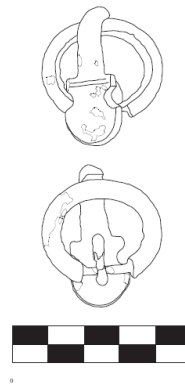


Figura 58 - AB.3: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXI: 86)



Figura 59 - AB.4: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXII: 87)

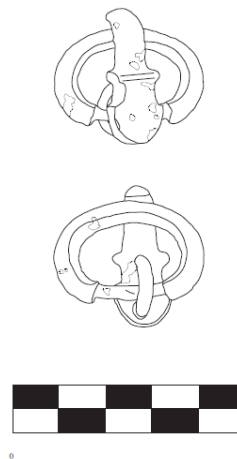


Figura 60 - AB.4: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXII: 89)



Figura 61 - AB.5: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXIII: 90)

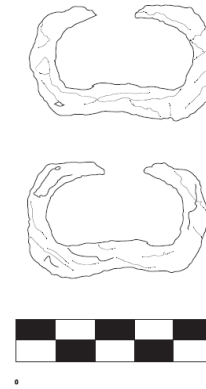


Figura 62 - AB.5: Fivela (AREZES, 2010, Est. XXXIII: 91)



Figura 63 - AB.6: Fuzilhão (AREZES, 2010, Est. LVI: 158)

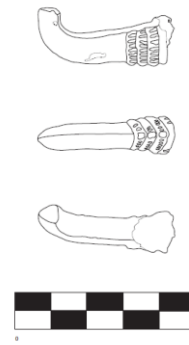


Figura 64 - AB.6: Fuzilhão (AREZES, 2010, Est. LVI: 160)



Figura 65 - AB.7: Anel (AREZES, 2010, Est. LXIII: 179)



Figura 66 - AB.7: Anel (AREZES, 2010, Est. LXIII: 180)

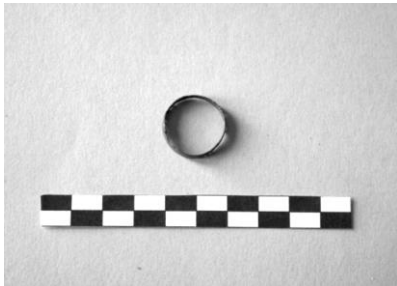


Figura 68 - AB.8: Anel (AREZES, 2010, Est. LXIV - fig. 183)

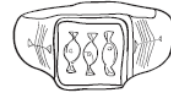


Figura 67 - AB.7: Anel (AREZES, 2010, Est. LXIII: 181)

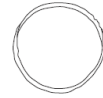


Figura 69 - AB.8: Anel (AREZES, 2010, Est. LXIV - fig. 184)



Figura 70 - AB.9: Anel (AREZES, 2010, Est. LXV:
186)



Figura 71 - AB.9: Anel (AREZES, 2010, Est. LXV:
187)

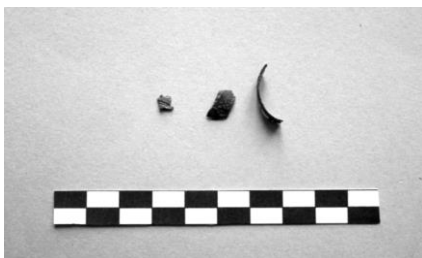


Figura 72 - AB.10: Anel (AREZES, 2010, Est. LXVI:
189)



Figura 73 - AB.10: Anel (AREZES, 2010, Est. LXVI:
190)



Figura 74 - AB.11: Anel (AREZES, 2010, Est. LXVII:
192)



Figura 75 - AB.11: Anel (AREZES, 2010, Est. LXVII:
193)



Figura 76 - AB.12: Anel (AREZES, 2010, Est. LXVIII:
195)



Figura 77 - AB.12: Anel (AREZES, 2010, Est. LXVIII:
196)



Figura 78 - AB.13: Anel (AREZES, 2010, Est. LXIX: 197)



Figura 79 - AB.13: Anel (AREZES, 2010, Est. LXIX: 199)



Figura 80 - AB.14: Anel (AREZES, 2010, Est. LXX: 201)



Figura 81 - AB.14: Anel (AREZES, 2010, Est. LXX: 202)



Figura 82 - AB.15: Anel (AREZES, 2010, Est. LXXI: 204)



Figura 83 - AB.15: Anel (AREZES, 2010, Est. LXXI: 205)



Figura 84 - AB.16: Anel

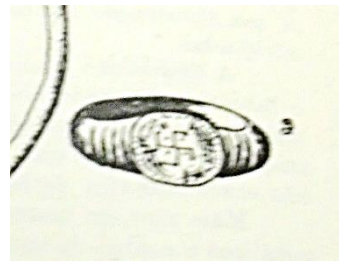


Figura 85 - AB.16: Anel (FIGUEIREDO e PAÇO, 1950, fig. 3-g)



Figura 86 - AB.17: Bracelete (AREZES, 2010, Est. LXXXIX: 255)



Figura 87 - AB.17: Bracelete (AREZES, 2010, Est. LXXXIX: 257)



Figura 88 - AB.18: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCIII: 267)

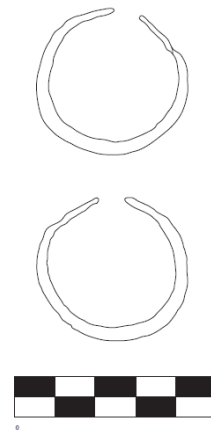


Figura 89 - AB.18: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCIII: 269)



Figura 90 - AB.19: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCIV: 270)



Figura 91 - AB.19: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCIV: 272)



Figura 92 - AB.20: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCV: 273)



Figura 93 - AB.20: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCV: 275)



Figura 94 - AB.21: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCVI: 276)

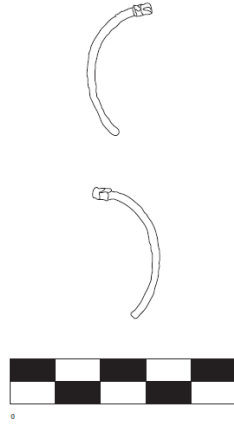


Figura 95 - AB.21: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCVI: 278)



Figura 96 - AB.22: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCVII: 279)

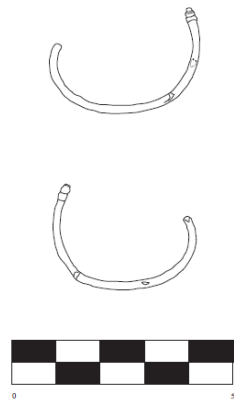


Figura 97 - AB.22: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCVII: 281)



Figura 98 - AB.23: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCVIII: 282)

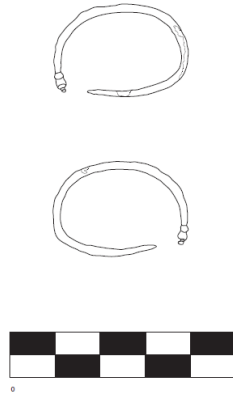


Figura 99 - AB.23: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCVIII: 284)



Figura 100 - AB.24: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCIX: 285)

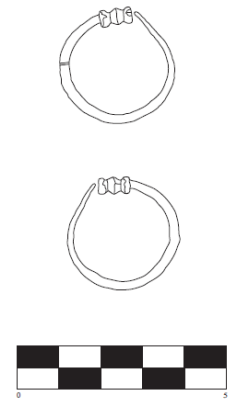


Figura 101 - AB.24: Brinco (AREZES, 2010, Est. XCIX: 287)

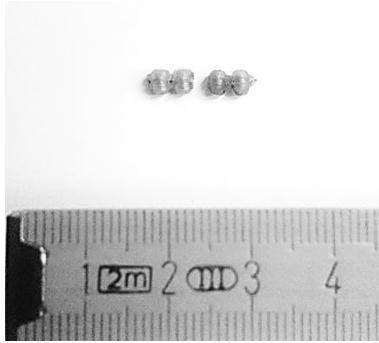


Figura 102 - AB.25: Contas de colar

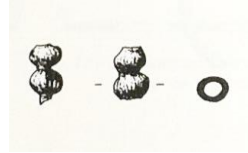


Figura 103 - AB.25: Contas de colar (CARDOSO, 1991, p. 45)



Figura 104 - AB.26: Conta de colar

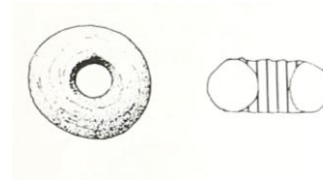


Figura 105 - AB.26: Conta de colar (CARDOSO, 1991, p. 45)



Figura 106 - AB.27: Conta de colar



Figura 107 - AB.27: Conta de colar (CARDOSO, 1991, p. 45)



Figura 108 - AB.28: Conta de colar

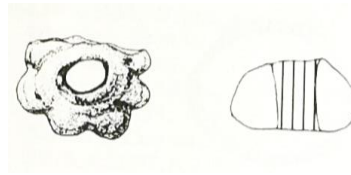


Figura 109 - AB.28: Conta de colar (CARDOSO, 1991, p. 45)



Figura 110 - AB.29: Fragmentos de contas de colar



Figura 111 - AB.29: Fragmentos de contas de colar (CARDOSO, 1991, p. 45)



Figura 112 - AB.30: Conta de colar



Figura 113 - AB.30: Conta de colar (CARDOSO, 1991, p. 45)



Figura 114 - AB.31: Fragmentos de contas de colar



Figura 115 - AB.31: Fragmentos de contas de colar (CARDOSO, 1991, p. 45)

II. 4 Murches

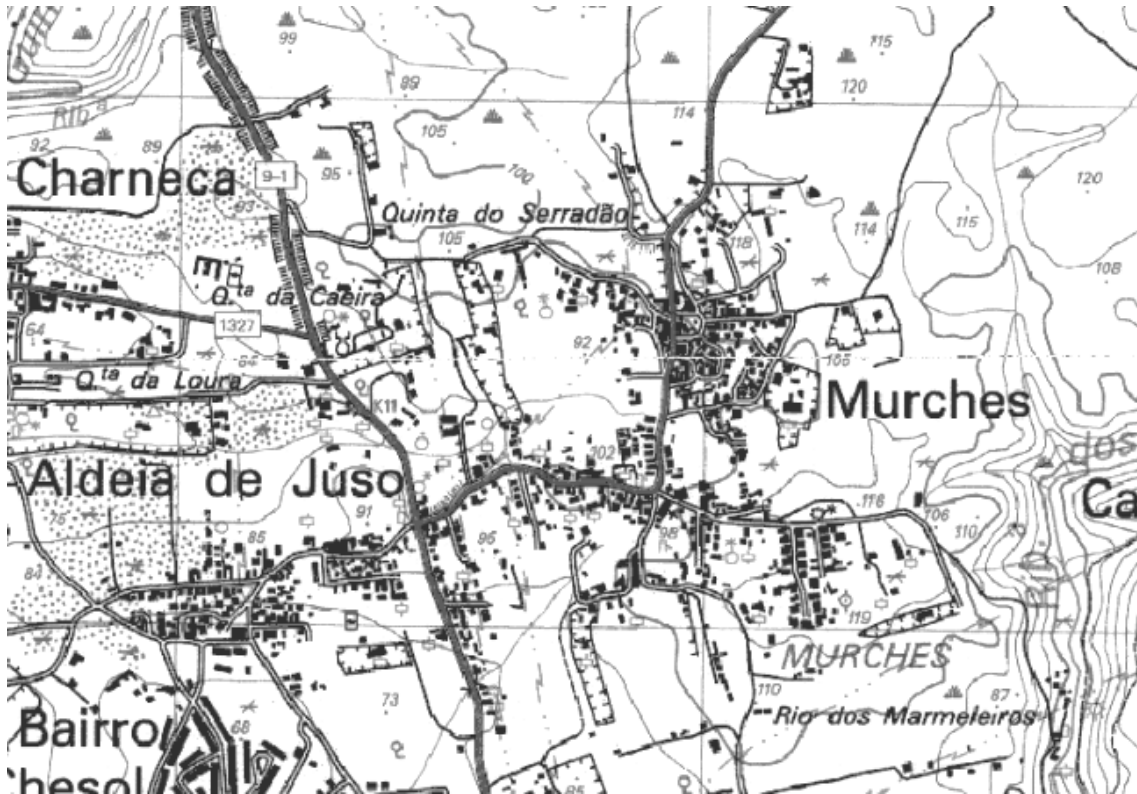


Figura 116 - Localização da aldeia de Murches. Excerto da CMP 1:25.000, folha n.º 430



Figura 117 - Localização da aldeia de Murches em imagem do Google Earth (Junho/2015)

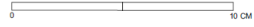
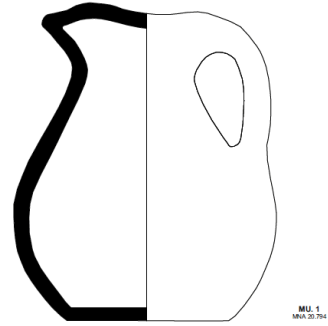


Figura 119 - Jarro MU.1



Figura 118 - Jarro MU.1

II. 5 Grutas do Poço Velho

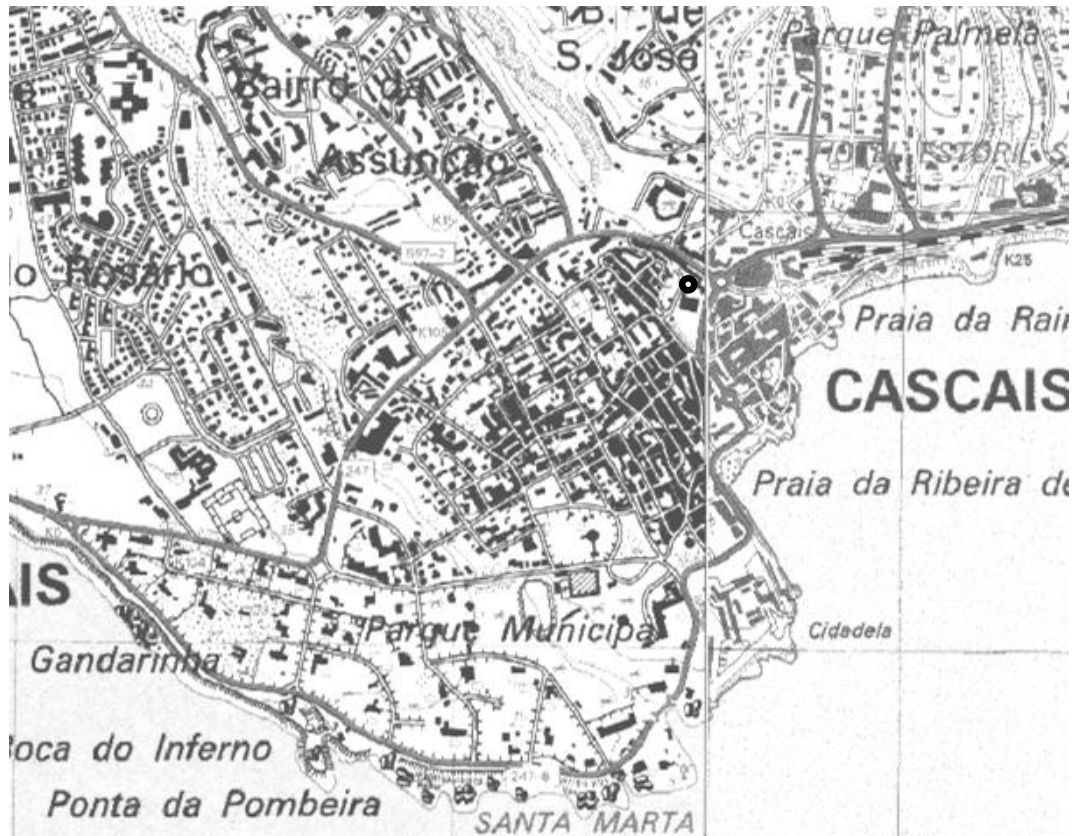


Figura 120 - Localização das Grutas do Poço Velho. Projeção na CMP 1:25.000, folhas n.º 429 e 430



Figura 121 - Localização das Grutas do Poço Velho em imagem do Google Earth (Junho/2015)

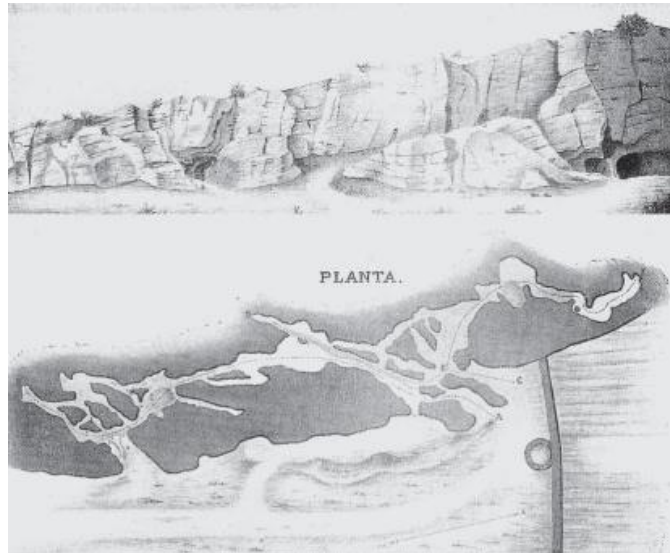


Figura 122 - Planta das Grutas do Poço Velho (ANTUNES-FERREIRA, 2005, p. 12)



Figura 123 - PV.1: Placa de cinturão (AREZES, 2010, Est. X: 25)



Figura 124 - PV.1: Placa de cinturão (AREZES, 2010, Est. X: 27)

